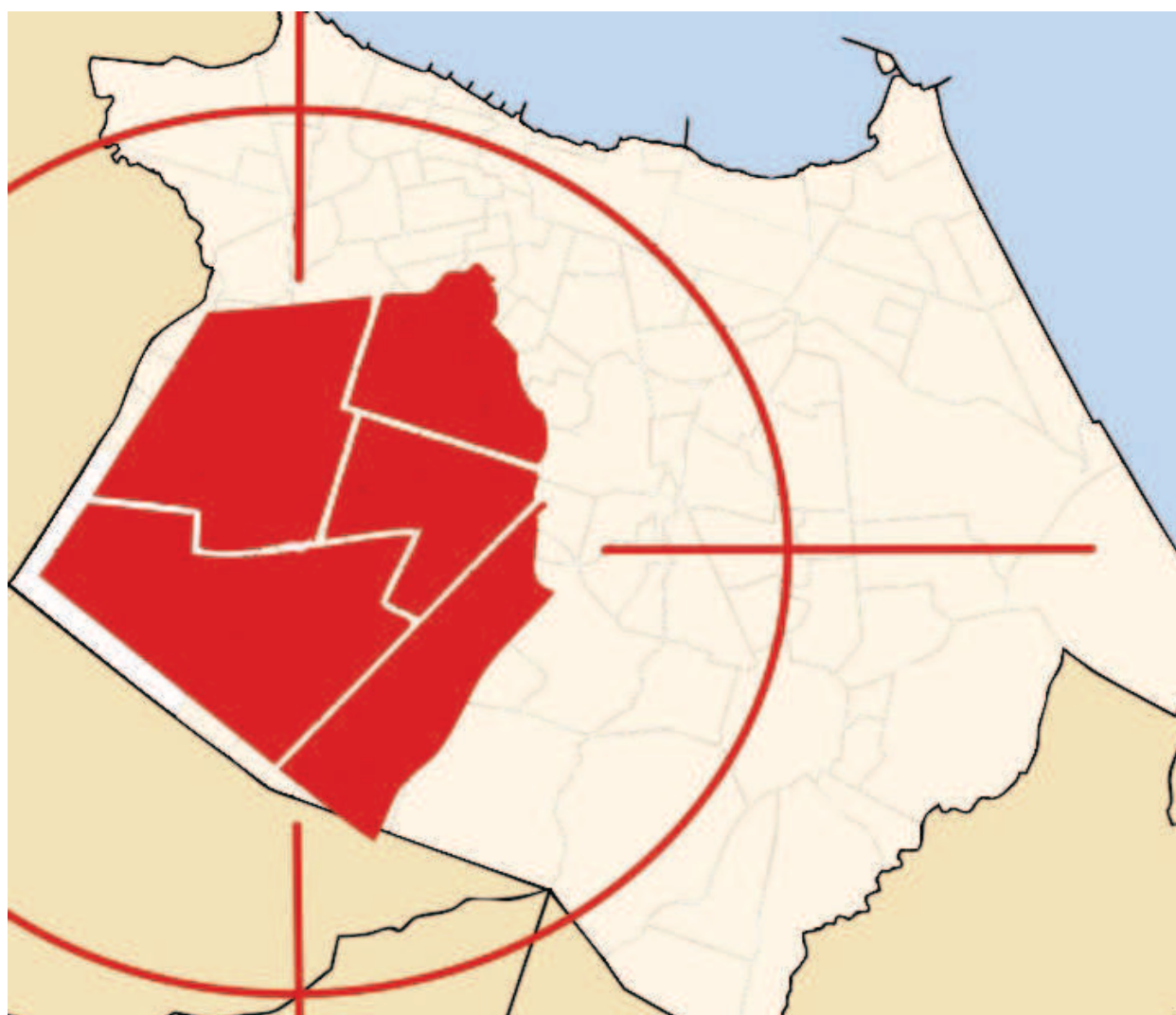


Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza



**Fortaleza - CE
2010**

RELATÓRIO DE PESQUISA

Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza

Responsáveis

Profa. Dra. Glaucíria Mota Brasil

Profa. Dra. Rosemary de Oliveira Almeida

Prof. Dr. César Barreira

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas

Fortaleza

2010

APRESENTAÇÃO

O presente relatório é resultado das atividades da **Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza** (Contrato de Serviço N° 01/2009 realizado entre a FUNECE - Fundação Universidade Estadual do Ceará- com interveniência do Instituto de Estudos, Pesquisas e Projetos-IEPRO e a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza - GMF com recursos da Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP do Ministério da Justiça-MJ), realizada por pesquisadores do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética-LABVIDA e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência-COVIO, ambos da Universidade Estadual do Ceará, e do Laboratório de Estudos da Violência-LEV da Universidade Federal do Ceará, com apoio da Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza - GMF, contando com recursos da Secretaria Nacional de Segurança Pública-SENASP do Ministério da Justiça - MJ e da Prefeitura Municipal de Fortaleza-PMF.

A Cartografia tem como objetivo formatar um documento tendo como referência mapas e dados dispostos em representação gráfica para comunicar as informações de forma clara e acessível. Entretanto, mais que isto, de posse da linguagem cartográfica, buscamos construir um espaço de diálogo e monitoramento das ocorrências, articulando desta forma parcerias entre os Laboratórios de Pesquisa das Universidades e a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza - GMF nas atividades de segurança urbana em Fortaleza. A meta é a construção de um banco de dados contendo informações as mais abrangentes possíveis sobre a criminalidade e a violência em Fortaleza, tendo a Guarda Municipal como o gerenciador desta informações. A consolidação deste espaço de atualização de Banco de dados será acompanhada por Profissionais da Guarda Municipal, tendo o suporte operacional dos Laboratórios de Pesquisa acima referidos, podendo contar com a disponibilidade de uma equipe multidisciplinar e com experiência para a gestão do núcleo de análise e processamento dos dados.

Entende-se por mapeamento a aplicação do processo cartográfico, sobre uma coleção de dados ou informações, com vistas à obtenção de uma representação gráfica da realidade perceptível, comunicada à partir da associação de símbolos e outros recursos gráficos que caracterizam a linguagem cartográfica (IBGE, 2009, p. 88).

Dentro desta realidade, acredita-se que a formatação de um banco de dados que possibilite cartografar as ocorrências criminais e violentas nos espaços da Cidade que contenha informações de fontes diferenciadas e, ao mesmo tempo, sejam complementares para possibilitar a positividade dos dados estatísticos.

A estratégia definida foi a de conhecermos, inicialmente, o que existe no município de Fortaleza sobre dados secundários que possam oferecer material bruto para definir efetivamente as categorias de organização do Banco de Dados da Pesquisa. Desta forma, passamos a visitar determinados órgãos estaduais e municipais na busca intencional de dados e tipos de registros de ocorrências criminais, com objetivo de melhor conhecermos e selecionarmos o material amostral a ser utilizado na produção cartográfica da pesquisa.

A partir das visitas, realizamos levantamento estatístico rastreando dados em toda a cidade de Fortaleza e suas Secretarias Executivas Regionais. Primeiramente, conforme consta em relatório parcial, privilegiamos no campo metodológico, a área denominada Território de Paz, onde se desenvolve políticas de intervenção do Programa Nacional de Segurança com Cidadania/PRONASCI, do Ministério da Justiça, e compreende o Grande Bom Jardim constituído pelos bairros do Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira, como amostra piloto da Pesquisa. No presente Relatório, entretanto, a referência geográfica das análises foram as 6 (seis) Secretarias Executivas Regionais da Cidade. Estas tiveram as ocorrências policiais mais recorrentes nos ruas e localidades dos bairros com altos índices de criminalidade e violência mapeadas e georeferenciadas.

Este Relatório é composto, basicamente, de duas grandes partes. A primeira contempla, intitulada **Fortaleza e suas Regionais: criminalidade e violência**, contém análise sobre criminalidade e violência urbana mapeando e problematizando dados gerais das ocorrências em Fortaleza e suas Regionais. Nesta perspectiva, as ocorrências que compõem o banco de dados estão quantificadas e descritas de acordo com a natureza de ocorrências disponibilizadas em quadros estatísticos, compreendendo a série histórica 2007, 2008 e 2009. A partir dessas ocorrências, a pesquisa selecionou criteriosamente cinco categorias que são as ocorrências policiais mais recorrentes na cidade de Fortaleza para serem efetivamente mapeadas e analisadas, que foram: relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal e mortes violentas(dentre estas destacamos os homicídios). Também realizamos uma reflexão sobre violência urbana, criminalidade,

conflitos sociais e análises sobre a construção simbólica dos denominados lugares perigosos nos espaços urbanos, além de uma análise crítica sobre políticas públicas, especialmente voltadas para a área da segurança urbana e para a categoria juventude.

A segunda parte do relatório intitulada **As Regionais e seus bairros em números** realiza, por meio da construção dos mapas e análise dos dados coletados e trabalhados em cada Regional e seus bairros, uma análise detalhada das cinco ocorrências mais recorrentes (relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal, mortes violentas e, dentre estas, homicídios) com destaque para o *Território de Paz* que está situado na Regional V. No caso dos homicídios, além da localização cartográfica, realizamos análise do perfil das vítimas, das motivações e do instrumento mais utilizado para a prática do homicídio. Desta forma, definimos o recorte temporal da pesquisa circunscrito na série histórica de 2007, 2008 e 2009, com o objetivo intencional de construir uma base comparativa de dados sobre a evolução dos índices de criminalidade e violência na cidade de Fortaleza, no sentido de ancorar as avaliações posteriores das políticas de segurança urbanas.

A Pesquisa **“Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza”** tem como propósito garantir maior qualidade aos objetivos fins e meio da segurança urbana, possibilitando a construção de uma ferramenta gerencial para monitoramento, avaliação e intervenção junto às políticas públicas tanto no nível municipal, estadual como federal.

O presente relatório tem como principal objetivo, sobretudo, qualificar o planejamento das ações na área de Segurança Pública e Social, para que a gestão municipal possa orientar suas linhas de ações e intervenções nas políticas públicas de prevenção à criminalidade e violência no espaço da cidade.

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1** - Quantidade de Ocorrências por Tipo de Natureza - Fortaleza 2007 a 2009
- TABELA 2** - Homicídios no Triênio 2007-2009
- TABELA 3** - Número de Homicídios por Faixa Etária, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009
- TABELA 4** - Homicídios por faixa etária – Fortaleza - 2007 a 2009
- TABELA 5** - Número de Homicídios por Sexo, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009
- TABELA 6** - Número de Homicídios por Posição no Domicílio, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009
- TABELA 7** - Número de Homicídios por Escolarização, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009
- TABELA 8** - Número de Homicídios por Tipo de Ocupação - Fortaleza
- TABELA 9** - Homicídios por arma de fogo 2007 a 2009
- TABELA 10** - Número de Ocorrências por Categoria, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009
- TABELA 11** - Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios no Antônio Bezerra
- TABELA 12** - Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios na Aerolândia
- TABELA 13** - Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios na Messejana
- TABELA 14** – Furtos, Roubo, Lesão Corporal, Conflitos, Mortes Violentas e Homicídios
- TABELA 15** – Roubos, Furtos e Mortes Violentas
- TABELA 16** – Ranking dos Homicídios 2007 a 2009
- TABELA 17** – Furtos no Bom Jardim, José Walter, Conjunto Ceará, Mondubim, Maraponga, Siqueira e Canidezinho
- TABELA 18** – Roubos no Mondubim, Siqueira, Parque São José, Vila Manuel Sátiro, Canidezinho, Granja Lisboa e Granja Portugal
- TABELA 19** – Roubos na Maraponga, Conjunto Ceará, José Walter, Conjunto Esperança e Parque Santa Rosa
- TABELA 20** – Lesão Corporal no Canidezinho, Genibaú, Maraponga, Parque Santa Rosa, Parque São José José Walter
- TABELA 21** – Lesão Corporal no Conjunto Ceará I e II, Granja Portugal, Granja Lisboa, Mondubim e Vila Manuel Sátiro
- TABELA 22** – Relações Conflituosas no Canidezinho, Conjunto Esperança, Genibaú, Granja Portugal, Granja Lisboa, Mondubim, Prefeito José Walter e Siqueira

TABELA 23 – Relações Conflituosas no Conjunto Ceará I e II, Manuel Sátiro, Bom Jardim, Jardim Cearense, Parque Presidente Vargas, Parque Santa Rosa e Parque São José

TABELA 24 – Mortes Violentas na Messejana, Jangurussu, Aerolândia, Barroso, Passaré, Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários e Conj. Palmeiras

TABELA 25 – Homicídios no Jangurussu, Messejana, Barroso, Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz, Lagoa Redonda, Palmeiras e Alagadiço Novo

TABELA 26 – Furtos na Messejana, Jangurussu, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários, Passaré, Aerolândia e Palmeiras

TABELA 27 – Roubo no Jangurussu, Messejana, Edson Queiroz, Aerolândia, Cidade dos Funcionários, Passaré, Jardim das Oliveiras, Castelão, Barroso, Palmeiras

TABELA 28 – Lesão Corporal no Jangurussu, Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz, Messejana, Palmeira e Passaré

TABELA 29 – Relações Conflituosas na Aerolândia, Castelão, Cidade dos Funcionários, Jardim das Oliveiras, Passaré, Barroso, Dias Macedo, Messejana, Jangurussu, Palmeiras, Edson Queiroz, Lagoa Redonda e Ancuri

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1** – Homicídios Geral e por Faixa de Idade- Fortaleza 2007 a 2009
- GRÁFICO 2** – Percentual de Homicídios por Faixa de Idade- Fortaleza 2007 a 2009
- GRÁFICO 3** – Homicídios por Arma de Fogo – Fortaleza 2007 a 2009
- GRÁFICO 4** – Homicídios por Arma de Fogo e Regionais – Fortaleza 2007 a 2009
- GRÁFICO 5** – Evolução do Número de Furtos no São Gerardo e no Farias Brito
- GRÁFICO 6** – Roubos em Jacarecanga
- GRÁFICO 7** – Mortes Violentas na Barra do Ceará
- GRÁFICO 8** – Mortes Violentas no Pirambu
- GRÁFICO 9** – Mortes Violentas na Barra do Ceará, no Jardim Iracema e no Pirambu
- GRÁFICO 10** – Participação da SER I nos Homicídios
- GRÁFICO 11** – Evolução dos Números de Furtos no Centro e na Aldeota
- GRÁFICO 12** – Evolução dos Números de Roubos no Centro, na Aldeota e no Papicu
- GRÁFICO 13** – Evolução dos Números de Mortes vViolentas no Centro e na Aldeota
- GRÁFICO 14** – Evolução do Número de Mortes Violentas no Vicente Pizón, no Dionízio Torres, Mucuripe e Varjota
- GRÁFICO 15** - Participação da SER II nos Homicídios
- GRÁFICO 16** – Relações Conflituosas no Antônio Bezerra, Henrique Jorge, Quintino Cunha, Bonsucesso e João XXIII
- GRÁFICO 17** – Relações Conflituosas no Autran Nunes, Jóquei Club e Padre Andrade
- GRÁFICO 18** – Furtos no Antônio Bezerra, Parquelândia, Henrique Jorge, Bonsucesso e Rodolfo Teófilo
- GRÁFICO 19** – Roubos no Antônio Bezerra, Parquelândia, Henrique Jorge e Bonsucesso,
- GRÁFICO 20** – Lesões corporais no Antônio Bezerra, Henrique Jorge, Bonsucesso e Pici
- GRÁFICO 21** – Mortes Violentas no Antônio Bezerra, Henrique Jorge e Bonsucesso
- GRÁFICO 22** – Homicídios no Bonsucesso, Pici, Quintino Cunha, Henrique Jorge, Autran Nunes e Presidente Kenedy
- GRÁFICO 23** – Relações Conflituosas no Itaperi, Fátima, PanAmericano e Vila União
- GRÁFICO 24** – Furtos na Parangaba, Fátima, Montese e Benfica
- GRÁFICO 25** – Roubos no Bonifácio, Aeroporto, Itaoca, Parreão e Bom Futuro
- GRÁFICO 26** – Roubos no Jardim América e no Damas

GRÁFICO 27 – Lesão Corporal na Parangaba, Montese, Serrinha e Vila União

GRÁFICO 28 – Lesão Corporal no PanAmericano, Vila Peri e Damas

GRÁFICO 29 – Mortes Violentas na Parangaba, Montese, Serrinha e Fátima

GRÁFICO 30 - Homicídios na Parangaba, Montese, Itaperi, PanAmericano, Fátima, Serrinha e Vila União

GRÁFICO 31 – Evolução do Número de Roubos no Bom Jardim

GRÁFICO 32 – Furto, Roubo, Lesão Corporal, Relações Conflituosas e Mortes Violentas

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BPChoque - Batalhão de Polícia de Choque

BPM - Batalhão de Polícia Militar

CIOPS - Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança

CPC - Comando de Policiamento da Capital

CPI - Comando de Policiamento do Interior

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial Geral

CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil

CAPS AD - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

COMEL- Coordenadoria de Medicina Legal

COVIO - Laboratório de Estudos da Violência e Conflitualidade

CRAS - Centros de Referência de Assistência Social

CUCA - Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte

DAS - Divisão Antisequestro

DCA - Delegacia da Criança e do Adolescente

DECAP - Delegacia de Capturas e Polinter

DECECA - Delegacia de Defesa da Exploração Sexual de Criança e Adolescentes

DENARC - Delegacia de Narcóticos

DDF - Delegacia de Defraudações e Falsificações

DDM - Delegacia de Defesa da Mulher

DP - Distritos policiais

DPT - Delegacia de Proteção ao Turista

DRF - Delegacia de Roubos e Furtos

GATE - Grupo de Ações Táticas Especiais

GB - Grupamento de Bombeiros

GBJ - Grande Bom Jardim

GGIM - Gabinete de Gestão Integrada Municipal

GMF - Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza

GPDU - Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano

HEMOCE - Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará

HGF - Hospital Geral Dr. César Cals e o Hospital Geral de Fortaleza

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IJF - Instituto Dr. José Frota

IML - Instituto Médico Legal

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LA - Liberdade Assistida

LABVIDA - Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética

LEV – Laboratório de Estudos da Violência/UFC

MAUC - Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

ONGs - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PEFOCE - Perícia Forense do Estado do Ceará

PSB - Proteção Social Básica

PSE - Proteção Social Especial

PRONASCI - Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania

PSE - Proteção Social Especial

SECEFOR - Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SER – Secretaria Executiva Regional

SESI - Serviço Social da Indústria

SESC - Serviço Social do Comércio

SIP – Sistema de Informações Policiais

SM – Salário Mínimo

SSPDS - Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social

STDS - Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social

UBS - Unidades Básicas de Saúde

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – SER I

- Perfil por ocorrências criminais da Regional– 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapas geo-referenciados dos bairros rankeadores de homicídios na Regional - 2009
- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapas geo-referenciados das 5 ocorrências criminais nos bairros rankeadores de homicídios na regional - 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO II - SER II

- Perfil por ocorrências criminais da Regional– 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapas geo-referenciados dos bairros rankeadores de homicídios na Regional - 2009
- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapas geo-referenciados das 5 ocorrências criminais nos bairros rankeadores de homicídios na regional - 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO III - SER III

- Perfil por ocorrências criminais da Regional– 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapas geo-referenciados dos bairros rankeadores de homicídios na Regional - 2009

- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapas geo-referenciados das 5 ocorrências criminais nos bairros rankeadores de homicídios na regional - 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO IV – SER IV

- Perfil por ocorrências criminais da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO V – SER V

- Perfil por ocorrências criminais da Regional– 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapas geo-referenciados dos bairros rankeadores de homicídios na Regional - 2009
- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009
- Mapas geo-referenciados das 5 ocorrências criminais nos bairros rankeadores de homicídios na regional - 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO VI – SER VI

- Perfil por ocorrências criminais da Regional– 2007, 2008 e 2009
- Mapa dos Equipamentos da Regional
- Mapas geo-referenciados dos bairros rakeadores de homicídios na Regional - 2009
- Mapa e tabela das 5 ocorrências criminais nos bairros da Regional – 2007, 2008 e 2009

- Mapas geo-referenciados das 5 ocorrências criminais nos bairros rankeadores de homicídios na regional - 2009
- Mapa geo-referenciado dos bairros rankeadores das 5 ocorrências criminais na Regional - 2009

ANEXO VII

- Mapas da Série Histórica das 14 maiores ocorrências criminais (abuso de poder, arma de fogo, conflitos interpessoais, crime contra o patrimônio, crimes sexuais, furtos, lesão corporal, crimes contra a liberdade, mortes violentas, ocorrências não criminais, outras ocorrências criminais, roubos, tráfico de drogas e uso de drogas) na cidade de Fortaleza – 2007, 2008 e 2009.
- Tabela da Série Histórica das 14 maiores ocorrências criminais (abuso de poder, arma de fogo, conflitos interpessoais, crime contra o patrimônio, crimes sexuais, furtos, lesão corporal, crimes contra a liberdade, mortes violentas, ocorrências não criminais, outras ocorrências criminais, roubos, tráfico de drogas e uso de drogas) na cidade de Fortaleza – 2007, 2008 e 2009.
- Lista de categorização dos crimes (abuso de poder, arma de fogo, conflitos interpessoais, crime contra o patrimônio, crimes sexuais, furtos, lesão corporal, crimes contra a liberdade, mortes violentas, ocorrências não criminais, outras ocorrências criminais, roubos, tráfico de drogas e uso de drogas)
- Mapas da Série Histórica dos homicídios em Fortaleza – 2007, 2008 e 2009.
- Tabela do ranking de homicídios dos bairros de Fortaleza – 2007, 2008 e 2009
- Tabela dos homicídios por ocupação
- Tabela dos homicídios por uso de arma de fogo – 2007, 2008 e 2009

ANEXO VIII

- **Serie Histórica** das 14 maiores ocorrências criminais (abuso de poder, arma de fogo, conflitos interpessoais, crime contra o patrimônio, crimes sexuais, furtos, lesão corporal, crimes contra a liberdade, mortes violentas, ocorrências não criminais, outras ocorrências criminais, roubos, tráfico de drogas e uso de drogas) no **Território de Paz** (Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal, Canidezinho, Siqueira) – 2007, 2008 e 2009.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. FORTALEZA E SUAS REGIONAIS: CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA	
1.1 Criminalidade Violência e Conflitos Sociais.....	32
1.2 Criminalidade e violência: o que dizem os dados?	33
1.2.1 Fortaleza e suas Regionais: os homicídios	39
1.2.2 Fortaleza e suas Regionais: as cinco ocorrências mais recorrentes nas estatísticas do Sistema de Informações Policiais da SSPDS	58
1.3 Criminalidade e Violência Urbana: recortes temáticos	65
1.3.1 Criminalidade e Violência: espaços estigmatizados	66
1.3.2 Violência Urbana: medos que se contam	69
1.3.3 O chão que pisa as políticas públicas no “Território de Paz”: criminalidade e violência	78
2. AS REGIONAIS E SEUS BAIRROS EM NÚMEROS	
2.1 Secretaria Executiva Regional I	83
2.2 Secretaria Executiva Regional II	96
2.2.1 Secretaria Executiva Regional Centro-SECEFOR	97
2.3 Secretaria Executiva Regional III	110
2.4 Secretaria Executiva Regional IV	120
2.5 Secretaria Executiva Regional V	130
2.6 Secretaria Executiva Regional VI	144
CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES.....	155
REFERÊNCIAS	171
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza tem como um de seus objetivos principais, por meio da criação de um *mapa cartográfico da criminalidade e da violência em Fortaleza*, subsidiar, ações dos governos municipal, estadual e federal, bem como da sociedade civil local, voltadas ao enfrentamento da violência e da criminalidade no município de Fortaleza. Objetivamos, também, criar um fluxo permanente de informações qualificadas, no campo da Segurança Pública Urbana, que venha dar suporte ao debate e ao processo de planejamento, monitoramento e avaliação de atividades dos órgãos de segurança pública e demais políticas públicas a eles relacionadas.

A efetivação de políticas públicas como fundamento de valorização dos direitos coletivos emerge como um dos grandes desafios do Estado brasileiro na atualidade, sobretudo no que se refere às políticas públicas de segurança, como horizonte de garantir de direitos sociais previstos pela Constituição Federal de 1988, em seu Art. 6º, como o direito à segurança. Neste contexto, a **Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza** assumiu o propósito de contribuir na qualificação das ferramentas de acompanhamento e avaliação adequados das intervenções locais no campo das políticas públicas de segurança urbana voltadas à superação dos índices de criminalidade e de violência no Município.

Nesta perspectiva, o objetivo da Pesquisa foi cartografar a criminalidade e a violência na cidade de Fortaleza, visando à produção de perfil preciso deste fenômeno no Município. E o que significa a cartografia como ferramenta nas análises da violência e da criminalidade?

Escrito em 1897, *O suicídio* de Durkheim é a primeira grande obra a fazer uso da cartografia para análise de um fenômeno social na sociologia. Seu grande mérito foi aliar o uso de dados estatísticos, a elaboração de mapas e, através da teoria, demonstrar que o suicídio pode ser analisado não apenas como um ato individual, mas também como um fenômeno social. Críticas à parte e levando-se em conta o desenvolvimento técnico-científico da época, é inegável a contribuição desta obra na introdução de novas técnicas de pesquisa na sociologia.

No início do Século XX a Escola de Chicago teve papel fundamental para a disseminação do uso de mapas na sociologia.

Naquela época, um aspecto típico das pesquisas era a confecção de mapas, onde se situavam os diferentes tipos de população, grupos étnicos, raças, espécies de atividades: em que lugar da cidade, por exemplo, se concentravam as atividades criminosas? Como explicar esse fato? (BECKER, 1996, p. 182).

Claro que devemos lembrar que a Escola de Chicago tinha como uma das características principais uma heterogeneidade de métodos de pesquisa, isto é, dos diversos trabalhos produzidos, muitos faziam uso de dados estatísticos e outros tantos utilizavam metodologias qualitativas, como a etnografia urbana, por exemplo. No Brasil¹, conforme Mendoza (2005), a influência da Escola de Chicago, devido à influência de Donald Pierson, ocorreu justamente pela via qualitativa.

[...] as oito etnografias urbanas feitas na cidade de São Paulo foram trabalhos fragmentados que não forneceram uma continuidade como temas e interesses em uma agenda de pesquisa. Mas permitiram observar a influência de Chicago nos anos 40, principalmente com Pierson em São Paulo, e que continuou na década de 50. Do mesmo modo, resgatar a existência de um corpo de pesquisas urbanas como antecedentes do campo intelectual permite conhecer os antecedentes dos estudos urbanos no Brasil. (MENDOZA, 2005, p. 459).

Seria extremamente difícil que na década de 1940 a elaboração de mapas, tal como ocorreu em Chicago, fosse replicada em cidades brasileiras. Archela e Archela (2008) apontam que nesta época:

[p]ela primeira vez na história da Estatística Brasileira os dados de coleta e tabulações do censo são referenciados a uma base cartográfica sistematizada, quanto às categorias administrativas: Municipais e Distritais – Cidades e Vilas, assegurando o georreferenciamento das estatísticas brasileiras. (ARCHELA e ARCHELA, 2008, p. 98).

Antes de prosseguirmos é interessante definir melhor alguns conceitos.

Entende-se por mapeamento a aplicação do processo cartográfico, sobre uma coleção de dados ou informações, com

¹ Ou mais precisamente em São Paulo.

vistas à obtenção de uma representação gráfica da realidade perceptível, comunicada à partir da associação de símbolos e outros recursos gráficos que caracterizam a linguagem cartográfica. (IBGE, 2009, p. 88).

A Associação Internacional de Cartografia (ACI) define a cartografia como um “conjunto dos estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que intervêm na elaboração dos mapas a partir dos resultados das observações diretas ou da exploração da documentação, bem como da sua utilização.” (IBGE, 2009, p. 10).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no processo cartográfico existem três processos distintos: a concepção, a produção e a interpretação (ou utilização). A concepção tem por objetivo criar, completar ou atualizar uma obra. Na produção estão incluídos métodos como: a aerofotometria, o vôo fotométrico e o fotograma, na maioria das vezes contando com o apoio do pessoal de campo. Por fim, a utilização de documentos cartográficos permite desenvolver estudos, análises e pesquisas para um fim específico.

A cartografia e o geoprocessamento possuem uma forte interdisciplinaridade por meio do espaço geográfico. D’Alge explica a relação ao dizer que a cartografia

preocupa-se em apresentar um modelo de representação de dados para os processos que ocorrem no espaço geográfico. Geoprocessamento representa a área do conhecimento que utiliza técnicas matemáticas e computacionais, fornecidas pelos Sistemas de Informação Geográfica (SIG), para tratar os processos que ocorrem no espaço geográfico. Isto estabelece de forma clara a relação interdisciplinar entre Cartografia e Geoprocessamento. (D’ALGE, 2010, p. 1).

Os mapas que subsidiam as análises da presente pesquisa, em relação aos termos técnicos, foram construídos sob duas bases. Primeiro, produzimos os mapas a partir da malha digital disponibilizada pelo IBGE(2000), obtida pela internet através da página deste instituto (www.ibge.gov.br). Conforme as referências metodológicas: “A Malha Municipal Digital do Brasil é um produto cartográfico do IBGE, elaborado pela Coordenação de Cartografia, a partir do Arquivo Gráfico Municipal – AGM – composto pelas folhas topográficas na melhor escala disponível nas diversas regiões do país” (IBGE, 2009, p. 1). Detalhes técnicos mais específicos (limites das unidades político-

administrativas, por exemplo) sobre a Malha Municipal Digital do Brasil (MMDB), podem ser obtidos no site do instituto.

O IBGE disponibiliza a MMDB em três escalas - a saber: 1:2.500.000 (E2500), 1:1.000.000 (E1000) e 1:500.000 (E500) – optamos, por questões técnicas, utilizar a escala E500². Todas as escalas são disponibilizadas na projeção geográfica e projeção policônica. Utilizamos para a série cartográfica do presente trabalho, a projeção geográfica que é oferecida em dois formatos *.shp e *.dgn. Embora estes formatos sejam específicos de um programa de geoprocessamento e de um banco de dados, é possível sua universalização mediante informações disponibilizadas pelo IBGE sobre a elaboração dos arquivos.

As informações sobre as referências geodésicas e cartográficas do produto (MMDB) são, conforme o IBGE, as seguintes: Sistema de Projeção Policônica – projetado: “Latitude origem: 0° = Equador” e “Longitude origem: 54° W Gr.” com Sistema Geográfico de Coordenadas Lat/Long não projetado. Sendo o elipsóide UGGI 67 e o Datum SAD69 as referências geodésicas da versão do produto.

No segundo momento da pesquisa, a produção dos mapas ou a localização georeferenciada das ocorrências criminais nas ruas e bairros das seis Regionais, que compõem administrativamente a cidade de Fortaleza, levou em consideração a Base Cartográfica da Prefeitura Municipal de Fortaleza com a divisão de bairros e a segmentação dos logradouros, pelo fato desta base estar mais atualizada do que a base do IBGE(2000). Assim como fizemos uso do Google Earth e do Software gvSIG 1.9 na elaboração dos mapas.

Mas porque utilizar a cartografia para análise de dados criminais? Dentre os diversos fatores:

[o] apelo visual dos mapas, no entanto, facilita sua difusão para um público mais amplo, uma vez que a linguagem cartográfica, numa sociedade tão desigual como a nossa, pode ser mais acessível que a linguagem escrita. Mais ainda, sua utilização pela mídia pode favorecer a sensibilização da sociedade em relação ao problema. Por outro lado, quando alguém reconhece no mapa o seu local de residência, provavelmente, terá um

² Quanto menor for o segundo número, no caso o denominador da fração, maior será a escala. No caso de 1:2.500.000, cada centímetro representa 25.000 metros e na escala 1:500.000 cada centímetro represente 5.000 metros, isto é, a escala 1:500.000 apresenta uma melhor representação gráfica do terreno.

sentimento de maior identificação com o problema apontado. (AKERMAN e BOUSQUAT, 1999, p. 114).

Ou então se pode afirmar que o

[...] geoprocessamento apresenta vantagens não só na detecção, mas na apresentação visual de agrupamentos (“clusters”). Neste caso, o geoprocessamento representa uma ferramenta de divulgação de resultados de investigações facilmente compreendidos pela população. (BARCELLOS e BASTOS, 1996, p. 394).

No entanto, ao construir uma cartografia de violências e criminalidade é preciso também considerar outras variáveis que compõem o tecido social, como afirmam Tavares dos Santos e Russo (2002).

Partimos da idéia de que uma cidade com a experiência de participação política e construção de cidadania como Porto Alegre e outras municipalidades, não tem apenas riscos, mas também oportunidades de vida. Portanto seria falso fazermos uma cartografia apenas dos dados de criminalidade ou de violência sem tentar mostrar o quanto a cidade vive uma tensão entre violência e cidadania. (TAVARES DOS SANTOS e RUSSO, 2002, p. 15).

Obviamente a tensão entre violência e cidadania ocorre de maneiras diferentes em determinados espaços geográficos.

Nas cidades brasileiras, como se sabe, existem diferenças importantes nas condições de vida entre os vários bairros e, portanto, os riscos que correm as pessoas que vivem em regiões diferentes ou os danos sofridos por eles também serão diferentes. Isso cria espaços segregados nas cidades, que mudam, cotidianamente, a vida nesses locais e, por conseqüência, a vida de toda a cidade. (AKERMAN e BOUSQUAT, 1999, p. 114).

Em relação à área geográfica deste trabalho, isto é, a cidade de Fortaleza, cabe ressaltarmos a pesquisa “Mapas da Violência: os jovens do Brasil”, de 1998 (embora as informações não tenham sido “cartografadas”). Foi realizada uma extensa pesquisa com os jovens no Distrito Federal, replicada em outras três capitais: Rio de Janeiro, Curitiba e Fortaleza. Com base nos dados do *Sistema de Informações sobre*

Mortalidade a pesquisa analisou dados do período de 1979 a 1996, por meio de três grandes categorias: óbitos por acidente de transporte, óbitos por homicídios e outras violências e suicídios. Segundo levantamento estatístico da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, no Ceará em 2010, foram mortos 1.013 adolescentes e jovens, média de 2,7 por dia, com predominância do sexo masculino, nas faixas entre 12 e 17 anos.(*Jornal O POVO*, 21/02/2011, p. 04). Os dados trabalhados pela pesquisa vão corroborar com essa predominância, destacando que em Fortaleza, a faixa etária está situada entre 15 e 19 anos com alargamento para baixo e para cima.

Considerando que a pesquisa vai além da cartografia de dados, mas também está em busca da compreensão das tensões sociais e das lutas políticas e simbólicas no campo da violência e da segurança urbana, buscamos realizar, do ponto de vista metodológico, amplo processo de pesquisa quali-quantitativa, utilizando diversas fontes de informações e consultas. Em um primeiro momento, foram realizadas pesquisas exploratórias documentais em fontes institucionais oficiais e hemerotecas como estratégia de conhecimento e reconhecimento do campo de dados disponíveis. Pesquisas em arquivo de Jornais de grande circulação do Município (Banco de Dados do Labvida e do LEV), IPECE (Ceará em números); na Rede Pública de Saúde que compreende a Secretaria Municipal de Saúde Fortaleza (Serviço de Informação de Mortalidade-SIM/DATASUS e Centro de Atenção Psicossocial-Anti-Drogas - CAPS- AD); Sistema de Verificação de Óbito (SVO) da Secretária de Saúde do Estado, na Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, mais especificamente nos dados disponibilizados pelo Sistema de Informações Policiais/SIP/SSPDS à Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, Instituto Médico Legal da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social(atual Coordenadoria de Medicina Legal da Perícia Forense do Estado do Ceará); Conselho Tutelares e entre outras fontes, foram consideradas, na primeira etapa da pesquisa, como etapa exploratória para as possibilidades de definir os contornos da formatação do banco de dados, a partir de informações de fontes diferenciadas e ao mesmo tempo complementares.

Em um segundo momento da pesquisa, após etapa exploratória, a estratégia metodológica concentrou-se na priorização de duas fontes principais: a) registros de homicídios disponibilizado pelo banco de dados do Instituto Médico Legal da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social e, b) registros das ocorrências policiais do Sistema de Informações Policiais/SIP/SSPDS. Os dados das demais fontes institucionais pesquisadas tornaram-se, em alguns casos, suplementares aos dados das duas fontes

principais. Assim, informações complementares foram agregadas, conforme as necessidades demandadas pela própria Cartografia.

A escolha da base de dados do antigo Instituto Médico Legal como o Serviço de Informação de Mortalidade-SIM da Secretaria Municipal de Saúde Fortaleza e o Sistema de Verificação de Óbito-SVO da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará estavam propostas desde o início do projeto de pesquisa. No caso do IML, a pesquisa teve acesso direto aos dados, embora, soubéssemos das imprecisões que iríamos encontrar. Naquele momento, o Estado do Ceará passava por problemas sérios na produção dos números estatísticos pelos órgãos de segurança pública; dito de outra maneira, as estatísticas não tinham muita credibilidade e enquanto se buscavam acertos, o acesso às fontes era restrito. Esclarecemos que, no caso do Serviço de Informação de Mortalidade-SIM da Secretaria Municipal de Saúde Fortaleza, os dados não estavam disponíveis para análise do triênio 2007, 2008 e 2009 e no Sistema de Verificação de Óbitos-SVO da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, o problema também foi a disponibilidades dos dados sendo um dos motivos pelos quais as ocorrências de homicídios foram coletadas na base de dados do antigo IML. A segunda fonte de pesquisa nos foi possibilitada pelo convênio estabelecido entre a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social e a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza que compartilham dados de ocorrências policiais produzidos pelo Sistema de Informações Policiais-SIP/SSPDS.

Importante destacarmos, no entanto, que a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza criou, na atual gestão, o Observatório da Violência que funciona como espaço privilegiado de acompanhamento *on line* das ocorrências registradas na base de dados do CIOPS. A utilização dessa ferramenta como o acesso aos dados produzidos pelo SIP/SSPDS é decorrente do estabelecimento de Convênio de Cooperação Técnica, efetivado desde dezembro de 2006, mediante o qual a Guarda Municipal passou a integrar o Grupo de Gestão Integrada-GGI do Estado do Ceará, orientado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública e, portanto, compartilha com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social a mesma base de dados produzida pelos órgãos de segurança pública do Estado. Os dados do Observatório têm sido utilizados como base da pesquisa e sido, também, referência fundante na análise interdisciplinar efetivada pelos pesquisadores dos Laboratórios das Universidades envolvidas e demais profissionais da Guarda Municipal e Defesa Civil.

Como controle metodológico das informações, os dados coletados foram agrupados, categorizados e analisados de forma a não incorrer em duplicação de informações, sobretudo, no que se refere às informações de homicídios coletadas na base de dado do antigo IML, e demais dados em sua distribuição nos bairros da Cidade, conforme as Secretarias Executivas Regionais que agregam os bairros conforme regiões administrativas.

O processo da pesquisa, aqui descrito segundo o tratamento metodológico a ele dispensado, visou assegurar a construção de informações coerentes e consistentes que possibilite visualizar um mapeamento representativo das principais vulnerabilidades e ocorrências no município de Fortaleza, culminando com sua contribuição efetiva nas ações de proposição, avaliação e operacionalização mais qualificadas de atividades de segurança urbana na Cidade. Há também que se dizer que alguns dados estatísticos, principalmente, os homicídios, podem não apresentar os mesmo números disponibilizados *on line* pela Coordenadoria de Estatística da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, criada em 2010, na gestão do secretário de segurança pública Roberto Monteiro (2007-2010), com o objetivo de melhorar a qualidade dos dados estatísticos das ocorrências criminais registradas pelo sistema estadual de segurança pública. O principal motivo dessa divergência é que trabalhamos com dados estatísticos originários do antigo IML como foi dito antes. Outro motivo é o fato da atual Coordenadoria de Estatística fazer uso de cinco bases de dados para compor as estatísticas dos homicídios no Ceará. Essas fontes compreendem a Coordenadoria de Medicina Legal PEFOCE(antigo IML), a Polícia Militar, o Sistema de Informações Criminais – SIP, da SSPDS, e outras duas fontes sem identificação que “não podem ser reveladas por questões de segurança”³. Neste sentido, as estratégias metodológicas se direcionaram a realização de pesquisa de campo, orientadas pelos seguintes passos:

↳ Formação e treinamento da equipe de pesquisadores;

↳ Elaboração de um cronograma para a execução das atividades de campo (iniciada com as visitas às instituições);

↳ Atividades de reconhecimento e identificação de como os dados são registrados nas instituições visitadas, ou seja, verificação de como os dados são

³ Informações dadas pelo então coordenador de estatística da SSPDS durante sua participação na Mesa Redonda Violência, Segurança e Cidadania, no *II Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Práticas de Extermínio*, realizado, em dezembro de 2010, pelo Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará na cidade de Fortaleza.

organizados e disponibilizados e que informações eram possíveis de serem mensuradas pela pesquisa;

- ↳ Execução das atividades de coleta dos dados institucionais;
- ↳ Elaboração de modelo de Banco de Dados como base de manuseio e alimentação dos dados coletados, em Software apropriado;
- ↳ Realização de seminário visando à apresentação parcial dos dados pesquisados;
- ↳ Elaboração da cartografia com a construção dos mapas;
- ↳ Elaboração de relatório analítico sobre o conjunto dos dados pesquisados;
- ↳ Produção de cartilha para divulgação dos dados da pesquisa junto à população.

As atividades de planejamento referentes à primeira fase da pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência referem-se, na Cidade de Fortaleza, ao planejamento das atividades de pesquisa, à formação e treinamento da equipe de pesquisadores e início das atividades de campo. Optamos pela composição informacional de um banco de dados modelo para agrupar as ocorrências registradas por categorias em séries históricas que compreendem os anos de 2007, 2008 e 2009(ver anexos). Decidimos por este recorte tendo por finalidade a criação de um campo de análise comparativa de tratamento de dados e suas tendências e possibilidades segundo suas regularidades históricas em contextos específicos, o que nos possibilita interpretação relacional deles em função do processo de mapeamento cartográfico inserido na dinâmica social da cidade de Fortaleza.

Além de procedermos ao mapeamento cartográfico buscando situar as ocorrências criminais em Fortaleza segundo a relação espaço e tempo, também, tínhamos como tarefa, no caso dos homicídios, a elaboração do perfil das vítimas e dos vitimizadores. Isto não foi executado na sua totalidade, uma vez que apenas o perfil das vítimas foi elaborado. No que se refere ao perfil dos vitimizadores, o impedimento deu-se pela ausência de informações precisas nos registros pesquisados, assim como os dados sobre os inquéritos policiais inconclusos, divulgados pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social na imprensa local, revelarem a existência de elevados números de homicídios de autorias desconhecidas. De acordo com dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, de janeiro a novembro de 2009, foram registrados 1.292 homicídios no Estado, desse total, 69% foram identificadas como

execuções sumárias e menos de 5% dessas mortes violentas foram transformados em inquéritos policiais e remetidos ao Ministério Público para que os autores fossem denunciados e processados judicialmente. E um dos principais motivos dessa impunidade é o fato dos homicídios não terem autoria identificada. Essa realidade inviabiliza a elaboração do perfil do vitimizador. Contudo, um dado tem se tornado consistente ao longo do tempo nos relatórios de pesquisas nacionais e internacionais de homicídios sobre a probabilidade muito pequena de alguém ser morto por um desconhecido. No Brasil, dos 46 mil homicídios praticados em 2009, cerca de 90% das vítimas mantinham algum tipo de relacionamento com o assassino (profissional, familiar, de amizade, vizinhança ou amoroso com o assassino) E, ainda, 90% dessas mortes são praticados por assassinos primários. A ONU tem classificado esta violência letal de interpessoal, resultante, portanto, de conflitos interpessoais.

Desta maneira, é importante destacarmos que as diversas ocorrências levantadas pela coleta de dados foram primeiramente identificadas pela quantidade de ocorrências criminais e estas por tipologia e natureza na série histórica de 2007, 2008 e 2009 que compreende: mortes violentas, lesão corporal, crimes sexuais, furtos, roubos, uso de drogas, tráfico de drogas, crimes contra o patrimônio, tortura, crimes contra a liberdade, arma de fogo, abuso de poder, relações conflituosas, outras ocorrências criminais, ocorrências não criminais e não informado. Seleccionamos, para aprofundamento da análise, cinco ocorrências (relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal e mortes violentas, nestas, destacando os homicídios). Assim agregadas, classificadas e conceituadas: **Mortes Violentas** (homicídios, lesão corporal seguida de morte, infanticídio, aborto provocado e/ou induzido, suicídio, induzimento ao suicídio, morte no trânsito, outras mortes acidentais e outros crimes contra a vida); **Lesão Corporal** (Ofensa à integridade corporal ou à saúde de outrem); **Roubos** (Subtração do bem segurado mediante grave ameaça ou violência à pessoa); **Furtos** (Difere do roubo por ser praticado sem emprego de violência contra a pessoa ou grave ameaça); **Relações Conflituosas** (calúnia, difamação, injúria, ameaça, preconceito de raça ou cor, rixa etc).

A escolha das cinco categorias referidas para análise na pesquisa foi feito de modo intencional, tendo como base os dados brutos das ocorrências policiais mais recorrentes nas estatísticas gerais dos três anos da série histórica considerada. O objetivo desse recorte foi direcionar empiricamente o mapeamento para os nichos de criminalidade e violência social mais significativos da cidade de Fortaleza. Esta escolha possibilitou identificar essas ocorrências criminais em lugares e espaços sociais onde

eles mais predominaram: quem foram as vítimas, que vetores propiciaram essas ocorrências e porque aconteceram em determinadas áreas com certa regularidade, mapeando, assim, as possíveis relações entre os espaços e equipamentos públicos oferecidos à população local(ver anexos). Entretanto, sabíamos que tais categorias e perspectivas se confrontam o tempo todo com os dados concretos da realidade e que, ao entrarmos no campo empírico, descobriríamos variáveis semelhantes ou diferentes, enfim, dados que só o campo poderia confirmar ou negar. Assim, como não ignoramos o fato de trabalharmos com dados oficiais e destes terem um índice elevado de subnotificações.

A estratégia definida foi conhecermos inicialmente o que estas fontes dispunham de dados secundários e podiam oferecer como material básico para definir efetivamente as categorias de organização do Banco de Dados da Pesquisa.

Desta maneira, organizamos a dinâmica de trabalho da pesquisa por meio de reuniões semanais sistemáticas, a partir do mês de agosto de 2009, o que nos permitiu configurar as atividades de trabalho, constituir e orientar a equipe de bolsistas, as atividades estatísticas e a constituição do banco de dados, além de estabelecer as bases do geoprocessamento, visando à produção dos mapas cartográficos. Colado a essas atividades, realizamos estudos teórico-empíricos preliminares com o objetivo de subsidiarmos a fase de treinamento da equipe de pesquisa e a sua entrada em campo e, sobretudo, a definição das cinco categorias tipológicas originárias das ocorrências criminosas consideradas pela pesquisa, como já descritas anteriormente. Foram consideradas as seguintes tipificações em termos de ocorrências e suas relações circunstanciais: tipos de ocorrências; localização; data; vetores que propiciam o crime e a violência; perfil das vítimas de homicídios; existência ou não de equipamentos públicos e presença de políticas públicas nas áreas afetadas.

Um dado revelador para a pesquisa é o fato de que mais de 60% das dos homicídios recorrentes na série histórica considerada (2007, 2008 e 2009), em Fortaleza recaem sobre a faixa etária entre 15 a 29 anos, ou seja, a classe juvenil. Isto ajudou a redefinir certos procedimentos iniciais de recolhimento de dados para a Cartografia. Frente a essa realidade, as coordenações dos CAPS-AD foram consultados acerca da possibilidade da pesquisa ter acesso aos seus bancos de dados nas análises complementares do perfil dos usuários jovens que recorrem aos seus serviços. A leitura desses dados poderia ser reveladora da situação dos jovens usuários e dependentes químicos em Fortaleza. O conjunto destas informações permitiria construir um perfil,

por bairro, desses jovens. Contudo, tivemos que abandonar a iniciativa pelo fato de não termos tido acesso aos bancos de dados dos prontuários de atendimentos dos CAPS-ADs, mesmo com parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará para proceder tal atividade de pesquisa junto a esses órgãos. No caso dos Conselhos Tutelares de Fortaleza, a precariedade dos bancos de dados não nos permitiu qualquer possibilidade de trabalho.

Como etapa de socialização processual dos conhecimentos elaborados pela Pesquisa Cartografia, foi realizado, nos dias 17 e 18 de dezembro de 2009, o I Seminário de apresentação parcial dos dados pesquisados e previamente analisados pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa. No evento, foram apresentados os dados gerais pesquisados sobre o Município e o enfoque específico desses dados na área do Grande Bom Jardim, na perspectiva de construção e análise dos dados sob o ângulo de uma abordagem piloto.

O Seminário teve como recorte de apresentação, análise e discussões das categorias centrais pesquisadas: *criminalidade, violência urbana, segurança urbana e segurança pública*, a partir das quais foram aprofundadas questões a elas inter-relacionadas, tais *como ocorrências policiais, conflitos urbanos, medo* etc. (material áudio-visual do seminário, anexado ao relatório parcial).

O I Seminário CARTOGRAFIA DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM FORTALEZA foi realizado com a finalidade de apresentar, em linhas gerais, a Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza. O evento constituiu-se como espaço de produção e troca de saberes provisórios, tendo como objetivo socializar os dados parciais da Pesquisa. Destinou-se a um público específico de convidados da comunidade acadêmica da UECE, da UFC, de representantes das forças de segurança do Estado do Ceará e sociedade civil em geral.

Desta maneira, o debate teve como centralidade estabelecer a interlocução processual dos dados com saberes específicos que se operam na rede das políticas públicas de segurança em Fortaleza.

A programação do seminário compreendeu uma conferência de abertura e duas mesas temáticas (material do seminário foi anexado no relatório parcial apresentado a Guarda Municipal de Fortaleza e Defesa Civil) que se detiveram na temática central da pesquisa e nas políticas de segurança pública como dispositivo de enfrentamento da criminalidade e da violência na sociedade brasileira e de modo específico na cidade de Fortaleza.

Destacamos as apresentações que fizeram referências diretas a realidade da pesquisa e aos dados coletados para elaboração da cartografia. Desta maneira, na temática da Mesa I **Criminalidade e Violência Urbana: Recortes Temáticos**, o destaque descritivo analítico foi vinculado aos dados comparativos apresentados sobre homicídios em Fortaleza e na Região do Grande Bom Jardim. Todos os dados estatísticos percentuais das ocorrências cartografadas por bairros estão relacionadas aos dados das regionais e estes relacionados aos dados de Fortaleza.

Diante dos dados estatísticos apresentados e analisados, outro destaque analítico assentou-se em torno da Mesa II **Violência e Segurança no Grande Bom Jardim: diagnósticos, estratégias e políticas públicas**, análise que se gestou mediante a construção da problematização sobre a temática da violência e da criminalidade em Fortaleza e, em especial, na região do Grande Bom Jardim, resultando também no debate sobre ações realizadas contra a violência que culminam na compreensão das políticas públicas no seu sentido mais amplo e também direcionado à segurança pública. A região fica na zona sul de Fortaleza com uma área territorial de 253 quilômetros quadrados e 175 mil habitantes. Compreende os seguintes bairros: Genibaú, Conjunto Ceará I, Conjunto Ceará II, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Sucesso, Parque São José, Parque Santa Cecília, Parque Santo Amaro, Siqueira, Jardim Jatobá, Canindezinho e Parque Jerusalém. No entanto, para as análises que se seguiram, a área amostral compreendeu dados de homicídios dos bairros Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira.

O recorte amostral destes cinco bairros justifica-se pelo fato deles terem sido escolhidos como piloto para a execução do projeto *Território da Paz* (área onde estão sendo executados projetos financiados pelo Programa Nacional de Segurança com Cidadania-PRONASCI no município de Fortaleza, sob a coordenação local da Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza). Esta área foi escolhida devido aos seus elevados índices de criminalidade e violência, além de apresentar elevada densidade demográfica, de acordo com dados dos órgãos de segurança pública. Os investimentos do PRONASCI no Ceará (2008 e 2009) em projetos são da ordem de R\$ 96.315.664,00 e, em Fortaleza, os recursos destinados foram R\$ 7.064.270,31, totalizando investimento de R\$103.379.934,31 destinados à execução de 34 projetos em todo o Estado.

Com este destaque, transformamos esta área, primeiramente em projeto piloto de análise da Pesquisa, depois, realizando destaques dentro de Regional V à qual

pertence, fazendo recorte específico do levantamento estatístico das ocorrências criminais, conforme critérios adotados pela pesquisa, considerando os cinco bairros e suas particularidades.

O piloto visou ser uma amostra constituída do banco de dados geral, compreendendo uma série histórica comparativa correspondente a esta área, 2007, 2008 e 2009 (ano de implantação do PRONASCI na área do Grande Bom Jardim), como forma de analisar os impactos futuros do Programa na área e subsidiar outras análises referentes ao ano de 2010, período que completou um ano da implantação do referido Projeto.

Após esta primeira análise em que circulou o projeto piloto Território da Paz, iniciamos a realização do levantamento estatístico, rastreando dados em toda Fortaleza. A referência geográfica para a análise foram as 6 (seis) Regionais da Cidade, no sentido de cartografar, detalhadamente, com mapas georeferenciados, as ocorrências criminais mais recorrentes em bairros, ruas e localidades da Cidade.

O presente relatório, portanto, está dividido em sessões que se complementam mutuamente. Além desta Introdução, **a primeira parte do Relatório intitulada “Fortaleza e suas Regionais: criminalidade e violência”**, destina-se a reflexão analítica sobre violência e criminalidade, buscando mapear e problematizar dados gerais das ocorrências em Fortaleza e suas Regionais. Elencamos as várias ocorrências policiais que compõem todo o banco de dados, estando, primeiramente, configuradas pela quantidade e descrição da natureza ou tipo de ocorrências disponibilizadas em quadros estatísticos, compreendendo a série histórica 2007, 2008 e 2009; depois selecionamos 16 ocorrências, tipificando-as e descrevendo-as: Mortes Violentas, Lesão Corporal, Crimes Sexuais, Roubos, Furtos, Uso de drogas, Tráfico de drogas, Crimes contra o Patrimônio, Maus Tratos, Tortura, Crimes contra a liberdade, Arma de fogo, Abuso de Poder, Relações Conflituosas, Outras ocorrências criminais e ocorrências não criminais. De posse destas, decidimos criteriosamente destacar cinco ocorrências policiais mais recorrentes para serem efetivamente mapeadas e analisadas, que foram: relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal e mortes violentas.

A ideia foi observarmos e compararmos os percentuais destas ocorrências existentes nas Regionais com relação a Fortaleza. Destacamos, ainda, dentre mortes violentas, os homicídios em Fortaleza e suas Regionais, apresentando mapas e perfil das vítimas. Há um recorte geográfico comparativo entre Fortaleza e Regionais. No caso

dos homicídios, foi elaborado banco de dados em que foram feitos cruzamentos dos dados das vítimas com relação a sexo, idade, estado civil, escolarização e ocupação.

Nesta perspectiva, ainda nesta Parte, realizamos reflexão sobre violência urbana, construções simbólicas de áreas violentas, espaços urbanos estigmatizados e a relação entre aumento da criminalidade e da violência e a sensação de insegurança e de medo em contextos citadinos. Há, ainda, uma análise crítica sobre políticas públicas, especialmente voltadas para a área da segurança urbana e para a categoria juventude, tendo em vista que os dados apresentam maior envolvimento de jovens entre as vítimas de homicídios nas cinco Regionais de Fortaleza. Desta forma, nesta primeira grande parte, são formuladas as principais categorias analíticas, como violência urbana, criminalidade, conflitos sociais, medo e sensação de insegurança e políticas públicas. Estas foram produções resultantes, primeiramente, das análises realizadas no Seminário Cartografia da Criminalidade e da Violência em Fortaleza e, em seguida, das análises que se seguiram com esteio no levantamento estatístico e no processamento georeferencial, com a construção dos mapas.

A segunda parte do Relatório trata de apresentar dados coletados durante a segunda etapa da pesquisa que tratou da elaboração cartográfica definitiva pelo recorte geográfico de cada Regional da Cidade, com a construção e análise dos mapas, tabelas e gráficos contendo estatísticas das ocorrências criminais existentes nos bairros em suas respectivas Regionais, especificando a tendência dos números das categorias selecionadas, (relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal, mortes violentas e homicídios). Também foi pensado um recorte temporal da pesquisa circunscrito aos anos de 2007, 2008 e 2009, com o objetivo intencional de construir uma base comparativa de dados sobre os índices de criminalidade e violência na cidade de Fortaleza que compreenda uma série histórica para ancorar as avaliações posteriores das políticas de segurança urbanas.

Neste sentido, a Parte II apresenta análise detalhada das cinco ocorrências em cada Regional, apresentando perfil de cada uma, população, dados sócio-econômicos e de infra-estrutura, dados sobre equipamentos de segurança e de assistência social, de cultura e lazer, de saúde, de educação, transporte, bem como equipamentos sociais provenientes das organizações da sociedade civil e outros. A partir deste parâmetro geral de cada Regional, são feitas análises sobre as cinco ocorrências destacando localidades, bairros e ruas, tanto no que concerne aos dados sobre declínio, estabilização e crescimento das ocorrências criminais, entre outros aspectos analisados.

Ressaltamos que, assim como apresentamos dados gerais sobre Fortaleza e Regionais na primeira parte do Relatório, com destaque nos homicídios, realizamos também, na segunda parte, análise descritiva e comparativa, por Regional, dos dados e mapas relativos aos homicídios, características, localidades e perfil das vítimas, com destaque especial no Território da Paz, região do Grande Bom Jardim.

Temos como produtos da pesquisa mapas cartográficos das ocorrências criminais nas seis Regionais da cidade de Fortaleza, como também a elaboração de seis Cartilhas com análises desses dados por Regionais. Assim, Elaboramos uma Cartilha para cada Regional contendo dados e análises das cinco ocorrências mais recorrentes (relações conflituosas, roubo, furto, lesão corporal e mortes violentas, com destaque para os dados de homicídios)(anexos)

Ao final o Relatório apresentará suas considerações e reflexões sobre os dados da pesquisa e anexará toda a produção cartográfica sobre a criminalidade e violência na cidade de Fortaleza no período de 2007 a 2009 (mapas, gráficos e tabelas) por meio de CDs e DVDs.

PRIMEIRA PARTE I

1. FORTALEZA E SUAS REGIONAIS: CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA

1. 1 Criminalidade Violência e Conflitos Sociais

Iniciamos com três categorias fundamentais para a análise dos dados sobre Fortaleza e suas Regionais que serão compreendidas com relação às estatísticas e aprofundadas ao final desta Parte, que são: violência, criminalidade e conflitos sociais. A **violência** ocupa um lugar central no cotidiano das grandes cidades. Fortaleza e, mais especificamente a Regional I, não poderiam ser exceções. Mas, o que significa de fato essa palavra e de que modo ela explica um conjunto amplo de ações sociais consideradas indesejadas e dignas de punição legal e social? O fenômeno da violência é carregado de percepções falsas ou verdadeiras e de julgamentos sociais: **barbaridade, crueldade, maldade e ilegalidade**. Nesta cartilha, a violência é entendida como algo que é construído social e culturalmente. Isto é, varia no tempo, no espaço, de sociedade para sociedade e de cultura para cultura. Nem tudo que é classificado como prática violenta pode ser considerado realmente violência ou ato criminoso.

Em princípio, a **violência** pode ser definida como todo ato de coação, envolvendo um ou vários atores que produz efeitos sobre a integridade física ou moral de pessoas. Em um primeiro momento, é possível distinguirmos duas expressões de violência. A que se revela por meio da **coação física** implicando, no limite, em eliminação física (homicídio); e **violência simbólica**, que se manifesta em diferentes formas de discriminação que nem sempre é percebida como tal. Trata-se de ações e classificações morais associadas a preconceitos de etnia, gênero, orientação sexual e religião, entre outros, podendo também transformar-se em **violência física**.

Desta forma, podemos definir, de forma distinta, o que é crime do que é violência. Crime, na nossa sociedade, é definido pelo conjunto de leis que constitui o ordenamento jurídico de um país, válido para uma determinada época e uma determinada sociedade. Já o conceito de violência, aqui explicado, está relacionado a um aspecto das ações humanas, sejam elas puníveis ou não, que pode causar danos físicos, morais ou psicológicos ao próprio agente e/ou a outras pessoas.

Neste sentido, podemos refletir as seguintes questões:

Nem todos os atos socialmente reprovados são crime; nem toda violência é

criminosa; e nem todo crime é violento.

O **crescimento da criminalidade e da violência** aumenta a insegurança e a instabilidade, contribuindo para a “**cultura do medo**”. Se a violência gera o medo, o medo gera também mais violência, criando um círculo perigoso que reforça os estereótipos, as barreiras sociais, os preconceitos e a não-aceitação das diferenças socioculturais.

A violência pode também acontecer quando o **conflito social ou as relações conflituosas** se exacerbam, passam da medida aceita socialmente. A violência, embora pareça mais evidente nos dias atuais, possui longa história e está presente em todas as culturas e agrupamentos sociais. Por esse motivo, cada sociedade constrói, por meio de suas instituições, **uma forma de controle e de regulação da ordem**. As instituições são reguladoras dos conflitos e em uma sociedade democrática, tem a função de reconhecê-los e administrá-los, observando a diversidade de interesses individuais e coletivos.

Esta perspectiva deixa clara a existência dos conflitos sociais como parte integrante do contexto da violência social e constituinte das relações sociais: toda sociedade necessita de uma quantidade simultânea de harmonia e de desarmonia, de amor e ódio, de atração e repulsão, negando a existência de grupos absolutamente harmônicos e de uma “pura união”.

A violência, quando percebida pelos indivíduos em sociedade, costuma ocorrer em varias situações:

- 1) Quando o poder é imposto incondicionalmente;
- 2) Quando os conflitos não são explícitos ou administrados;
- 3) Quando não há reconhecimento dos direitos individuais ou sociais.

Nas sociedades modernas, o Estado é o único que pode ter o “**monopólio da violência**” e “**fazer uso legal da violência e da força**”, isto é, obrigar o cumprimento de suas regras em nome dos interesses coletivos. Isto quer dizer que a nenhum indivíduo cabe o direito de fazer justiça com as próprias mãos, de usar a violência como meio de resolver conflitos de qualquer ordem. Este papel cabe às instituições do Estado às quais foram delegados poderes para fazer cumprir as leis que regulam as relações da vida em sociedade e às quais todos, indistintamente, estão submetidos.

1.2. Criminalidade e violência: o que dizem os dados?

A pesquisa catalogou e descreveu as diferentes ocorrências criminais identificadas no banco de dados na cidade de Fortaleza como podemos observar abaixo.

TABELA 1
Quantidade de Ocorrências por Tipo e Natureza - Fortaleza 2007 a 2009

Código da Natureza	Descrição da Natureza	Número de Ocorrências		
		2007	2008	2009
1	HOMICIDIO DOLOSO	774	731	881
2	LESAO CORPORAL DOLOSA	8.209	8.300	8.680
3	ESTUPRO	211	230	216
4	FURTO QUALIFICADO (ARROMBAMENTO)	4.770	4.914	4.638
5	ROUBO (OUTROS)	36.919	34.190	33.771
6	FURTO(OUTROS)	34.210	31.660	29.774
7	AMEAÇA	18.595	19.264	20.595
8	FURTO DE VEICULO	3.664	3.351	3.611
9	USO DE ENTORPECENTES	4	5	8
10	TRAFICO DE ENTORPECENTES	7	8	11
12	CALUNIA	1.880	1.906	2.182
13	DIFAMACAO	2.813	2.939	3.075
14	INJURIA	2.346	2.028	2.131
15	CONSTRANGIMENTO ILEGAL	1.236	1.545	1.371
16	SEQUESTRO E CARCERE PRIVADO	68	43	66
17	VIOLACAO DE DOMICILIO	720	628	559
18	EXTORSAO	110	93	113
19	EXTORSAO MEDIANTE SEQUESTRO	22	3	7
20	DANO	6.191	6.766	6.443
21	APROPRIACAO INDEBITA	2.128	2.156	2.411
22	ESTELIONATO	9.306	10.474	11.062
24	RECEPTACAO	37	43	53
28	HOMICIDIO CULPOSO	21	28	29
29	LESAO CORPORAL CULPOSA	478	357	346
30	LESAO CORPORAL SEGUIDA DE MORTE	21	24	38
36	ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR	207	240	214
37	SEDUCAO	11	11	5
38	CORRUPCAO DE MENORES	59	75	70
39	NAO DELITUOSA	12.841	13.958	17.217
41	ACIDENTES – OUTROS	8.359	10.002	11.654
42	TORTURA	4	1	2
43	PRECONCEITO DE RACA OU DE COR	43	37	52
44	HOMICIDIO CULPOSO NO TRANSITO	217	137	122
45	LESAO CORPORAL CULPOSA – TRANSITO	1.098	997	644
46	OUTROS CRIMES CONTRA A VIDA	42	43	30
47	PERICLITACAO DA VIDA OU SAUDE	146	164	174
48	RIXA	72	61	25
50	OUTROS CRIMES CONTRA A LIBERDADE INDIVIDUAL	29	32	16
51	ROUBO SEGUIDO DE MORTE (LATROCINIO)	46	20	17
52	OUTROS CRIMES CONTRA O PATRIMONIO	194	157	122
53	CRIME CONTRA A PROPRIEDADE IMATERIAL	6	13	29

57	CRIME CONTRA A ORGANIZACAO DO TRABALHO	22	24	15
58	CRIME CONTRA O SENTIMENTO RELIGIOSO	2	3	3
Código da Natureza	Descrição da Natureza	Número de Ocorrências		
		2007	2008	2009
59	CRIME CONTRA O RESPEITO AOS MORTOS	1	0	2
60	RAPTO	31	29	16
61	OUTROS CRIMES CONTRA OS COSTUMES	109	64	57
62	CRIME CONTRA A FAMILIA	260	289	199
63	CRIME CONTRA A INCOLUMIDADE PUBLICA	11	18	15
65	CRIME CONTRA A FE PUBLICA	122	190	213
66	CRIME CONTRA A ADMINISTRACAO PUBLICA	172	257	209
67	CONTRAVENCAO PENAL	929	731	733
68	CRIME CONTRA O CONSUMIDOR	393	482	439
69	CRIME ELEITORAL	0	2	0
70	ABUSO DE AUTORIDADE	135	161	146
71	CRIME CONTRA A ORDEM TRIBUTARIA	10	8	9
72	AFOGAMENTO	55	44	52
73	SUICIDIO	112	132	109
74	ACIDENTE DE TRABALHO	78	102	103
75	PERDA DE DOCUMENTOS/OBJETOS/ VALORES	88.575	105.283	104.190
78	CRIME AMBIENTAL	116	123	74
79	ROUBO DE CARGA	24	31	38
80	ROUBO DE VEICULO	2108	2066	2140
81	DIRECAO PERIGOSA	48	46	23
82	OUTROS CRIMES DE TRANSITO	231	485	204
83	MORTE NATURAL	51	186	276
84	DESAPARECIMENTO DE PESSOA	724	775	836
85	MORTE SUSPEITA	179	203	209
86	CRIME PREVISTOS NO ESTATUTO DO MENOR	155	183	179
87	EXPLORACAO SEXUAL DE MENOR	12	26	22
88	CRIME CONTRA A ORDEM ECONOMICA	11	4	13
89	OUTRAS INFRAÇÕES LEI DE ENTORPECENTES	11	13	13
92	CRIME PREVISTOS NA LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL	0	1	0
94	CRIME CONTRA A PAZ PUBLICA	70	58	45
95	CRIME CONTRA A PROPRIEDADE INDUSTRIAL	3	2	4
97	INTERCEPTACAO DE COMUNICAÇÕES TELEFONICAS	7	2	1
98	INTERCEPTAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMÁTICA OU TELEMÁTICA	12	3	4
100	CRIME EM AÇÃO DE ALIMENTOS	19	9	17
101	CRIME CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (PARC. SOLO URBADO)	5	8	6
103	CRIME CONTRA A ECONOMIA POPULAR	81	15	10
104	FUGA DE PRESO	8	15	30
105	PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO (NOVA LEGISLAÇÃO)	83	118	85
109	MORTE ACIDENTAL NO TRANSITO (EXCETO HOMICIDIO CULPOSO)	43	20	23
110	OUTRAS MORTES ACIDENTAIS (EXCETO HOMICIDIO CULPOSO)	2	2	1
111	LESAO ACIDENTAL NO TRANSITO (EXCETO LESAO CORPORAL CULPOSA)	109	64	44
112	OUTRAS LESOES ACIDENTAIS (EXCETO LESAO CORPORAL CULPOSA)	4	3	3

113	OUTRAS LESOES CORPORAIS CULPOSAS	4	6	1
115	ROUBO COM RESTRICAO DE LIBERDADE DA VITIMA	485	198	146
Código da Natureza	Descrição da Natureza	Número de Ocorrências		
		2007	2008	2009
116	FURTO DE CARGA	63	58	63
117	LAVAGEM OU OCULTACAO DE BENS,DIREITOS E VALORES	1	1	7
118	CRIME CONTRA O IDOSO	136	127	146
119	POSSE IRREGULAR DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO	7	13	16
120	OMISSAO DE CAUTELA (POSSE DE ARMA DE FOGO)	5	11	6
121	PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO	23	33	48
122	DISPARO DE ARMA DE FOGO	93	96	102
123	POSSE OU PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO RESTRITO	4	3	5
124	COMERCIO ILEGAL DE ARMA DE FOGO	0	1	2
125	VIOLACAO AO ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR	0	2	1
127	CRIME PREVISTO NA LEI 9504/97 (NORMAS PARA ELEIÇÃO)	0	1	0
128	FURTO DE PLACA DE VEICULO	102	90	206
130	FURTO DE DOCUMENTOS	1715	524	455
133	EXTRAVIO DE DOCUMENTOS	1259	419	589
134	ROUBO DE DOCUMENTOS	1029	288	286
135	QUEBRA DE SIGILO DE OPERAÇÕES FINANCEIRAS	2	0	4
136	USUARIOS OU DEPENDENTES DE DROGAS	28	41	28
137	TRAFICO ILICITO DE DROGAS	48	67	91
138	VIOLAÇÃO DE DIREITOS DE AUTOR DE PROGRAMA DE COMPUTADOR	2	2	0
139	NAO INFORMADO	220	223	399

Fonte: SIP/SSPDS/Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, 2010

Conhecidas e quantificadas as ocorrências policiais e, destas, aquelas mais recorrentes, passamos a analisar os números em Fortaleza e em suas Regionais.

Fortaleza tem sofrido crescimento expressivo em sua população, conforme dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹. Quanto a evolução populacional do município no ano de 2000 a população era de 2.141.402 habitantes e em 2007 evoluiu para 2.431.415 hab. Nesta evolução a pirâmide etária registrava a população jovem no total de 636.435 pessoas que estavam na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo que 52% eram mulheres e 48% homens. Destes, 235.795 jovens tinham entre 15 e 19 anos, 214.961 tinham entre 20 e 24 anos e 185.679 entre 25 e 29 anos. Em 2008, as estimativas relacionavam a cidade de Fortaleza como a quarta maior em contingente populacional do País, em termos populacionais, sendo uma metrópole de destaque no contexto nacional e na região nordeste, com uma população estimada em 2.416.920 habitantes, menos apenas que São Paulo, Rio de Janeiro e

¹ Ver dados de censo em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>

Salvador. Porém Fortaleza se manteve na quinta posição, já que no último Censo, divulgado em 2010, registrou uma população de 2.447.409 hab., atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, sendo em sua maioria formada de mulheres, pois 53,2% são do sexo feminino e 46,8% do sexo masculino.

Este crescimento vertiginoso trouxe à Cidade problemas comuns às demais grandes cidades brasileiras, destacando-se na problemática da criminalidade e da violência. Seguindo uma tendência nacional, Fortaleza também possui um elevado número de adolescentes/jovens na faixa etária de 15 e 29 anos².

Ao se tomar o parâmetro nacional, é no segmento populacional jovem que se concentra a maior parte dos homicídios. Dados apontados pelo Mapa da Violência – Anatomia dos Homicídios no Brasil (2010), lançado pelo Instituto Sangari³, o Brasil, dentre os 91 países pesquisados, está em 6º lugar nas taxas de homicídios na população geral e em 6º no que se refere a homicídios na população de 15 a 24 anos. No que se refere à taxa de homicídios deste mesmo segmento etário populacional, tendo como referência o ano de 2007, o Ceará se encontra em 15º lugar, e Fortaleza ocupa a 10ª posição. Focando as taxas, na década do estudo (1997-2007), o número de homicídios teve maior crescimento nas idades mais novas: operou-se nos 15 e 16 anos de idade, aumentado acima de 30%.

O presente Mapa demonstra, por exemplo, que considerado o tamanho da população, a taxa de homicídios entre os jovens passou de 30,0 (em 100.000 jovens) em 1980 para 50,1 no ano 2007, enquanto essa taxa, no restante da população (não jovem), permaneceu relativamente constante, inclusive com leve queda: de 21,2 em 100.000 para 19,6 no mesmo período. [...] isso evidencia, de forma clara, que os avanços da violência homicida no Brasil das últimas décadas tiveram como motor exclusivo e excludente a morte de jovens (WAISELFISZ, 2010, p. 06).

Já o mais recente Mapa da Violência 2011, intitulado “os Jovens do Brasil”,

² As faixas etárias para definir juventude são várias. Ao analisarmos os dados nacionais optamos por observar as seguintes abordagens: definições dos Mapas da Violência no Brasil que seguem as definições da Organização Pan-americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, nas quais adolescência e juventude se diferenciariam pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas, abrangendo as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). “Já juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos”. Porém, como observaremos adiante na descrição detalhada dos dados locais, neste Relatório, utilizamos várias faixas etárias no sentido de detalhar mais ainda o alargamento da faixa etária da juventude de **15-29 anos**, considerada pela Secretaria Nacional de Juventude do Governo Brasileiro.

³ Fundado em 2003, o Instituto Sangari desenvolve ações e projetos voltados para a promoção da difusão científico-cultural em diversos países, dentre eles o Brasil, visando a democratização do acesso ao conhecimento científico. Disponível em: <http://www.institutosangari.org.br>. Acesso em 04/04/2010.

utilizou as estimativas populacionais do IBGE, para o ano de 2008, ou seja, os dados nacionais apontavam um contingente de 34,6 milhões de jovens na faixa etária dos 15 aos 24 anos, representando 18,3% do total de habitantes projetados pelo IBGE para o país que era de 189,6 milhões. O documento relaciona essas estimativas com o ano de 1980, quando existia uma quantidade absoluta de jovens bem menor, 25,1 milhões do total de 118,7 milhões de hab., representando 21,1% do total. Observou-se uma redução proporcional dos jovens em 2008, que se deve, segundo o documento, a fatores relacionados à urbanização e modernização da sociedade brasileira fazendo diminuir taxas de fertilidade. Assim, também, nas capitais, o Mapa de 2011 mostrou que a proporção de jovens foi menor do que era em 1980. Dos 45 milhões de habitantes residentes nas capitais, 7,9 milhões eram jovens, representando 17,6% do total.

Em relação a mortalidade de jovens o documento ainda aborda dados sérios de números expressivos de vitimização da juventude. O documento dividiu a população “jovem” de 15 a 24 anos da “não jovem” de 0-14 e 25 e mais anos, obtendo os seguintes resultados:

Na população *não jovem*, só 9,9% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por 73,6% das mortes. Se na população *não jovem* só 1,8% dos óbitos são causados por homicídios, entre os jovens, os homicídios são responsáveis por 39,7% das mortes. (WAISELFISZ, 2011, p. 19).

Estes dados demonstram que, no Brasil, continua a seletividade das vítimas de mortes violentas, dentre elas, os homicídios em relação aos jovens.

Ainda segundo o Mapa de 2011, nas capitais contabilizou-se queda nos números de homicídios registrados de 1998 – 2008 no que se refere a população total, entretanto, várias capitais registraram crescimento, expressando a seriedade dos números de mortes causados por homicídios, especialmente Maceió, Salvador, São Luis e Florianópolis. Fortaleza ocupava a 20ª posição no ranking das capitais em 1998, quando contabilizava 20,3% em 1998, mas passou a ocupar o **17º lugar em 2008, ao registrar 35,9%, ou seja, um crescimento de 76,6%**, conforme ordenamento das capitais por taxa de homicídio (em 100 mil habitantes) na população total. Já em relação aos jovens de 15-24 anos, Fortaleza registrou expressivo crescimento nas taxas de homicídio por 100 mil habitantes, **crescendo de 38,0% em 1998 para 81,6% em 2008**, ou seja, um crescimento **de 114%**. Em relação ao ordenamento das capitais por taxa de homicídio (100 mil) na população jovem, o Mapa mostra que no ano de **1998, Fortaleza se situava em 19º lugar, passando a ocupar a 14ª posição em 2008.**

Portanto, na faixa etária jovem os índices na Capital são ainda mais expressivos.

No presente Relatório essa realidade se confirma, especialmente no item faixa etária, a partir do levantamento de dados na série histórica 2007, 2008 e 2009, como se seguem as tabelas e gráficos abaixo, com números absolutos de Fortaleza e de suas Regionais e também com percentuais mais detalhados pelas categorias idade, sexo, situação conjugal e escolarização. Os percentuais referentes as Regionais são realacionados aos totais de Fortaleza em cada categoria e em cada ano analisados.

1.2.1 Fortaleza e suas Regionais: os homicídios

No que concerne a ocorrência de homicídios em Fortaleza, em 2007 foram contabilizados 844 ocorrências; em 2008, 824 e em 2009, 937 homicídios o que demonstra um crescimento significativo em 2009. Os percentuais das Regionais foram elaborados considerando os índices de homicídios de Fortaleza. Em relação as Regionais podemos observar que a tendência de crescimento se repete ao observarmos os números da tabela de homicídios abaixo.

TABELA 2 – Homicídios no triênio 2007- 2009

Regional	Homicídios					
	2007		2008		2009	
	Total de homicídios	%			Total de homicídios	%
Fortaleza	844	100,00	824	100,00	937	100,00
Regional 01	87	10,30	105	12,74	118	12,59
Regional 02	99	11,72	76	9,22	113	12,05
Regional 03	113	13,38	118	14,32	101	10,77
Regional 04	76	9,0	62	7,52	63	6,72
Regional 05	208	24,64	196	23,78	237	25,29
Regional 06	261	30,92	267	32,40	305	32,55

Fonte: IML\SSPDS(atual Coordenadoria de Medicina Legal - PEFOCE), 2010.

Nota: O percentual da regional é com relação à Fortaleza e tabulação da pesquisa.

Na Regional 1, em 2007, foram contabilizados 87 casos de homicídios, o equivalente a 10,3% do total de homicídios em Fortaleza; em 2008 esse número cresceu para 105 casos, ou seja, 12,7%; já em 2009, os números cresceram mais ainda, alcançando 118 casos, ou seja, 12,6%.

Os números são ainda maiores e instáveis na Regional 2, observando um declínio nos números de 2007 para 2008 e um crescimento de 2008 para 2009: ocorreram, em 2007, 99 casos de homicídios, ou 11,7% ; 76 homicídios em 2008, equivalente a 9,2% e 113 casos em 2009, ou 12,1%.

Na Regional 3, há uma especificidade em relação as Regionais anteriores, especialmente em relação a 2009 que tem demonstrado, geralmente, evolução nos números. Houve um movimento contrário, já que se contabilizou um crescimento de 2007 para 2008 e uma queda nos dados de 2008 para 2009, como podemos observar: foram registrados em 2007 113 homicídios, o equivalente a 13,4%; já em 2008, o número cresceu para 118 casos, ou seja, 14,3%; e, em 2009, foram registrados 101 homicídios, ou 10,8% do total registrado na Cidade, mostrando o declínio.

Na Regional 4 os números declinam de 2007 para 2008 e se mantém praticamente estável em 2009, também ressaltando que não houve crescimento em 2009. Em 2007, foram contabilizados 76 casos, 9,0%; já em 2008, os números caíram para 62 registros, 7,5% e em 2009, manteve-se semelhante, com 63 homicídios, o equivalente a 6,7%.

Na Regional 5, assim como veremos na Regional 6, a especificidade é que os números são bem mais altos do que nas outras Regionais, todos ultrapassando os 20% do total registrado na Cidade. Trata-se da Regional classificada com estigma de violenta e marginalizada, mas que abriga várias organizações sociais públicas e privadas que atuam com políticas sociais. Um exemplo é a existência do PRONASCI, do Ministério da Justiça, que atua com o denominado “Território da Paz” no bairro Bom Jardim, que será bem mais analisado na Parte II deste Relatório. A evolução neste caso foi de queda dos números de 2007 para 2008 e de crescimento de 2008 para 2009, que é mais comum acontecer. Foram registrados 208 homicídios, ou seja, 24,6%; em 2008, esse número declinou para 196 casos, ou 23,8% e, em 2009, voltou a crescer para 237 registros, equivalendo a 25,3%.

Na Regional 6, também classificada como área estigmatizada pelo índices de violência e falta de infra-estrutura, além de outros problemas, os números são superiores a todas as outras Regionais. É preciso, também, esclarecer que esta é a maior Regional em território, representa 42% da área de Fortaleza. Os registros foram 261 homicídios em 2007, ou seja, 30,9%; cresceu para 267 em 2008, o equivalente a 32,4% e crescendo bem mais para 305 casos, ou seja, 32,6. Observamos, assim, uma evolução contínua na série histórica.

Homicídios por faixa etária: as vítimas são jovens...

Em Relação a faixa etária criamos dados nas idades de até 14 anos; de 15 a 18 anos; de 19 a 24 anos; de 25 a 29 anos; de 30 a 39 anos; de 40 a 59 anos; de 60 e mais e idade ignorada, no intuito de detalhar profundamente quais idades são mais atingidas pelos homicídios em Fortaleza e suas Regionais como demonstra a próxima tabela.

TABELA 3

Número de Homicídios por Faixa Etária, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009.

Recorte Geográfico	Homicídios por Faixa Etária (Absoluto)								
	Ano	Até 14	15-18	19-24	25-29	30-39	40-59	60 e Mais	Ignor.
Fortaleza	2007	18	115	269	138	166	105	17	16
	2008	13	115	245	149	162	99	19	22
	2009	16	140	295	157	169	107	13	40
Regional 1	2007	1	13	28	13	21	8	3	0
	2008	3	15	33	18	23	11	2	0
	2009	4	14	38	26	15	17	1	3
Regional 2	2007	1	21	29	13	13	13	3	6
	2008	0	6	25	14	16	6	3	6
	2009	0	17	26	22	28	12	1	7
Regional 3	2007	3	17	34	20	24	14	1	0
	2008	3	22	37	18	22	11	2	3
	2009	1	14	39	14	16	12	1	4
Regional 4	2007	0	9	18	17	19	10	1	2
	2008	1	4	13	11	15	12	3	3
	2009	2	8	15	11	14	8	2	3
Regional 5	2007	7	15	79	31	42	27	3	4
	2008	4	26	58	34	41	26	5	2
	2009	4	36	67	32	51	30	3	14
Regional 6	2007	6	40	81	44	47	33	6	4
	2008	2	42	79	54	45	33	4	8
	2009	5	51	110	52	45	28	5	9

Fonte: IML\SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE), 2010.

Nota: tabulação da pesquisa

De maneira geral, ao analisarmos comparativamente os dados absolutos da tabela, verificamos que há concentração de mortes por homicídio entre os jovens na faixa etária de **19 a 24 anos**, com 269 homicídios em 2007, 245 em 2008 e 295 em 2009; essa faixa etária é seguida da faixa de adultos com menos de 40 anos, ou seja, de 30 a 39 anos, apresentando 166 homicídios em 2007, 162 em 2008 e 169 em 2009; em

terceiro lugar aparecem aqueles de 25 a 29, com 138 homicídios em 2007, 149 em 2008 e 157 em 2009; depois aparecem os que possuem idade entre 15 a 18 anos, estes, adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, com 115 homicídios em 2007, também 115 em 2008 e 140 em 2009. Estes dados corroboram com os dados nacionais, ou seja, ao alagarmos a faixa de idades de 15 até 29 anos, teremos uma concentração bem maior de homicídios entre jovens. Outro aspecto relevante é que houve uma tendência de crescimento de homicídios entre os jovens nas três faixas etárias aqui descritas, na série histórica, não tão grande entre 2007 e 2008, mas bem crescente em relação a 2009, o que pode nos levar a crer que houve alguma contenção de homicídios entre 2007 e 2008, mas retornando a crescer em 2009. Se observarmos bem a faixa de adultos (de 30 a 39 anos e de 40-59) percebemos que estas não apresentaram crescimento tão visível na série histórica, o que nos faz pensar que, de fato, são os jovens com menos de 30 anos os mais vitimizados por homicídios em Fortaleza.

Em relação a Regional 1 a tendência é a mesma de Fortaleza: a maior parte de homicídios concentra-se entre as idades de **19 a 24 anos**, observando crescimento contínuo de 2007 (28 registros) para 2008 (33 registros) e 2009 (38 registros), em segundo lugar vem os adultos de 30 a 39 anos, porém, observamos um detalhe interessante na Regional em relação a faixa etária entre 15 e 18 anos (13 homicídios em 2007, 15 em 2008 e 14 em 2009, números que permanecem estáveis na série): observamos que os números são semelhantes a faixa etária de 25 a 29 anos entre 2007 e 2008 (13 em 2007, 18 em 2008), mas em 2009 houve crescimento (26 casos), o que nos faz perceber que aqueles mais jovens também estão sendo muito atingidos. Um detalhe é que entre 15 e 18 anos os números permanecem estáveis na série, o que não ocorre em relação a faixa entre 25 e 29, pois os números crescem significativamente em 2009, demonstrando que, os jovens na fase mais produtiva, em que se inserem mais no mercado de trabalho e em outras atividades cotidianas estão apresentando tendência crescente de serem vítimas de homicídio, como já observado em Fortaleza.

Em relação a Regional 2 a tendência de liderança e de crescimento na série histórica também se repete em relação a faixa etária de **19 a 24 anos** (29 casos em 2007, 25 casos em 2008 e 26 casos em 2009). Só uma exceção dessa liderança no ano de 2009, na faixa etária de 30-39 que contabilizou 28 casos, número bem maior do que os 13 registrados em 2007 e os 16 registrados em 2008). Notamos também que são números menores se comparados aos registrados na Regional I, esta situada na região

oeste da Cidade, considerada pouco servida de equipamentos públicos e privados, marcada por ausências históricas do poder público em termos de segurança e outras políticas públicas, enquanto a Regional 2, situada do lado leste da Cidade já é bem mais servida desses equipamentos, tendo bairros considerados nobres e de potencial turístico. Na Parte II deste Relatório poderemos contemplar o perfil de cada Regional, confirmando essa realidade. Nas outras faixas etárias também aparecem os adultos entre 30 e 39 anos em segundo lugar, com a exceção de 2009 (como já dito acima), seguidas das faixas de 25 a 29 anos e de 15 a 18 anos. O detalhe nesta Regional é que os jovens de 15 a 18 anos foram bem mais atingidos em 2007, com 21 casos, enquanto na faixa de 25 a 29 anos foram registrados 13 casos; a situação se inverte em 2008, pois há um declínio na faixa de 15-18 (6 casos) e relativa estabilidade na faixa de 25-29 (14 casos); mas volta a crescer em 2009 tanto numa como em outra faixa etária, 17 casos na idade de 15-18 e 22 casos na idade de 25-29 anos. São detalhes interessantes que modificam a realidade de cada território, mas que confirmam a tendência geral da presença de homicídios crescente entre jovens de 15 a 29 anos.

Na Regional 3 também os mais atingidos são os jovens de **19-24 anos**: foram registrados números um pouco maiores do que os registrados na Regional 2, mas semelhantes aos da Regional 1: foram 34 casos em 2007; 37 em 2008 e 39 registros em 2009, observando-se crescimento. Da mesma forma que nas outras Regionais, os adultos de 30-39 anos seguem em segundo lugar, contabilizando 166 casos em 2007, 162 em 2008 e 169 em 2009; depois aparecem os jovens de 25-29 anos e os de 15-18 anos. Chama atenção o declínio nesta faixa etária do ano de 2008 para 2009, já que em 2007 foram contabilizados 17 homicídios, crescendo muito para 22 casos em 2008, mas declinando bem mais em 2009, para 14 homicídios, diferentemente das Regionais 1 e 2.

Em relação ao Regional 4 observa-se também a liderança da faixa etária de **19 a 24 anos**, registrando 18 casos em 2007, caindo para 13 casos em 2008 e crescendo para 15 casos em 2009, porém ainda mais baixo do que em 2007. Estes números são bem menores do que os registrados nas outras Regionais, assim como ocorre nas outras faixas de idade, seguindo a mesma sequência: em segundo lugar aparecem os adultos de 30-39 anos, depois os de 25-29 anos e só então aqueles que possuíam de 15-18 anos.

Já na Regional 5 e na 6, como já registrado acima, os índices de homicídio são altos e crescem significativamente. Na Regional V, na faixa de **19-24 anos** foram registrados 79 casos em 2007, diminuindo para 58 casos em 2008 e voltando a crescer em 2009, com 67 registros. Todos os índices são altos; entre os adultos de 30-39 anos

foram contabilizados 42 casos em 2007 caindo por um registro em 2008, ou seja, 41 casos e crescendo muito em 2009, com 51 registros. Os números de 25-29 anos permanecem mais ou menos estáveis. O que chama atenção é na faixa etária de **15-18 anos**, pois houve um crescimento contínuo e significativo na série histórica: foram 15 homicídios em 2007, crescendo para 26 em 2008 e crescendo muito em **2009, para 36 homicídios**. Esse índice é considerado alarmante já que atinge jovens adolescentes, menores, e de forma crescente parecendo não haver barreiras para as mortes desses jovens.

A Regional 6 é a que registra maior índice de homicídios na faixa etária de **19-24 anos**; foram registrados 81 casos em 2007, diminuindo um pouco para 79 casos em 2008, porém crescendo de forma assustadora em **2009, para 110 homicídios**. Mais um detalhe que demonstra a seletividade de jovens como as principais vítimas desta ocorrência. Um detalhe, nesta Regional é que a faixa que aparece em segundo lugar não são os adultos de 30-39 anos, mas jovens de 25-29 anos; foram registrados, nesta última, 44 casos em 2007, crescendo para 54 casos em 2008 e diminuindo um pouco para 52 casos em 2009, enquanto na faixa de adultos de 30-39 anos foram registrados 47 homicídios em 2007, 45 em 2008 e também 45 em 2009. Outro detalhe alarmante está na faixa de 15-18 anos: foram contabilizados 40 casos em 2007, evoluindo um pouco para 42 casos em 2008, e crescendo muito em 2009, para 51 homicídios. Estamos falando de uma Regional com extenso território e vasta população, porém, os números aqui registrados não deixam de ser alarmantes, pois comparativamente, o número de vítimas jovens de 15-18 anos é altíssimo e até maior do que os registros de adultos. Portanto, um detalhe que essa Regional apresenta é ser a mais atingida pelas estatísticas de vítimas jovens.

A faixa etária de **19 a 25** anos nos chama atenção para os vetores que podem proporcionar os homicídios. Acreditamos que motivações como envolvimento com tráfico e uso de drogas são fortes fatores, porém não são os únicos. Há que se perceber também a facilidade de tráfico de armas que apanham jovens cada vez mais jovens como um tipo de socialização e recrutamento de jovens pelo tráfico de drogas e de armas, que concorre com outros tipos de socialização enfraquecidas como a familiar, a comunitária e a escola ou pela ausência destas. Estes fatores devem ser relacionados a tantos outros como desigualdades sociais e falta de investimentos em políticas públicas eficientes em todos os setores sociais. Trata-se de uma faixa de idade em que muitos já estão ou iniciam suas atividades produtivas e outras atividades próprias do cotidiano de

jovens adultos, como trabalho, escola, lazer, amigos, parceiros sexuais, enfim, envolvimento com uma diversidade de atividades lícitas e ilícitas cada vez mais diversificadas, fluidas e exigentes na modernidade.

Neste sentido, para visualizar bem mais como os jovens de Fortaleza, em fase produtiva, são as principais vítimas de homicídios em Fortaleza, juntamos, no quadro e gráficos abaixo, os números em faixas etárias menor que 15, de 15 a 29 anos e maior que 29.

TABELA 4
Homicídios por faixa etária – Fortaleza - 2007 a 2009

Ano	Total de Homicídios	Faixa de Idade					
		<15		15 a 29		>29	
		Abs	%	Abs	%	Abs	%
2007	844	18	2,13	522	61,85	304	36,02
2008	824	13	1,58	509	61,77	302	36,65
2009	937	16	1,71	592	63,18	329	35,11

Fonte:IML\SSPDS(atual Coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE),2010.

Nota: O percentual da Regional é com relação à Fortaleza e tabulação da pesquisa.

GRÁFICO 1

**Homicídios Geral e por Faixa de Idade - Fortaleza
2007 a 2009**

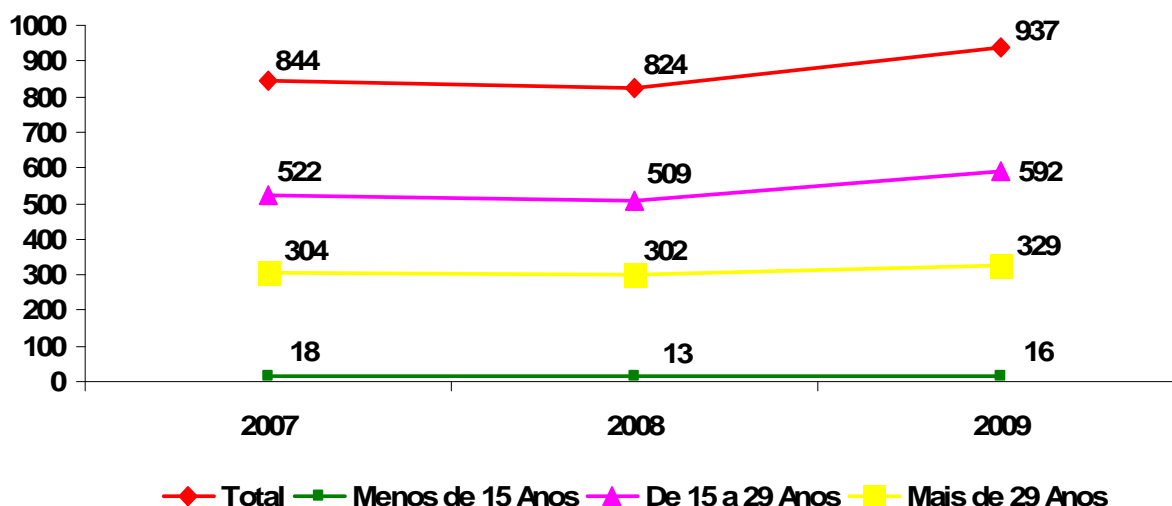
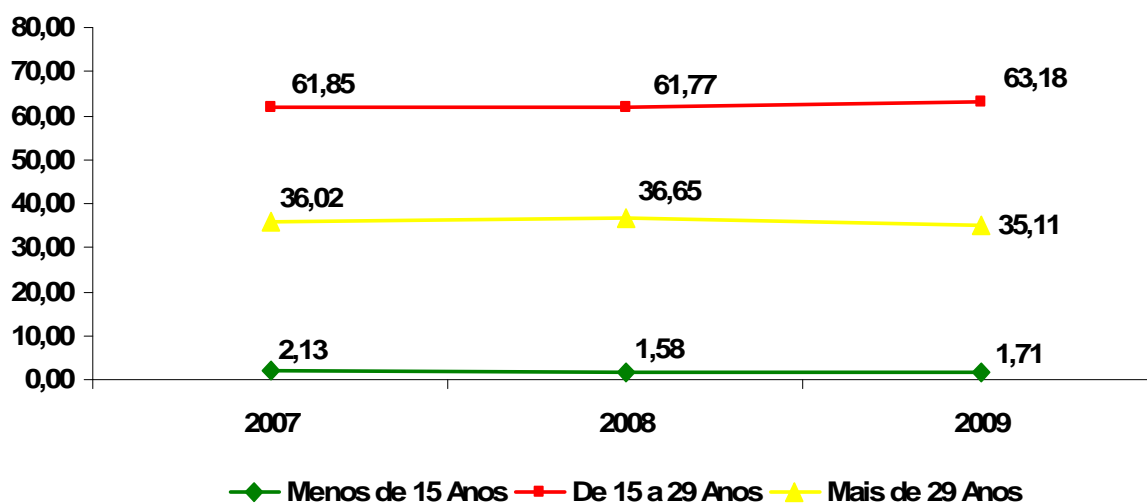


GRÁFICO 2

**Percentual de Homicídios por Faixa de Idade - Fortaleza
2007 a 2009**



Os dados locais vêm corroborar com os dados nacionais, ou seja, o alargamento da faixa etária de 15 a 29 anos. Observa-se que os jovens nesta faixa etária, no ano de 2007, somaram **61,85%** do total de homicídios em Fortaleza; de forma semelhante quantificaram **61,77%** em 2008 e cresceram para **63,18%** em 2009. Nota-se que este é uma marca no perfil de mortes na Cidade.

Além desta característica, observamos que as vítimas são **jovens do sexo masculino e solteiros, além de possuírem baixa escolaridade**, como podemos observar nas estatísticas abaixo.

TABELA 5

Número de Homicídios por Sexo, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009.

Recorte Geográfico	Homicídios por Sexo											
	2007				2008				2009			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Fortaleza	804	100,0	40	100,0	783	100,0	41	100,0	886	100,0	51	100,0
Regional 1	82	10,2	5	12,5	101	12,9	4	9,8	114	12,9	4	7,8
Regional 2	92	11,4	7	17,5	71	9,1	5	12,2	109	12,3	4	7,8
Regional 3	105	13,1	8	20,0	109	13,9	9	22,0	96	10,8	5	9,8
Regional 4	72	9,0	4	10,0	57	7,3	5	12,2	58	6,5	5	9,8
Regional 5	199	24,8	9	22,5	186	23,8	10	24,4	221	24,9	16	31,4
Regional 6	254	31,6	7	17,5	259	33,1	8	19,5	288	32,5	17	33,3

Fonte: IML\SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal /PEFOCE), 2010.

Nota: O percentual da regional é com relação a Fortaleza e tabulação da pesquisa.

Dos 844 homicídios registrados em Fortaleza no ano de 2007, **40 são do sexo feminino e 804 são do sexo masculino** o que corresponde a **95,2%** de homens vítimas; já em 2008, a realidade é semelhante, pois, dos 824 homicídios, **41 são mulheres e 783 são homens**, equivalente a **95% homens**; e em 2009, do total de 937 homicídios, **51 são mulheres e 886 são homens**, o que corresponde a **94,5%**. Neste último ano já se observa também uma evolução não só do número de homens vítimas como também de mulheres. É certo que o número de homens é bem superior, mas no que concerne a evolução dos homicídios na série histórica nas Regionais há especificidades. Em algumas Regionais há declínio tanto de vítimas do sexo feminino quanto do masculino. Esclarecemos que os percentuais de vítimas homens e de mulheres das Regionais são calculados com relação ao total de vítimas homens e de vítimas mulheres de Fortaleza, respectivamente. Como já ficou claro que o número de homens é bem superior, resolvemos descrever abaixo os números das vítimas mulheres no sentido de compreender a participação delas nos índices de homicídios.

Na Regional 1, seguindo a tendência da Cidade, observa-se os números reduzidos em relação às mulheres: em 2007 foram registrados 5 casos de mulheres, ou seja, 12,5% de vítimas mulheres; em 2008 foram contabilizados 4 casos de mulheres, ou seja, 9,8% e, em 2009, também, 4 casos de mulheres, reduzindo a 7,8% o percentual de mulheres. Nos gráficos podemos observar as linhas de crescimento e declínio. Entre mulheres há certa estabilidade nos números absolutos, observando-se um declínio no percentual ao compararmos com o total de vítimas mulheres de Fortaleza que em 2009 é superior aos demais anos.

Na Regional 2 os percentuais relativos a participação das mulheres como vítimas de homicídios são um pouco maiores em 2007 e 2008, mas igual em relação a 2009, ao compararmos com a Regional 1. Em 2007 foram contabilizados 7 casos de mulheres, ou 17,5% de mulheres; em 2008 foram 5 casos de mulheres, 12,2% e, em 2009, foram registrados 4 mulheres, também 7,8% de casos femininos, número igual ao mesmo ano na Regional 1.

Na Regional 3 a participação das mulheres é maior nos anos de 2007 e 2008, mas declina bastante em 2009. Em 2007 foram registrados 8 casos de mulheres, ou seja, 20% de vítimas mulheres; já em 2008 foram 9 casos, 22%; mas, em 2009 foram contabilizados 5 casos, 9,8%. Nesta Regional é possível observar nos gráficos que há

um declínio tanto de vítimas homens quanto de mulheres.

Na Regional 4 os números em relação as mulheres já são mais reduzidos se compararmos com os da Regional 3, mas semelhantes aos da Regional 1 e 2. Em 2007 foram registrados 4 casos de mulheres, ou seja, 10%; em 2008 foram 5 registros, 12,2%; e, em 2009, foram contabilizados também 5 casos, ou 9,8% de vítimas. É possível observar que o número de mulheres vítimas são um tanto quanto estáveis enquanto o número de homens apresentam uma curva em declínio.

Até aqui foi interessante apresentar as curvas de crescimento e declínio em relação as mulheres e aos homens, de certa forma, diferenciando-se do geral em Fortaleza que apresentou crescimento, especialmente em 2009. Nas duas outras Regionais 5 e 6, entretanto, a participação de homens e mulheres além de ser maior, apresenta crescimento nas curvas dos gráficos, demonstrando, assim, mais uma vez, que estas duas Regionais apresentam números bem mais significativos do que nas outras Regionais.

Na Regional 5 foram contabilizados 9 casos de mulheres em 2007, ou 22,5%; em 2008 foram 10 casos, ou 24,4%; e, em 2009, este número cresceu para 16 casos, 31,4% de mulheres vítimas, ou seja, um crescimento significativo, tomando boa parcela do número total de mulheres vítimas neste ano em Fortaleza que foi de 51 casos.

Na Regional 6 os números são semelhantes. Em 2007 foram contabilizados 7 casos de mulheres, ou 17,5%; em 2008 foram 8 casos, ou 19,5%; e, em 2009 este número duplicou para 17 casos, equivalente a 33,3% de mulheres vítimas. Se somarmos os percentuais das duas Regionais (5 e 6) podemos observar que são 64,8% o percentual de mulheres vítimas nestas duas Regionais em relação ao total de 51 vítimas mulheres em toda Fortaleza. Os homens somam 57,4% em relação aos 886 homens vítimas de Fortaleza. São registros que nos fazem crer que urge maior observação neste campo por parte dos poderes públicos.

As estatísticas de **Homicídios por posição no domicílio**, ou seja, **pela situação conjugal** confirmam outra característica das vítimas: a de serem solteiras.

TABELA 6

Número de Homicídios por Posição no Domicílio, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009.

Recorte Geográfico	Homicídios por Posição no Domicílio (Absoluto)											
	2007				2008				2009			
	Cas.	Solt.	Ñ Inf.	Out.	Cas.	Solt.	Ñ Inf.	Out.	Cas.	Solt.	Ñ Inf.	Out.
Fortaleza	112	689	23	20	96	689	24	15	111	765	45	16
Regional 1	6	76	4	1	12	89	1	3	15	100	2	1
Regional 2	11	79	5	4	8	62	4	2	11	90	7	5
Regional 3	16	93	0	4	10	103	2	3	13	82	5	1
Regional 4	15	56	3	2	13	45	4	0	7	51	3	2
Regional 5	30	166	8	4	25	165	3	3	29	191	16	1
Regional 6	34	219	3	5	28	225	10	4	36	251	12	6

Fonte: IML\SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE), 2010.

Nota: Tabulação da pesquisa.

Dos 844 homicídios registrados em Fortaleza no ano de 2007, a grande maioria das vítimas, 689 casos, eram solteiras, enquanto 112 eram casadas; em 2008, dos 824 homicídios, também se contabilizou 689 casos de vítimas solteiras e 96 casadas e em 2009, dos 937 casos foram registrados 765 vítimas solteiras e 111 casadas. As categorias selecionadas para análise foram: “Casados”, “Solteiros”, “Não Informou”, “Outros”.

Quanto ao percentual das Regionais há algumas especificidades, porém mantém as estatísticas de liderança no item **Solteiros**. As especificidades são em relação aos itens “Não Informou” e “Outros”, observando que a falta de informação pode ser devido a problemas no registro dos dados, como já explicado na introdução deste Relatório e quanto ao “Outros” significa aqueles que foram agrupados de outras categorias “Amigado”, “Desquitado”, “Divorciado”, “Viúvo” e “Separado”. Foram agrupados porque apresentavam pouca relevância estatística. É interessante perceber isto porque estas informações estatísticas precisam ser compreendidas na dimensão qualitativa da realidade de Fortaleza neste quesito. Sabe-se que casados nem sempre significa conjugalidade formal, com registro civil ou religioso etc., podendo significar também situação de conjugalidade informal – o casal que vive junto ou “Amigado” – mesmo sem estar formalmente registrado em cartório. Os que não tem informação também podem ser “casados”, viúvos ou outra situação não confirmada formalmente. Os percentuais são apresentados de acordo com o número absoluto registrado em cada categoria com relação ao total de Fortaleza por cada categoria, em cada ano.

Só para ficar claro, na Regional 1 foram registrados 76 casos de solteiros, são 11% contra 6 casados, equivalente a 5,4%; em 2008 os solteiros cresceram para 89 registros, 12,5% e os casados foram 12 casos, ou 5,0%; já em 2009, como o número total de solteiros e de casados vítimas em Fortaleza cresceu, também estas categorias cresceram significativamente nesta Regional: foram registrados 100 casos de solteiros, 13,1% e 15 casados ou 13,5%.

Na Regional 2 os números de vítimas solteiras evoluem da seguinte forma: em 2007 foram registrados 79 casos de solteiros, equivalente a 11,5%, enquanto os casados registraram 11 casos, ou 9,8%, diminuindo em 2008 para 62 solteiros, 9,0%, contra 8 casados, ou 8,3%; mas os números voltam a crescer em 2009 para 90 casos de solteiros, 11,8% e 11 casados, 9,9%.

Na Regional 3 os números são maiores em relação aos anos de 2007 e 2008, se compararmos com a Regional 2, mas são semelhantes em 2009, inclusive havendo declínio de solteiros neste ano. Em 2007 foram registrados 93 casos de solteiros, 13,5% e os casados foram 16 registros, 14,3%; em 2008 o número de solteiros cresceu para 103, 14,9% contra 10 casados, ou 10,4%; já em 2009, os solteiros caíram para 82 casos, 10,7% e os casados foram 13 casos, 11,7%.

Na Regional 4 os números de solteiros são bem menores do que as três Regionais analisadas acima. Já os casados observa-se números semelhantes em 2007 e 2008, mas bem mais reduzido em 2009. Em 2007 foram registrados 56 casos de solteiros, 8,1% e os casados foram 16 casos, 14,3%; em 2008 foram 45 solteiros, 6,5%, e os casados foram 13 casos, 13,5%, demonstrando, portanto, declínio; já em 2009 o número de solteiros volta a crescer para 51 casos, 6,7% e os casados diminuíram para 7 casos, 6,3%.

Na Regional 5 os números são bem mais altos e o número de solteiros cresce significativamente na série histórica. Em 2007 foram registrados 166 solteiros, 24,1%, contra 30 casados, 26,8%; em 2008 o número de solteiros cresce para 165, ou 23,9%, contra 25 casados, ou 26,0%; já em 2009 o número de solteiros cresce mais ainda para 191 casos, ou 25% contra 29 casados, 26,1%.

Na Regional 6 os índices são ainda mais elevados e crescentes na série histórica. Em 2007 foram contabilizados 219 casos de solteiros, 31,8% contra 34 casados, 30,4%; em 2008 o número de solteiros cresce para 225, 32,7% contra 28 casados, 29,2%; já em 2009 o número de solteiros cresce mais ainda para 251 registros, 32,8% contra 36 casados, 32,4%, que também cresceu em relação a 2008.

Observa-se, portanto, boa parcela de registros nas Regionais 5 e 6, e mais ainda na 6, como acontece com os outros aspectos do perfil das vítimas aqui demonstrados. São Regionais mais comprometidas pelos índices que contabilizam as vítimas de homicídios.

Homicídios por Escolaridade: de baixa escolaridade

Quanto ao item **Escolaridade**, os dados demonstram a baixa escolarização das vítimas de homicídios em Fortaleza. Os dados revelam que, em 2007, 2008 e 2009, houve uma variação de quase 40% a mais de 35% das pessoas vitimizadas por homicídio na condição de serem “só” alfabetizadas, referente a pessoas que sabem escrever um bilhete simples, com todos os seus erros, mas que conseguem transmitir algum tipo de mensagem; são pessoas que não alcançaram o ensino fundamental e, que, há muito tempo, deixaram a escola.

TABELA 7
Número de Homicídios por Escolarização, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009.

Recorte Geográfico	Homicídios por Escolarização (Absoluto)									
	Ano	Analf	Alfab	EF Inc.	EF Com	EM Inc.	EM Inc.	Sup. Inc.	Sup. Com	Ignor.
Fortaleza	2007	42	329	231	86	35	58	12	4	47
	2008	31	308	237	97	30	58	6	8	49
	2009	40	333	314	65	19	47	23	7	89
Regional 1	2007	5	27	24	16	4	7	1	0	3
	2008	4	33	43	12	2	8	0	0	3
	2009	3	39	49	7	4	6	4	0	6
Regional 2	2007	5	31	32	9	6	4	2	2	8
	2008	2	15	18	16	5	8	0	4	8
	2009	7	36	39	7	1	5	3	2	13
Regional 3	2007	3	43	39	8	4	12	1	0	3
	2008	3	43	45	11	3	8	2	0	3
	2009	4	35	35	5	5	3	3	2	9
Regional 4	2007	2	28	22	8	1	7	3	0	5
	2008	1	20	18	8	2	6	1	2	4
	2009	1	17	25	9	1	4	1	0	5
Regional 5	2007	11	90	45	23	8	13	3	0	15
	2008	10	76	47	22	9	17	1	0	14
	2009	12	95	70	14	2	7	8	1	28
Regional 6	2007	16	110	69	22	12	15	2	2	13
	2008	11	121	66	28	9	11	2	2	17
	2009	13	111	96	23	6	22	4	2	28

Fonte: IML/SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE), 2010.

Nota: Tabulação da pesquisa.

O maior número de registros concentra-se no item **Alfabetizados**. No ano de 2007 houve 329 registros de vítimas nesta condição, ou seja, **38,9%** do total de 844 registros de Fortaleza; foram 308 vítimas em 2008, correspondendo a **37,3%** das 824 vítimas e, em 2009, foram contabilizados 333 vítimas, o equivalente a **35,5%** dos 937 casos de Fortaleza neste ano. Em segundo lugar aparecem as vítimas que possuíam o Ensino Fundamental Incompleto: foram 231 vítimas em 2007, ou seja, 27,4%, 237 vítimas em 2008 ou 28,7% e 314 em 2009, equivalente a 33,5%, demonstrando crescimento na série histórica. Aparecem, na tabela, 42 vítimas na condição de Analfabetos, em 2007, 31 em 2008 e 40 em 2009, números altos se pensarmos na quarta cidade do país, ainda possuindo estes índices. Por outro lado, estes índices caem bastante para quem possuía Ensino Superior Completo: foram 4 vítimas em 2007, ou seja, apenas 0,4% do total; 8 vítimas em 2008, ou 0,9%, e 7 em 2009, correspondendo 0,7% do total. É possível ver na tabela, ainda, que há uma tendência decrescente de vítimas de homicídio na medida em que cresce o grau de estudo.

Nas Regionais da Cidade, a tendência é a mesma. Como há muitos detalhes é interessante apresentar somente alguns números absolutos à título de esclarecimentos. No caso da Regional 1, os maiores índices concentram-se entre quem possuía Ensino Fundamental Incompleto, havendo crescimento na série histórica, ou seja, 24 casos em 2007, 43 casos em 2008 e 40 casos em 2009; em segundo lugar aparece quem era somente Alfabetizado, observando-se que, no caso de Ensino Superior Completo, não aparece vítima de homicídio.

Na Regional 2 há também concentração de vítimas nos dois itens (Ensino Fundamental Incompleto e Alfabetizado), com números um pouco menores, porém semelhantes aos da Regional 1, mas, ao contrário desta, aparecem vítimas também com Ensino Superior, são 2 vítimas em 2007, passando para 4 em 2008 e voltando para 2 casos em 2009.

Na Regional 3 as categorias Ensino Fundamental Incompleto e Alfabetizado aparecem com números semelhantes; no ano de 2007 liderava o índice de Alfabetizados com 43 casos contra 39 do Ensino Fundamental Incompleto; já em 2008 a situação se inverte, os Alfabetizados somam 43 casos e os que possuíam Ensino Fundamental Incompleto registraram 45 casos; a situação se iguala em 2009, pois ambas as categorias contabilizaram 35 casos, cada uma. Quanto ao Ensino Superior Completo apenas em 2009 foram contabilizadas 2 vítimas.

Na Regional 4 a realidade se repete com algumas diferenças. Em relação ao

item Ensino Fundamental Incompleto, foram registrados em 2007 22 casos, diminuindo em 2008 para 18 registros, mas voltando a crescer em 2009 para 25 casos; quanto ao item Alfabetizados, observa-se um declínio nos números, pois foram registrados 28 casos em 2007, diminuindo para 20 registros em 2008 e diminuindo mais ainda em 2009 para 17 casos. Em relação ao Ensino Superior só foram registrados 2 casos no ano de 2008.

Quanto a Regional 5, além dos números serem mais altos, como ocorre nas outras características analisadas, houve uma inversão; foi no item Alfabetizados que se concentraram os maiores índices: 90 registros em 2007, diminuindo para 76 casos em 2008 e voltando a crescer em 2009 para 95 registros; o item Ensino Fundamental Incompleto aparece em segundo lugar numa tendência crescente com 45 registros em 2007, 47 em 2008 e 70 em 2009, demonstrando que, de fato, são números bem expressivos; quanto ao Ensino Superior Completo aparece 1(uma) vítima em 2009.

Esta realidade também ocorre na Regional 6, índices altos e liderança do item Alfabetizados. São 110 casos registrados em 2007, 121 em 2008 e 111 em 2009. No item Ensino Fundamental Incompleto foram registrados 69 casos em 2007, 66 em 2008 e 96 registros em 2009; quanto ao Ensino Superior Completo aparecem 2 vítimas em 2007, também 2 vítimas em 2008 e novamente 2 vítimas em 2009. Observa-se mais uma vez que as Regionais 5 e 6 precisam de atenção devido aos altos índices nela registrados em todos os aspectos. Neste caso específico, concentra-se maior índice de pessoas com baixa instrução.

Homicídios por ocupação: vítimas empregadas

Sobre o item ocupação das vítimas de homicídios estabelecemos quatro categorias para a análise: Desempregada, Empregada, Estudante e Outros. Empregada significa ocupação, ou seja, o fato de a pessoa possuir qualquer tipo de emprego formal ou informal que fora registrado na base de dados. E a categoria Outros significa pessoas aposentadas, pensionistas, reservistas e sem ocupação definida.

TABELA 8												
Número de Homicídios por Tipo de Ocupação - Fortaleza												
Recorte Geográfico	2007				2008				2009			
	Desemp.	Empreg.	Estudante	Outros	Desemp.	Empreg.	Estudante	Outros	Desemp.	Empreg.	Estudante	Outros
Fortaleza	3	533	149	159	2	487	184	151	11	493	190	243
Regional 01	1	48	21	17	0	59	30	16	4	62	29	23
Regional 02	0	56	19	24	0	44	13	19	3	66	15	29
Regional 03	0	67	21	25	1	59	33	25	1	50	26	24
Regional 04	0	49	11	16	0	43	8	11	0	37	11	15
Regional 05	0	139	31	38	0	123	39	34	1	116	44	76
Regional 06	2	174	46	39	1	159	61	46	2	162	65	76

Fonte: IMLSSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE), 2010.

Nota: tabulação da pesquisa

Observamos que em Fortaleza a maioria das vítimas era formada de pessoas na categoria Empregada. Como se observa na tabela acima, em 2007 foram vítimas 533 pessoas empregadas, enquanto 149 eram estudantes, apenas 3 desempregadas. Em 2008 foram registrados 487 empregadas e um número maior de estudantes (184), apenas 2 desempregadas. Em 2009 foram quantificadas 493 empregadas e um número ainda maior de estudantes (190), observando que, neste ano, também cresceu o número de vítimas desempregadas, 11 pessoas. Mas é importante apontar também para o item Outros, que aparece em 2007, com 159 registros, em 2008 com 151 e em 2009 com um número mais significativo ainda, 243 registros.

Nas Regionais da Cidade essa realidade se repete, destacando as Regionais 5 e 6 com maior número de registros em relação a todas as categorias, observando, na Regional 5, declínio nos números de pessoas empregadas na série histórica, enquanto na Regional 6, houve declínio em 2008, crescendo um pouco em 2009. Em relação ao item Outros, o ano de 2009 também registrou um crescimento significativo de registros. Os estudantes dessas Regionais também apresentaram crescimento nos registros na série histórica.

Homicídios por arma de fogo

A pesquisa também investigou dados sobre um dos instrumentais mais recorrentes utilizados para o cometimento de homicídios, a **arma de fogo**. O dado revelador é que a média das vítimas mortas por arma de fogo em Fortaleza na série 2007 a 2009 é superior a 80%. Isso também vem corroborar com relatórios de pesquisas internacionais.

Regional	TABELA 9								
	Homicídios por arma de fogo 2007 a 2009								
	2007			2008			2009		
Total de homicídios	Homicídios por Arma de Fogo	%	Total de homicídios	Homicídios por Arma de Fogo	%	Total de homicídios	Homicídios por Arma de Fogo	%	
Fortaleza	844	684	81,05	824	676	82,04	937	808	86,24
Regional 01	87	66	75,86	105	89	84,76	118	99	83,89
Regional 02	99	79	79,79	76	59	77,63	113	91	80,53
Regional 03	113	91	80,53	118	93	78,81	101	88	87,12
Regional 04	76	64	84,21	62	44	70,96	63	51	80,95
Regional 05	208	169	81,25	196	162	82,65	237	200	84,38
Regional 06	261	215	82,37	267	229	85,76	305	279	91,47

Fonte: IML\SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal /PEFOCE), 2010.

Nota: Tabulação da pesquisa

Nas Regionais os dados também confirmam a forte participação deste implemento para o cometimento de homicídio. Importante observar na tabela os totais de homicídios das regionais e compará-los com aqueles causados por arma de fogo, que apresentam números alarmantes. Assim, na Regional 1 observa-se que há crescimento na série histórica, pois, do total de homicídios registrados nesta Regional em 2007, 75,86% foram causados por arma de fogo; cresceu em 2008 para 84,76% e declinou um pouco em 2009 para 83,89%, número menor do que a média de Fortaleza. Na Regional 2, também observamos um declínio em 2008, mas crescimento em 2009 (80,53%). Na Regional 3 a situação é semelhante, mas o crescimento em 2009 é mais significativo (87,12%), semelhante a média de Fortaleza. Na Regional 4 observamos declínio de 2008 em relação a 2007, crescendo um pouco em 2009 (80,95%), mas não tão significativo. Na Regional 5, onde os números de homicídios são maiores, assim como na Regional 6, houve tendência de crescimento em toda a série histórica. A Regional 5 alcançou 84,38% de homicídios por arma de fogo em 2009 e na Regional 6 o crescimento foi o maior registrado, chegando a 91,47%, superando significativamente a média da Cidade. Esse dado chama atenção por alcançar mais de 90% de homicídios causados pelo implemento arma de fogo, demonstrado, portanto, a violência relacionada ao homicídio na cidade de Fortaleza.

GRÁFICO 3
Homicídios por Arma de Fogo - Fortaleza 2007/2009

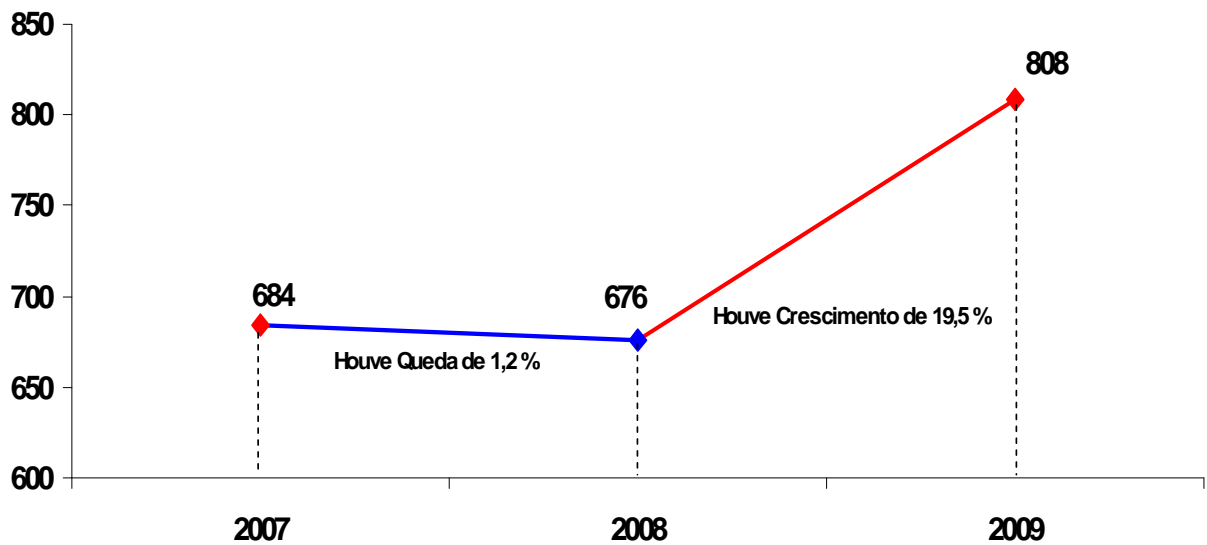
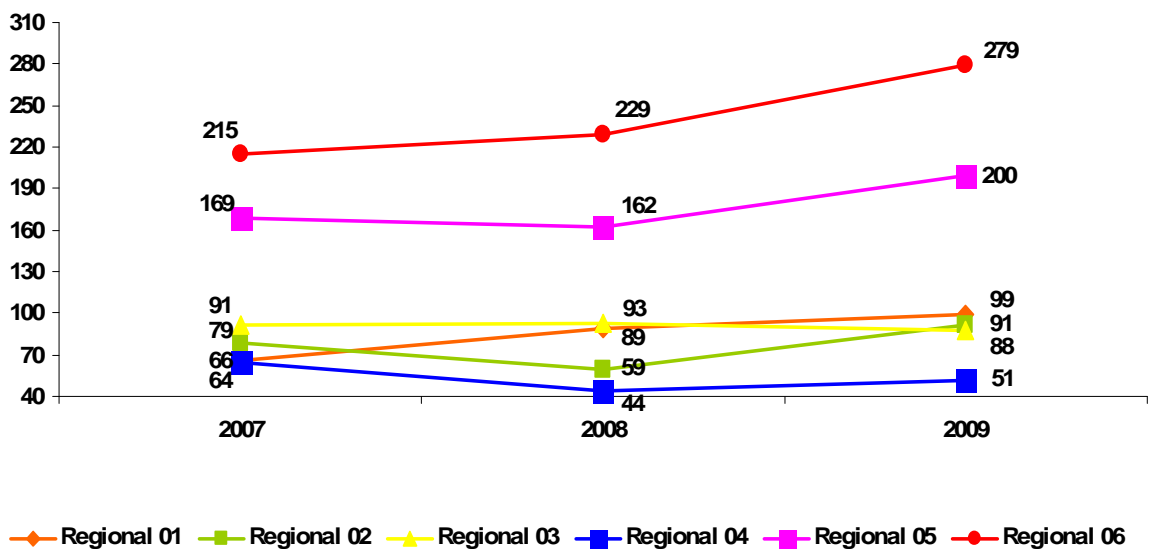


GRÁFICO 4
Homicídios por Arma de Fogo e Regionais - 2007/2009



De acordo com o relatório “Estado das Cidades do Mundo 2004/2005”, do programa de Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU-Habitat), dentre os fatores responsáveis pelo crescimento da criminalidade no Brasil, estão o aumento do crime organizado, do tráfico de drogas e do número de armas de fogo em circulação e sem controle do poder público. Para o Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada-IPEA, o aumento no número de homicídios, verificado nos anos 1980 e 1990, só será revertido se houver redução da desigualdade de renda no País. *A razão é que mesmo a economia entrando numa trajetória de considerável crescimento, sem redução da desigualdade, a criminalidade aumenta* (Folha Online, Rio de Janeiro, 2005).

Há um recente estudo intitulado “Seguindo a Rota das Armas: Desvio, Comércio e Tráfico Ilícitos de Armamento Pequeno e Leve no Brasil”, que aponta índices alarmantes em relação as estimativas de armas de fogo no Brasil⁴. Trata-se de um Projeto que objetiva dar subsídios para que os poderes públicos, federal e estaduais, possam investir no combate ao tráfico de armas ilegais, desvio de armas das corporações policiais e controle de armas e munições no país e nos estados no sentido de orientar políticas de segurança voltadas para esta área. Diz o relatório da pesquisa: “são estimamos que circulem entre 16 e 18 milhões de armas de fogo; das quais aquelas de uso legal estejam nas faixas de 7,5 e 8,4 milhões; e as ilegais se concentrem entre 7,6 e 10,7 milhões” (OSCIP VIVA COMUNIDADE, 2010, p. 8).

Em comentário sobre a referida pesquisa, a jornalista Marina Lemle descreve mais dados do relatório, comentando que, desta estimativa,

a sociedade civil detém aproximadamente 14 milhões (87%) e o Estado cerca de 2 milhões (13%). Em seu comentário destaca que o Brasil é campeão mundial em números absolutos por morte de arma de fogo, com 34.300 homicídios por ano. Vincula-se normalmente o crime com a arma ilegal, mas cerca de 30% das armas apreendidas em situação ilegal foram legalmente compradas. Mais de 80% delas eram brasileiras. No mundo, o Brasil figura como o sexto país exportador de armas pequenas. (Marina Lemle <http://www.comunidadessegura.org/pt-br/user/17>, 20/12/2010).

Os dados são de fato, alarmantes colocando o país numa condição preocupante sem que se observe efetivo combate e controle no manuseio de armas ilícitas. Estudos como este são fundamentais para orientar políticas públicas no sentido de alterar a situação do país como campeã quando se trata de números que estimam mortes causadas por armas de fogo que estão nas mãos da população civil. No que se refere a

⁴ Para mais detalhes ver o estudo completo “Seguindo a Rota das Armas: Desvio, Comércio e Tráfico Ilícitos de Armamento Pequeno e Leve no Brasil”, do Projeto “MAPEAMENTO DO COMÉRCIO E TRÁFICO ILEGAL DE ARMAS NO BRASIL”, uma pesquisa elaborada pela Oscip VIVA COMUNIDADE, com apoio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), Ministério da Justiça, Rio de Janeiro no período de Setembro de 2010. Link: http://www.vivario.org.br/publique/media/Seguindo_a_Rota_das_Armas.pdf

Fortaleza-CE observamos que segue a tendência brasileira nesta problemática, sendo urgente que o Estado do Ceará siga as orientações nacionais e invista exaustivamente no controle das armas no estado e, dessa forma, seja possível melhorar as estimativas de mortes por homicídios e, ainda, causadas por armas de fogo.

1.2.2 Fortaleza e suas Regionais: as cinco ocorrências mais recorrentes nas estatísticas do Sistema de Informações Policiais da SSPDS

Como afirmado na introdução deste Relatório e descritas ainda nesta Parte, foram selecionadas cinco ocorrências policiais mais recorrentes registradas em Fortaleza: Furtos, Roubo, Lesão Corporal, Relações Conflituosas e Mortes Violentas para se fazer uma análise mais detalhada dos índices registrados no banco de dados.

TABELA 10
Número de Ocorrências por Categoria, Segundo as Regionais - Fortaleza 2007/2009.

Recorte Geográfico	Ano	Ocorrências por Categoria									
		Furtos		Roubos		Lesão Corporal		Relações Conflituosas		Mortes Violentas	
		Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Fortaleza	2007	40.284	100,0	39.204	100,0	8.613	100,0	24.859	100,0	2.326	100,0
	2008	35.620	100,0	34.512	100,0	8.487	100,0	24.804	100,0	2.111	100,0
	2009	34.565	100,0	34.428	100,0	8.781	100,0	26.370	100,0	1.905	100,0
Regional 1	2007	3.798	9,4	5.727	14,6	1.295	15,0	3.815	15,3	314	13,5
	2008	3.809	10,7	4.967	14,4	1.247	14,7	3.682	14,8	320	15,2
	2009	3.480	10,1	5.112	14,8	1.219	13,9	3.914	14,8	251	13,2
Regional 2	2007	14.333	35,6	10.138	25,9	1.787	20,7	4.578	18,4	331	14,2
	2008	12.511	35,1	8.683	25,2	1.727	20,3	4.524	18,2	295	14,0
	2009	12.944	37,4	9.004	26,2	1.788	20,4	4.905	18,6	317	16,6
Regional 3	2007	3.961	9,8	4.561	11,6	1.178	13,7	3.330	13,4	316	13,6
	2008	3.549	10,0	4.522	13,1	1.151	13,6	3.396	13,7	287	13,6
	2009	3.535	10,2	4.675	13,6	1.218	13,9	3.946	15,0	238	12,5
Regional 4	2007	6.941	17,2	4.704	12,0	1.045	12,1	3.220	13,0	362	15,6
	2008	6.261	17,6	4.673	13,5	1.089	12,8	3.420	13,8	362	17,1
	2009	5.526	16,0	4.205	12,2	1.146	13,1	3.263	12,4	268	14,1
Regional 5	2007	4.891	12,1	5.762	14,7	1.627	18,9	5.214	21,0	454	19,5
	2008	4.097	11,5	5.239	15,2	1.597	18,8	4.966	20,0	334	15,8
	2009	3.696	10,7	5.504	16,0	1.740	19,8	5.210	19,8	296	15,5
Regional 6	2007	6.360	15,8	8.312	21,2	1.681	19,5	4.702	18,9	549	23,6
	2008	5.393	15,1	6.428	18,6	1.676	19,7	4.816	19,4	513	24,3
	2009	5.384	15,6	5.928	17,2	1.670	19,0	5.132	19,5	535	28,1

Fonte: SIP/SSPDS/Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, 2010

Nota: O percentual da regional é com relação a Fortaleza.

Nota: Tabulação da pesquisa.

Observarmos aqui os números absolutos notificados e verificados em Fortaleza, em cada uma dessas ocorrências, comparando com dados de cada Regional da Cidade na série histórica 2007, 2008 e 2009. Podemos observar que os índices de furtos e roubos são bastante elevados entre as cinco ocorrências; também é importante observar o item Relações conflituosas, cujos registros também são crescentes, demonstrando a existência de conflitos sociais na Cidade motivados por relações interpessoais, que necessitam, por parte do poder público, de um olhar cauteloso, já que esse tipo de conflito pode evoluir para delitos mais graves como lesão corporal e até mortes. Contudo, há que se dizer que esses números podem, ainda, ser maiores ao considerarmos as sub-notificações.

FURTOS

Veremos diferenças entre as Regionais, especialmente nas ocorrências de Furtos e Roubos. Por exemplo, entre as Regionais 1 e 2, que são bem diferentes entre si, devido às suas características socio-culturais e econômicas, é visível que o número de Furtos na Regional 1 é bem inferior aos registrados na Regional 2, assim como Roubos. Talvez isto se deva ao fato de a Regional 2 ser mais bem equipada de comércio, serviços e turismo, atraindo as possibilidades de furtos em bairros de porte comercial, por exemplo. Também pelo fato de o centro da Cidade pertencer a esta Regional. Em relação aos outros itens a diferença é pequena.

No caso de Furtos, a Regional 1 contabilizou, em 2007 3.798 casos, o que representa 9,4% de todos os casos de furtos de Fortaleza (**40.284**); em 2008 os números absolutos da Regional cresceram (3.809), o que corresponde a 10,7% do total da Cidade, contrariando a tendência de Fortaleza que registrou declínio no número de furtos (**35.620**); já em 2009, a Regional apresentou declínio no número de ocorrências (3.480), o que equivale a 10,1% da Cidade, seguindo a mesma tendência de Fortaleza (**34.565**).

Diferentemente do que observamos na Regional 1, a Regional 2 entre os anos de 2007 e 2008 acompanhou a tendência de queda registrada na Cidade, entretanto, de 2008 para 2009 constatou-se crescimento no número de ocorrências, enquanto a Cidade permanecia em tendência de queda. É importante destacarmos que a Regional 2 teve elevada participação no total dessa ocorrência em todo o Município, registrando, em 2007, 14.333, correspondendo a 35,6% dos casos; em 2008 foram registrados 12.511, que equivale a 35,1%; e, em 2009, 12.944, equivalentes a 37,4% do total das ocorrências em Fortaleza.

A Regional 3 manteve média de registro na série histórica. Em 2007 ocorreram 3.961 casos, correspondendo a 9,8%; em 2008 foram 3.549, equivalentes a 10,0%; e, em 2009 3.535 casos, correspondentes a 10,2% em relação ao número total de ocorrências verificadas em Fortaleza, demonstrando estabilidade dos dados. Na Regional 4 os números são mais elevados, mas demonstram tendência decrescente nos registros na série histórica, seguindo a mesma tendência de Fortaleza. Em 2007 a Regional contabilizou 6.941 casos, o que corresponde a 17,2%; em 2008 foram 6.261 casos, equivalentes a 17,6%; e em 2009 foram 5.526 registros, correspondentes a 16,0% do total das ocorrências registradas no Município.

Semelhante a Regional 4, a Regional 5 demonstrou tendência geral de declínio do número de furtos na série histórica considerada, o que também se verificou em Fortaleza. Em 2007 foram registrados 4.891 casos, correspondentes a 12,1% do total; em 2008 foram 4.097 equivalentes a 11,5%; e, em 2009, foram 3.696 casos, que corresponde a 10,7% do total. Já na Regional 6 os números são mais altos quando comparados com a Regional 5. Observamos queda no número de ocorrências de 2007 para 2008 e estabilização quando comparados 2008 e 2009. Foram registrados, em 2007, 6.360 (15,8%); em 2008 5.393 (15,1%); e, em 2009, 5.384 (15,6%).

ROUBOS

O número de ocorrências relativas a roubos em Fortaleza seguiram tendência de queda na série histórica analisada. A Cidade registrou, em 2007, **39.204** casos; em 2008 **34.512**; e, em 2009, **34.428**. Houve um declínio mais intenso de 2007 para 2008 e, no caso de 2009, embora confirmasse a tendência de queda, observamos estabilização relativa das ocorrências.

Na Regional 1, houve queda de 2007 para 2008, mas voltou a crescer em 2009. Foram contabilizados, em 2007, 5.727 casos, o que corresponde a 14,6% em relação aos casos de Fortaleza; em 2008 o número de ocorrências diminuiu para 4.967 casos, que equivale a 14,4%; e, em 2009, o número de ocorrências volta a crescer para 5.112 casos, 14,8% do total de roubos registrados na Cidade.

Na Regional 2, oscilação semelhante também se verificou quando comparados os números das ocorrências na série histórica estudada. Em 2007 foram registrados 10.138 casos, correspondentes a 25,9% do total da Cidade. Este número decaiu comparado a 2008 que registrou 8.683 casos, equivalentes a 25,2%. Em 2009 as

ocorrências voltam a crescer, com um total de 9.004, correspondentes a 26,2% do total de ocorrências do Município. A Regional teve, assim como as ocorrências de furto, a maior participação percentual no total de roubos de Fortaleza, comparada as outras regionais, podendo perceber uma média aproximada de 26,0% de todos os casos registrados na Cidade.

A Regional 3, ao longo da série histórica de 2007 a 2009, não apresentou alterações significativas no número desta ocorrência. Em 2007 foram registrados 4.561 casos representando 11,6% do total de ocorrências em Fortaleza; em 2008, esse número diminuiu para 4.522, correspondendo a 13,1%; e, em 2009, verificou-se tímida elevação desse número que foi de 4.675, equivalentes a 13,6% do total.

A Regional 4 apresentou números semelhantes aos da Regional 3, entretanto, com uma peculiaridade que foi a leve tendência de decréscimo do número de ocorrências na série histórica analisada. Em 2007 foram registrados 4.704 casos, correspondendo a 12,0%; em 2008 esse número caiu para 4.673, 13,4%; e, em 2009, foram registrados 4.205 casos, equivalentes a 12,2%. Ao compararmos o número de ocorrências de 2007 e 2009, observamos uma queda mais significativa.

A Regional 5 reproduz a tendência de oscilação dos registros apresentados nas Regionais 1, 2 e 3, ou seja, declínio do número de registros de 2007 para 2008 e elevação desses números em 2009. Em 2007 foram registrados 5.762 casos, equivalentes a 14,7% do total; em 2008 foram 5.239 casos, 15,2%; e, em 2009, foram 5.504 casos, o que corresponde a 16,0%.

A Regional 6 é a segunda com maior número desta ocorrência. Em 2007 foram registrados 8.312 casos, representando 21,2% do total de ocorrências em Fortaleza; em 2008, foram 6.428, equivalentes a 18,6%; e, em 2009, foram registrados 5.928 casos, correspondentes a 17,2% do total. Observamos que esta Regional acompanhou a tendência de declínio no número de ocorrências verificadas também em Fortaleza na série histórica, com um destaque de que a intensidade da queda na Regional foi maior do que a verificada na Cidade.

LESÃO CORPORAL

Em relação a Lesão corporal, em Fortaleza, houve pequena queda nos números absolutos de 2007 (**8.613**) para 2008 (**8.487**), voltando a crescer em 2009 (**8.786**). Estas tendências de crescimento e declínio se diversificam entre as Regionais,

nos levando a perceber que cada uma precisa ser observada de acordo com suas características e seu potencial próprio de enfrentamento da problemática.

Na Regional 1, confirmou-se a tendência de queda ao longo da série histórica, embora timidamente, diferentemente de Fortaleza, que oscilou na mesma série histórica. Neste Regional, em 2007, foram registrados 1.295 casos, equivalentes a 15,0% do total; em 2008 os registros declinaram para 1.247, correspondentes a 14,7%; e, em 2009, foram 1.219 casos, equivalentes a 13,9% do total da Cidade.

A Regional 2 manteve-se com número de registros estáveis na série histórica. Em 2007 foram contabilizados 1.787 casos, correspondentes a 20,%; em 2008 foram 1.727 casos, equivalentes a 20,5%; e, em 2009, 1.788, 20,4% do total. A Regional 3 registrou, a exemplo das Regionais 1 e 2, apresentou estabilidade no número de ocorrências na série histórica. Em 2007 foram contabilizados 1.178 casos, o que corresponde a 13,7%; em 2008 foram 1.151, 13,6% do total; e, em 2009, foram 1.218, correspondentes a 13,9% do total.

Na Regional 4, diferentemente das demais Regionais, o número de ocorrências registrados na série histórica, apresentou tendência de crescimento contínuo, embora não tenha sido significativo. Em 2007, foram 1.045 casos, o que corresponde a 12,1%; em 2008 esse número elevou-se para 1.089, correspondente a 12,8%; e, em 2009, alcançou 1.146 casos, equivalentes a 13,1% do total da Cidade.

Já na Regional 5, os números de ocorrências verificados na série histórica são mais elevados do que as Regionais 2 e 6, acompanhando a oscilação dos números apresentado em Fortaleza. Em 2007, foram contabilizados 1.627 ocorrências, 18,9%; em 2008 houve um decréscimo no número de registros, passando para 1.597, equivalentes a 18,8%; e, em 2009, o número eleva-se para 1.740 casos, o que equivale a 19,8%.

A Regional 6 é a segunda que apresenta maior número de registros de lesão corporal em Fortaleza. Os números apresentam pequenas variações entre os anos estudados, com tendência leve de queda contítuna na série estudada, contrariamente ao que se observa no mesmo período em Fortaleza. Em 2007, foram registrados 1.681 casos, equivalentes a 19,5%; em 2008 foram 1.676 casos, correspondentes a 19,7; e, em 2009, foram 1.670, o que corresponde a 19,0% do total da Cidade.

Como pudemos observar, em relação a esta ocorrência, não houve mudanças significativas, seja na oscilação positiva das ocorrências, seja pelo seu decréscimo, em ambas as situações marcadas por mudanças ouco relevantes, quando comparados os

anos da série histórica analisados. No caso específico da natureza deste crime, os dados tendem a questionar a eficácia das ações de segurança pública voltadas para a defesa e a integridade física dos cidadãos.

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

Este item é de fundamental importância para a análise, já que se trata de ocorrência com tendência de crescimento e que envolve conflitos interpessoais além de, como já afirmado, ter a tendência de seguir mecanismos cada vez mais conflituosos podendo envolver lesões graves e mortes motivadas por motivos fúteis. Estas poderiam ser contornadas com medidas de segurança como a mediação de conflitos. Fortaleza em geral registrou tendência de crescimento desta ocorrência no ano de 2009 (**26.370 casos**) quando comparados a 2007 (**24.859 casos**) e a 2008 (**24.804 casos**).

A Regional 1 seguiu mesma tendência da Cidade, com queda entre 2007 e 2008 e crescimento em 2009 nos números absolutos. Em 2007, foram registrados 3.815 casos, o que corresponde a 15,3% dos casos da Cidade; em 2008 esse número decresce para 3.682, representando 14,8%; e, em 2009, o número volta a crescer superando o registrado no ano de 2007, que foi de 3.914, correspondendo a 14,8%.

A Regional 2 também aparece com registros relativamente estáveis, embora maiores do que os apresentados pela Regional 1. Nesta Regional verificamos diminuição no número de registros de 2007 para 2008 e aumento de 2008 para 2009, atestando mesma tendência observada no conjunto dos dados da Cidade. Em 2007 foram contabilizados 4.578 casos, o que corresponde a 18,4%; em 2008 o número de registros diminuiu para 4.524 casos, 18,2%; e, em 2009, o número volta a crescer para 4.905 casos, correspondendo a 18,6%, superando os anos anteriores.

A Regional 3 demonstra claro crescimento do número desta ocorrência na série histórica, ao registrar em 2007 3.330 casos, o que equivale a 13,4%; em 2008 foram contabilizados 3.396, equivalentes a 13,7%; e, em 2009, foram 3.946, representando 15,0% do total da Cidade. A Regional 4 apresenta peculiaridade na oscilação dos dados quando comparada as demais regionais neste tipo de ocorrência, ao registrar crescimento de 2007 para 2008 e declínio do número de ocorrência em 2009. Em 2007 foram registrados 3.220 casos, representando 13,0%; em 2008 esse número elevou-se para 3.420, 13,8% do total; e, em 2009, o número diminuiu para 3.263 casos, correspondentes a 12,4% do total das ocorrências de Fortaleza.

A Regional 5 apresenta oscilação dos números desta ocorrência em conformidade com a apresentada nos números de Fortaleza na série histórica analisada, ou seja, houve queda nos registros de 2007 para 2008, voltando a crescer em 2009. Em 2007 foram registrados 5.214 casos, o que corresponde a 21,0% do total; em 2008 os números diminuem para 4.966, equivalentes a 20,0% do total; e, em 2009, cresce para 5.210 casos, correspondentes a 19,8%. Destacamos que esta Regional é a que apresentou o maior número absoluto de casos de relações conflituosas, dentre todas as Regionais, como também possui o maior índice percentual relativo à Cidade neste tipo de ocorrência.

A Regional 6 concentra o segundo maior número de relações conflituosas da Cidade. Também tem uma especificidade que a difere da própria tendência de oscilação tanto negativa quanto positiva dos números de Fortaleza, na série histórica analisada. Igualmente a Regional 3, verificamos crescimento seguido do número desta ocorrência nos três anos analisados. Em 2007 a Regional 6 registrou 4.702 casos, que corresponde a 18,9%; esse número elevou-se, em 2008, para 4.816, equivalentes a 19,4%; e, em 2009, para 5.132 casos, o que corresponde a 19,5% do total desta ocorrência em Fortaleza.

MORTES VIOLENTAS

Em Fortaleza houve declínio nas ocorrências de mortes violentas em toda a série histórica analisada, entretanto, isto não se verificou, igualmente, em relação às regionais. Em 2007, foram registrados **2.326 casos de mortes violentas**; em 2008 foram **2.111 casos**; e, em 2009, foram **1.905 casos**. A Regional 1, em 2007, contabilizou 314 casos, correspondentes a 13,5%; em 2008 estes dados mantiveram-se relativamente estáveis, quando registrou 320, equivalentes a 15,2%; em 2009, no entanto, dá-se um declínio significativo no número de ocorrências, quando foram registrados 251 casos, equivalentes a 13,2% .

A Regional 2 apresenta uma especificidade diferentemente da Cidade ao registrar um declínio do número de ocorrências de 2007 para 2008, voltando esse número a crescer em 2009. Em 2007, foram contabilizados 331 casos, o que corresponde a 14,2% do total; em 2008 foram 295, equivalentes a 14,0%; e, em 2009, 317 casos, correspondentes a 16,6%. Na Regional 3 os números apresentam queda em toda a série histórica, seguindo tendência apresentada em Fortaleza. Em 2007, foram

registrado 316 casos, equivalentes a 13,6%; em 2008, foram 287 registros, correspondentes a 13,6%; e, em 2009 foram 238 registros, representando 12,5% do total dessa ocorrência em Fortaleza.

A Regional 4 apresenta estabilidade no número de ocorrência entre os anos de 2007 e 2008, e declínio significativo de 2008 para 2009. Em 2007 foram contabilizados 362 mortes violentas, equivalentes a 15,6%; em 2008 foram também 362 casos, equivalentes a 17,1%; e, em 2009, 268 casos, equivalentes a 14,1%. Já na Regional 5 o número de ocorrências são mais expressivos, apresentando semelhança de Fortaleza, ao observarmos declínio relevante no número das ocorrências nos três anos da série histórica analisada. Em 2007 foram contabilizados 454 registros, equivalentes a 19,5%; em 2008, foram 334 casos (15,8%); e declinando mais ainda em 2009, com 296 casos, correspondentes a 15,5%. Importante destacar que em 2007 essa Regional teve alta percentagem relativa ao cômputo geral das ocorrências na Cidade, caindo nos anos subsequentes.

A Regional 6 apresenta uma peculiaridade que é sua alta participação nos percentuais de mortes violentas em relação ao total da Cidade. Também verificamos que os dados da série histórica analisada oscilam diferentemente da tendência verificada em Fortaleza. Em 2007 foram 549 casos, representando 23,6%; este número decresce para 513 em 2008, o que equivale a 24,3%; e, subindo, em 2009, para 535 registros, correspondentes a 28,1%. Destacamos que foi em 2009 que o número desta ocorrência, nesta Regional, teve maior percentual em relação ao total da Cidade.

Embora o número de ocorrências de mortes violentas, em Fortaleza, tenha diminuído de 2007 para 2009, observamos que nas Regionais 2 e 6 este tipo de criminalidade aumentou, o que requer atenção diferenciada.

1.3 Criminalidade e Violência Urbana: recortes temáticos

Após a descrição e análise dos dados revelados nos itens anteriores é fundamental aprofundarmos, aqui, a compreensão dessas estatísticas criminais e de que forma transparecem possibilidades de alternância de tal realidade mediante a problematização das ocorrências de homicídios envolvendo jovens pobres, do sexo masculino e de baixa escolaridade, da violência urbana, instrumental e simbólica e outras intervenções violentas nos bairros, dos índices criminais elevados, medos,

estigmas e constrangimentos que crescem nas metrópoles. Desenvolveu-se, também, uma análise crítica das políticas públicas de enfrentamento da violência e da criminalidade, suas definições, sentidos e ações.

1.3.1 Criminalidade e Violência: espaços estigmatizados

Um dado inicial para esta análise é entender o lugar que ocupam as cidades contemporâneas como palco de forte movimento de distinção social, cuja expressão mais aparente é o aumento da marginalidade das camadas mais pobres da população. Nesse sentido, as cidades configuram atualmente dois grandes aspectos: o primeiro é a marginalização das camadas mais pobres e o segundo é o problema dos estigmas territoriais. Nessa perspectiva, a Cidade de Fortaleza abriga bairros classificados como “violentos” devido a sua localização e precariedade de equipamentos urbanos, que são carregados desse estigma territorial, sendo esse aspecto já bastante destacado nos trabalhos sobre essas áreas urbanas. Os pobres urbanos, termo que vários autores já trabalharam, são duplamente excluídos. São classificados como “os outros”, como também “incultos e perigosos”, marcando profundamente uma nova forma de sociabilidade e de conflitualidade nas sociedades contemporâneas. Estes aspectos vão perpassar muito as nossas pesquisas, tentando compreender as novas formas de sociabilidade. Outra questão importante, para as nossas reflexões, é que a violência urbana, no Brasil, vai emergir e ter uma marca de visibilidade maior, configurando-se como um problema social, somente a partir do processo de democratização e da saída de cena do regime militar⁵.

Neste plano emerge uma importante análise que é a “relativização” dessas classificações de “bairro violento”, de “bairro não violento”, até da própria discussão de “território da paz” (uma análise especial na segunda parte deste Relatório). A violência, nesta perspectiva, é colocada como objeto e não como conceito, em uma tentativa de redefini-la social e culturalmente. Estas classificações reforçam os estigmas da marginalização, bem como, é um componente que agrava o processo de criminalização.

Este processo de “criminalização” se dá contra os movimentos sociais, mas também, em relação às práticas classificadas como delituosas, reivindicando e demandando mais “punição” para esses atos. Surgem, neste aspecto, a questão da

⁵ Este dado tem sido trabalhado por muitos autores, com destaque, Sérgio Adorno e Paulo Sérgio Pinheiro, pertencentes ao Laboratório de Estudos da Violência da USP.

diminuição da idade penal e o aumento das penas para adolescentes. Esse quadro, um pouco “superficial”, apresenta os contornos para analisar a cidade de Fortaleza a partir das divisões territoriais: leste e oeste, área nobre e área pobre, centro e periferia. De uma forma geral, podemos dizer os bairros da Aldeota e Meireles e o restante da cidade.

Em pesquisa anterior realizada sobre a juventude de Fortaleza⁶, foi observado um tipo de “linha imaginária” que poderíamos defini-la ou colocá-la na Avenida Dom Manuel, classificando o “lado de cá” e o “lado de lá” da Cidade. Essas classificações segregam e delimitam espaços, como: conhecidos ou desconhecidos, seguros ou inseguros. A territorialização configura que os jovens da Aldeota não passam para o “lado de lá”, nem os jovens do “lado de cá” passam para o “lado de lá”, pelo fato de não conhecerem as “regras” e os códigos, mantendo uma aureola de “áreas perigosas”. Nessas classificações de “áreas perigosas” é que são configurados os estigmas e as barreiras sociais, que são fruto dessas representações que são realizadas sobre os espaços sociais.

Nesse plano, é interessante relacionar duas características que são definidoras da violência, uma violência física e uma violência simbólica. Assim, ocorre um “casamento” dos dois principais tipos de violência, assumindo dois significados: instrumental e cognitivo, como afirma Machado da Silva. Para este autor a violência urbana é

[...] uma construção simbólica que destaca e recorta aspectos das relações sociais que os agentes consideram relevantes, em função dos quais constroem o sentido e orientam suas ações. Desta perspectiva possui um significado instrumental e cognitivo, na medida em que representa, de maneira percebida como objetivamente adequada a determinadas situações, regularidades de fato relacionadas aos interesses dos agentes nestes contextos. Mas, como toda representação, a violência urbana é mais do que uma simples descrição neutra. No mesmo movimento em que identifica relações de fato, aponta aos agentes modelos mais ou menos obrigatórios de conduta, contendo, portanto, uma dimensão prático-normativa institucionalizada que deve ser considerada. (MACHADO SILVA, 2004, p. 58).

A violência urbana é instrumental, objetiva e cognitiva, pois revela interesses e sentidos emitidos por seus agentes ao usarem a força como instrumento adequado em determinadas situações, mas é, antes de tudo, uma representação, uma expressão simbólica que constrói subjetivamente certo ordenamento de determinados espaços e pessoas, formas de conduta e classificações como fatores de organização das relações sociais. Quando o “outro” é classificado como violento, como perigoso, não

⁶ Ver BARREIRA, C. et al. **Ligado na Galera**: Juventude, Violência e Cidadania na Cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1999.

surge somente a dimensão física, mas também a dimensão simbólica. Esta análise possibilita importante visão sobre territorialização e estigmas sobre os bairros classificados como pobres, ganhando destaque a classificação do bairro como violento, representado por seus próprios moradores. Essas discussões devem ser feitas também sobre as classificações do que seriam bairros, comunidades ou favelas. Para a população, a divisão não necessariamente segue os limites oficiais e sim as dimensões simbólicas do pertencimento.

Outro aspecto importante no interior dos espaços urbanos é a relação entre as construções dos estigmas e a questão da insegurança urbana, gerando uma “cultura do medo”, fortemente ancorada no aumento da violência e da criminalidade. A cultura do medo tem que ser analisada no interior desse “ciclo vicioso” que foi criado: violência gerando medo e medo gerando violência.

Hoje, as relações sociais são fortemente pautadas pela dimensão do medo, da insegurança, das barreiras sociais, da insegurança e da intolerância. Para contrapor este ciclo endentemos que a compreensão do fenômeno da violência pode construir um movimento cívico para tentar trabalhar na contramão desse processo, pautado no respeito às diferenças sociais, de mais tolerância e mais confiança, gerando novas formas de sociabilidade.

Porém, nessas novas formas de sociabilidade continuam sendo gestadas práticas sociais que reforçam e dão os contornos de uma cultura do medo. Hoje temos uma geração socializada nesses princípios: do que é possível e permitido, em contraposição ao que é negado e proibido. O universo social, atualmente, dos jovens é fortemente balizado por essas práticas de sociabilidade. Um dado que ganha destaque, nessa perspectiva, é a perda de confiança no outro. O outro passa a ser um possível inimigo. Então é importante destacar, também, que estas marcas de estigmas, de estereótipos, vão criando características muito negativas para os espaços territoriais. No caso, percebemos perfeitamente que os próprios poderes públicos vão trabalhar com termos pejorativos: “zonas vulneráveis”, “público-alvo”, “população carente”.

Diante destas considerações, destacamos algumas questões que circulam a vida urbana hoje: “o que seria uma cidade violenta”? O que podemos classificar como uma área perigosa? Quem classifica? A imprensa? A população? Os meios de comunicação? Por que geram tanto medo e “sensação de insegurança”? Aí teríamos alguns dados que poderiam ser relativizados.

1.3.2 Violência Urbana: medos que se contam

A vida urbana, hoje, é experimentada, cada vez mais, sob o signo da violência e do medo. A cidade, na contemporaneidade brasileira, deixa de ser, à primeira vista, o lugar da proteção para ser o do perigo. Esta nova qualidade assumida pela cidade é oposta ao próprio conceito de cidade, historicamente falando.

Em suas origens, a cidade é criação societária resultado da agregação de homens e mulheres como forma de segurança e proteção contra os inimigos. Por isto que as cidades antigas eram protegidas por muros que demarcavam o espaço civilizatório em oposição territorial e simbólica daquele exterior, considerado como o lugar do perigo advindo do inimigo, o bárbaro.

As cidades atuais, na modernidade brasileira em especial, parecem estar na contra mão desta assertiva histórica. Elas retomam os muros, só que, desta feita, não mais para se proteger do inimigo externo. Os muros são construídos internamente, criando cidades dentro de uma mesma cidade, o que Tereza Caldeira (2003) denomina de “cidade dos muros”. Os muros, neste caso continuam com as suas funções de proteção, mas não dos inimigos de fora, mas os da própria cidade. Do espaço de segurança e proteção, a cidade tornou-se espaço da insegurança e de medo. Onde está o inimigo, afinal?

Esta inversão de valores societários definidores do espaço urbano é fenômeno muito recente, assim como é recente o conceito de violência urbana para designar a dinâmica social marcada por um conjunto de práticas sociais cotidianas orientadoras das sociabilidades cotidianas dos moradores das cidades.

Esse entendimento da cidade como lugar do perigo e da insegurança agudizou-se na passagem do século XX para o século XXI. Do lugar de proteção, passa a ser compreendida e percebida como lugar de perigo e de insegurança.

O fenômeno da violência urbana, no entanto, é complexo e tem mobilizado esforços tanto de indivíduos e grupos sociais em suas ações coletivas e individuais, quanto de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento. O debate sociológico atual é revelador desta complexidade. Estudos e pesquisas têm demonstrado, nos últimos anos, que não é correto relacionar violência urbana e criminalidade como decorrente imediato da pobreza. Esta relação tende a reduzir o fenômeno da violência urbana apenas à criminalidade e não a totalidade dessas práticas sociais que, em seu

conjunto, constitui a complexidade da violência nas cidades, atualmente.

Evidentemente, ao pensarmos causas e efeitos da violência urbana, imediatamente nossa compreensão nos leva às estatísticas do crime, sobretudo àqueles indicadores que hierarquizam os espaços mais violentos em relação a outros. Exemplo disto é o indicador de homicídios por 100 mil habitantes, o que põe o Brasil na quinta posição mundial, com 25,2 homicídios por 100 mil habitantes, atrás apenas de El Salvador (48,8), Colômbia (43,8), Venezuela (29,5) e Guatemala (28,5).

Conforme revela o Mapa da Violência no Brasil, publicado em 2008, com base de dados no ano de 2006, foram registrados 46.660 homicídios em todo o País. Internamente, nesse mesmo ano, lideravam o placar os estados de Pernambuco, seguido do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Neste período, estudos previram⁷, com base no DataSUS, do Ministério da Saúde, que o País alcançaria, em 2009, um número acumulado, nas últimas três décadas, de 1 milhão de homicídios, estatísticas típicas de um país em guerra civil de longo prazo.

Segundo ainda o referido Mapa, a tendência recente, a partir de 1999, tem sido o deslocamento da violência urbana das grandes capitais para o interior dos estados, ou seja, o fenômeno passa a atingir, com mais intensidade, as médias e pequenas cidades do País. Neste sentido, segundo essa pesquisa, 10% dos municípios brasileiros (556 municípios) concentram cerca de 73,3% dos crimes letais em todo o País. Coronel Sapucaia, no Mato Grosso do Sul, com 107,2 de homicídios por 100 mil habitantes, lidera a lista. Entre os quinze municípios mais violentos, situam-se Recife, com taxa de 90,5 homicídios por 100 mil habitantes, Vitória (87,0) e Maceió (80,9). Dados atuais (em 2009) revelam Maceió à frente de Recife. Fortaleza, segundo o Mapa, ocupava o 430º lugar nesta relação, com taxa de 32,7 homicídios por 100 mil habitantes, estando, desta maneira, incluída na relação dos 10% dos municípios mais violentos do Brasil.

Dados revelam que a violência tem crescido em Fortaleza, ao confrontarmos série histórica do número de homicídios ocorridos entre 2002 e 2006, como revela o Mapa. Em 2002, foram registrados 707 homicídios. Em 2006, este número elevou-se para 847 ocorrências. Confrontando esta série com as elaboradas mais recentemente pelos dados aqui apresentados e analisados da **Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência (2007-2008-2009)**, podemos acenar para uma

⁷ Confira <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI2254317-EI306,00.html>

constância destes dados ao serem anunciados os números de 2007: 844 homicídios; em 2008, 823 homicídios e, em 2009, 937 homicídios, como já expostos anteriormente.

Observando a evolução dos números, percebemos um declínio do ano de 2007 para 2008, entretanto, um crescimento de 2008 para 2009. O que estes números revelam? Os dados estatísticos são importantes para mensuramos o real, porém há que se deter em caracteres de apoio aos números para compreender, a partir deles, os significados da evolução ou involução aqui observados. Em Fortaleza, sabemos que houve mudanças nas condições estruturais de registro dos homicídios, com o desmembramento dos IML's (atuais coordenadorias de Medicina Legal da PEFOCE), assim como percebemos que registros de uma ocorrência em um bairro ou região ou, ainda, município, nem sempre corresponde ao local efetivo onde houve o crime (ou seja, às vezes, um homicídio registrado em uma rua x localizando-a em um bairro e que não correspondia ao bairro oficial a qual aquela rua pertencia ou homicídios registrados em outros municípios e vice-versa). Assim, mais uma vez, temos que informar que a imprecisão dos dados de homicídios aqui trabalhados deve-se aos limites da fonte utilizada na pesquisa, no caso os dados estatísticos do antigo IML. Por outro lado, não desconhecemos o fato de que não é todo cadáver que passa pela necropsia.

Outra consideração a fazer sobre a retração de casos de 2007 para 2008 é sobre a instituição do Programa Ronda do Quarteirão⁸ na política de segurança do Estado do Ceará. Este Programa teve início no final de 2007 e começou com forte propagação de ser uma polícia de proximidade com os cidadãos, atuante e ostensiva nos bairros de Fortaleza. Logo o atendimento foi reconhecido como positivo pelas autoridades e pela imprensa, reverberando no imaginário da população uma sensação de segurança.

Entretanto, com o passar do tempo, viu-se as experiências do Ronda do Quarteirão, de policiamento de proximidade com a comunidade, atenção e agilidade se intercalarem e se assemelharem com práticas tradicionais do policiamento, meramente ostensivas e, não raras vezes, acometida de truculência, denúncias de corrupção e baixo desempenho nas atividades policiais, estas últimas, especialmente atingindo bairros classificados como “marginais” e pessoas como os jovens classificados como potenciais bandidos. Mesmo verificando a existência da chamada “polícia da boa vizinha” como se

⁸ Oficialmente o Programa Ronda do Quarteirão é criado como uma política pública de segurança adotado em 2007 pelo governo do Ceará e se define como “policiamento comunitário”, “polícia da boa vizinhança”, com estratégias mistas de policiamento preventivo, de aproximação com a população e ostensivo através de patrulhamento 24 horas nos bairros com policiais que se revezam em cada área de 3km².

intitula o programa, que acena para mudanças, tais práticas continuam na perspectiva da função policial muito mais ostensivas do que preventivas. Um dos problemas é que os policiais do Ronda, cujo projeto seria liberá-los para realizar a aproximação com a população, tiveram, ao contrário, que assumir a mesma função de policiamento ostensivo, dada as demandas das operações policiais rotineiras das ruas, geralmente tratadas de forma tradicional, reativa, não restando tempo, formação continuada e iniciativa para práticas de fato comunitárias, com raras exceções.

Essas considerações sobre a experiência do Ronda que impactaram inicialmente devido a propagação da prática de proximidade, seguida de uma presença constante, quase massiva, dos carros de marca *hilux* do Ronda nas ruas de Fortaleza, acabaram de certa forma desacelerando alguns delitos, mas, depois, considerando os anos de 2008 para 2009, passaram a impactar menos, o que pode revelar um dos fatores motivadores da involução e evolução do número de homicídios e de outras ocorrências analisadas nesse Relatório. Entretanto, deixamos claro que é somente um dos vetores, já que a questão social e de segurança urbana, na qual está incluída a violência urbana e a criminalidade, de forma alguma se explica somente por referência a questão policial. Além deste, há outros fatores fundamentais para serem analisados, tais como: a desigualdade social profundamente associada aos estigmas de território e a questão simbólica já aqui discutida; a cultura do autoritarismo e do medo ainda presente na sociedade brasileira; o desenfreio tráfico de armas e de drogas cada vez mais envolvendo jovens, socializando-os nestas experiências como se fossem as únicas que conhecessem, já que muitos encontram dificuldades ou nem presenciam outras socializações como a familiar, a escolar e a comunitária; e as características de uma cidade moderna que cria o chamado “homem blasé” (SIMMEL, 2005)⁹, que gera a desatenção civil de grande parte dos cidadãos hoje. Homem *blasé* é o cidadão completamente indiferente em relação à vida da cidade e aos acontecimentos que nela ocorrem em relação ao outro. Desatento, envolto apenas em suas questões individuais. A sociabilidade comunitária está cada vez mais ameaçada. São, portanto, várias questões imbricadas que nos levam a considerar uma rede de problemas relacionados à questão da violência e da segurança urbanas.

Com base nessas considerações, observa-se outra questão fundamental, o medo

⁹ Ver texto de Simmel “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito”, MANA 11 (2): 577-591, 2005. Homem blasé é o cidadão completamente indiferente em relação a vida da cidade e aos acontecimentos que nela ocorrem em relação ao outro. Desatento, envolto apenas em suas questões individuais.

desenfreado nas metrópoles urbanas que vem causando ampla discriminação contra setores mais vulneráveis da população, como consequência do crescimento real da criminalidade, mas também de uma produção simbólica resultado da produção social da violência na periferia. Este cenário tem revelado uma Fortaleza marcada pelo medo e pelo signo crescente da insegurança. Vale frisar que, embora a violência seja crescente e pareça difusa, na medida em que atinge objetiva e simbolicamente todos os espaços da cidade, ela, na verdade, tem um caráter marcadamente seletivo. Há espaços na cidade que, mesmo tomados pelo medo, requerem para si o sentido de espaços não violentos. Prova disto é o efeito surpresa quando algum evento considerado violento ocorre nesses espaços, extraído das narrativas sobre a cidade o efeito surpresa, tais como “*até na Aldeota, até no Meireles, até no Iguatemi...*”¹⁰.

Neste sentido estamos convivendo com uma violência extremamente seletiva preferencialmente focando jovens.

Parte desta narrativa sobre a cidade e seu cotidiano tende a romper com o significado de uma cidade protegida e segura para criar a sensação de uma cidade tomada pela violência cuja probabilidade de se tornar vítima dela é igual para todos. Observamos, entretanto que parte considerável dos homicídios tem como vítimas um segmento preferencial e profundamente marcado por questões de gênero e de classe, constituído por jovens, do sexo masculino, pertencentes às camadas mais empobrecidas da sociedade, ao cruzarmos indicadores de pertencimento geográfico e escolaridade, conforme pudemos inferir na leitura dos dados colhidos pela pesquisa conformando a série histórica aqui apresentada (2007 a 2009). Do ponto de vista da faixa etária, destacamos que 62% em média desses homicídios têm como vítimas preferenciais jovens na faixa de 15 a 29 anos.

Outro aspecto desta seletividade se confirma pelo recorte de gênero das vítimas. Em sua grande maioria, quase 95% em média, das vítimas, são homens. No que diz respeito à escolaridade, vemos o preocupante indicador de baixa escolaridade das vítimas, se considerarmos a categoria alfabetizado, observamos uma média de aproximadamente 37% do total das vítimas registradas na série histórica (2007, 2008 e 2009), nesta condição. Se considerarmos a categoria Ensino Fundamental Incompleto observamos uma média nestes anos de aproximadamente 30% das vítimas. Ao contrário destes índices observamos que as vítimas que possuíam o Ensino Superior Completo

¹⁰ Aldeota e Meireles são considerados bairros nobres em Fortaleza e o Iguatemi é o maior e mais freqüentado *shopping Center* da Cidade.

não chegaram a atingir 1%. Portanto, é mais um dado revelador da seletividade das vítimas.

Diante de tudo isto, compreendemos que a contramão desta violência seletiva tem relação com o desafio da elaboração de políticas públicas de segurança focadas e eficazes. Estas dizem respeito às mudanças das práticas criminosas na Cidade decorrentes da dinâmica e dos interesses do crime organizado, sobretudo dos impactos da circulação e consumo do *crack* e, mais recentemente, do *crystal*, envolvendo a *juventude da Cidade, em especial os jovens pobres. Este aspecto, se não tão novo assim, tem rebatido na capacidade de ação dos órgãos responsáveis pelas políticas públicas governamentais, sobretudo as de segurança pública, principalmente no tocante às atividades de inteligência, à capacidade de mediação de conflitos e à sua articulação institucional com outros setores do sistema público, como educação e saúde pública.*

O *crack* tem causado impactos profundos na coreografia do crime em Fortaleza em função de seus efeitos devastadores sobre os usuários. Isto implica em dizer que a criminalidade tem aumentado, principalmente sobre a população infanto-juvenil pobre. Sem perspectivas de inserção no mercado de bens de consumo via políticas afirmativas, como educação, lazer, cultura, trabalho e renda, jovens pobres tornam-se vulneráveis duplamente: são vítimas da globalização de valores consumistas e de padrões estéticos unificadores, sem que lhes sejam dadas as mesmas condições de oportunidades de trabalho e renda oferecidas à juventude em geral. Sendo desiguais em oportunidades e iguais em desejos estéticos e libido social, tornam-se presas fáceis do *mercado do narcotráfico*, seja como consumidores, seja como “trabalhadores” a serviço de traficantes, cujo corolário é o mundo do crime e da auto eliminação genocida. Tornam-se vítimas dessa indústria, de modo triplamente afetados: a) como usuários, sucumbem biologicamente pelo uso da droga; b) tornam-se vítimas fatais da guerra urbana engendrada por este mercado, pela eliminação física; c) são vitimizadores.

Assim posto, emerge o cenário propício da juventude assumir o papel de vítimas preferenciais da violência urbana. Do ponto de vista simbólico, passam a ser classificados como uma “classe perigosa”. Por outro lado, ainda que percebamos o esforço que as instituições policiais venham fazendo na busca de eficiência, a falta de preparo das organizações policiais em geral, associada às condições de trabalho precárias, sobretudo no interior do Estado, seja em termos de qualificação técnica, seja na sua formação intelectual de suas ações, seja na própria organização institucional, ainda extremamente militarizada, cujo entendimento é do combater ao inimigo, tem

contribuído para que o sistema de segurança pública e suas organizações também façam parte da cena violenta urbana.

Enquanto o narcotráfico organiza seus espaços, arregimenta legiões de jovens, dá-lhes promessas e condições de acesso ao mercado, mesmo de forma efêmera e enviesada, as conseqüências sociais e culturais desse quadro ainda são tratadas como questão de polícia e não de políticas públicas de segurança cidadã, compreendidas aqui uma articulação interinstitucional no campo de ações ostensivas ao crime, associadas a ações de saúde pública, educação, lazer, trabalho e renda, entre outras possibilidades.

Os bairros mais classificados como violentos tem uma população que se ressentem da presença do Estado, de políticas públicas de inclusão social que sejam capazes de inverter a situação dada. A polícia quando aparece, muitas vezes, não é com ações preventivas ao crime, nem de mediação de conflitos. Aparece como parte da própria violência. Pesquisas aqui em Fortaleza revelam que mais de 50% dos homicídios ocorridos são atribuídos a motivos fúteis e entre conhecidos, o que demonstra que a população está se matando. Indicador relevante, neste sentido, é a apuração dos dados aqui apresentados pela pesquisa da Cartografia indicando que, na série histórica considerada, mais de 80% dos homicídios de Fortaleza, têm como objeto utilizado para a sua execução a arma de fogo como demonstra a tabela e gráficos das páginas 24-25. Os jovens estão armados, como constatamos antes, não são apenas os vitimizadores, são principalmente, as vítimas nesse campo de luta acirrada e, possivelmente, regido pelo signo positivo da arma como elemento de socialização e afirmação de sua *illusio* social.

Em termos de diagnóstico e avaliação de políticas de segurança pública, estes aspectos revelam, entre outros importantes, que a ausência de ações de mediação dos conflitos ou de prevenção deles, uma das tarefas dos órgãos de segurança pública, como a Polícia Militar, não estão sendo eficazes. Observamos que se opera uma compreensão popular de que, embora a justiça oficial exista, ela parece indiferente ao cotidiano ordinário das pessoas pobres. Assim, do mesmo modo como “a Justiça não liga para o povo, o povo não parece ligar para a Justiça”, concorrendo para que haja esse aumento da violência cotidiana entre as pessoas, orientado pela prática da “justiça pelas próprias mãos”, como revela um estudo do Centro de Defesa da Criança e do

Adolescente/CEDECA em Fortaleza¹¹.

Outra característica crucial que aqui voltamos a relembrar, para entendermos a violência urbana, especialmente em Fortaleza, é o seu aspecto simbólico. Constroem-se lugares e sujeitos violentos, elegendo-os como preferenciais. Associa-se a este aspecto, a produção social do medo. Este orienta a percepção prévia do outro, classificando-o segundo estereótipos de perigoso e violento. Isto tem produzido uma cidade simbolicamente partida e neurótica, propícia à produção de esquemas classificatórios prévios, sejam negativos, sejam positivos.

Fortaleza, assim como as demais metrópoles brasileiras, e mais recentemente as cidades de porte médio, sofreram crescimento desordenado, fruto de correntes migratórias campo-cidade, concorrendo para a defasagem no atendimento de necessidades e demandas urbanas em termos de infra-estrutura e serviços à população. Estes processos, associados à estruturação de espaços socialmente segregados, culminou com a concentração de pobres na periferia da Cidade, associado à ausência de políticas públicas voltadas para a equalização dessas desigualdades sociais.

A agudização dessas relações tem produzido um quadro de desequilíbrio nas relações sociais que conformam Fortaleza e fazem parte da memória histórica dos bairros que compõem os bairros periféricos desta Cidade. Tanto as polícias, como a Justiça, como os meios de comunicação de massa reproduzem estes estigmas, concorrendo para cristalizar o saber prático da população, associado ao senso comum. Movidos por estas visões, abusos, omissões, imperícias, torturas, abusos de poder, desrespeitos, autoritarismos, julgamentos prévios, entre outras práticas violentas institucionalizadas são legitimadas conforme a ira pacificadora contra populações excluídas socialmente e previamente consideradas violentas ou culpadas.

Estudos como *Ligado na Galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza* (LEV/UNESCO), *Questão de Segurança: políticas governamentais e práticas policiais* (LEV), *Fortaleza e suas tramas – olhares sobre a Cidade* (COVIO/GPDU), *A face Feminina da Polícia Civil: gênero, hierarquia e poder* (LABVIDA), *Organizações policiais em revista* (COVIO), entre outros, expõem ao leitor fortalezense às conexões explicativas, de base cultural, política, econômica e institucional do quadro de violência urbana crescente no Ceará e em Fortaleza, e seus

¹¹Trata-se de pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos da Violência em parceria com o CEDECA sobre assassinatos de crianças e adolescentes. Cf. BARREIRA, César et al. *À Espera de Justiça: assassinatos de crianças e adolescentes na Grande Fortaleza*. CEDECA-CE. Fortaleza: Expressão, 1999.

principais agentes sociais. Os resultados da pesquisa cartográfica, aqui apresentada, tendem a potencializar estas perspectivas de análise, ao mesmo tempo em que pretendem focar já para o plano de acompanhamento e avaliação das políticas de prevenção da violência em curso no município de Fortaleza.

Há saídas? Pensamos que sim. Aliás, estamos vivenciando momentos privilegiados de ações propositivas de enfrentamento do quadro de violência urbana. Embora muito tímidas, são indicadoras de possibilidades. Propostas de policiamento de proximidade, Programas e Projetos do Ministério da Justiça como o PRONASCI, entre outros são fortes experiências a serem aprofundadas. Para que isto se torne irreversível, entretanto, muitas outras ações devem ser implementadas de forma concomitante. Por exemplo, a fiscalização e participação popular e de toda a sociedade civil nos rumos da segurança pública é fundamental neste momento. Fiscalizar as ações do Ronda do Quarteirão, da polícia de modo geral, denunciando seus desvios e abusos, é necessário; integração das atividades das polícias civil e militar, visando a desmilitarização das atividades de policiamento, parece fazer parte do debate e das propostas que compõem este conflituoso campo de proposições, visando, sobretudo, a eficácia do modo de atuação policial; melhor qualificação do efetivo policial: ou seja, formação continuada de seus efetivos, em todos os níveis; maior transparência da gestão institucional dos órgãos de segurança, de modo específico dos seus dados estatísticos; assim como maior agilidade na investigação e apuração das ocorrências policiais e da justiça visando julgamento célere dos crimes e da devida punição dos culpados.

A ineficácia da justiça, associada às limitações e resistências das instituições diretamente relacionadas ao sistema de segurança pública e a certo grau de autoritarismo arraigado nos saberes práticos da sociedade têm sido um dos pilares que configura as práticas diversas que compõem o quadro da violência no País e na cidade de Fortaleza, o que leva à construção do fosso social entre prevenção dos crimes, denúncias deles e a punição oficial. O vazio deixado por esta trilogia abre caminhos para a prática da punição moral dos crimes e dos supostos criminosos, enfraquecendo, desta maneira, o monopólio estatal legítimo da violência. Uma vez enfraquecido, os indivíduos agem segundo dispositivos próprios de poder, agindo contra o crime utilizando-se dele como mediação ou *modus operandi* da vida social. Aqui está um dos aspectos da violência urbana atual que é o “fazer justiça com as próprias mãos” frente à impunidade e/ou o enfraquecimento das instituições republicanas.

Portanto, a participação e o controle social sobre as instituições não é só um

modo de sair da situação atual, como uma das formas de vencer o medo socialmente produzido como forma de tornar a violência uma grande e promissora indústria econômica, fundada no preço do recolhimento e neurose coletivos.

1.3.3 O chão que pisa as políticas públicas no “Território de Paz”: criminalidade e violência

Inicialmente, é importante destacarmos que a reflexão aqui apresentada tem como fundamento dois trabalhos desenvolvidos sobre o Grande Bom Jardim (GBJ), local de execução do “Território de Paz. O primeiro foi o *Diagnóstico sócio-participativo sobre o Grande Bom Jardim*¹², e o segundo, a dissertação de Mestrado *Contingências da violência em um território estigmatizado*, do professor Luiz Fábio Silva Paiva¹³.

Desta forma, destacamos o projeto “Território da Paz”, uma experiência que congrega um conjunto articulado de projetos sociais, financiados pelo PRONASCI, em execução no Grande Bom Jardim, no sentido de pensar a execução dessa experiência como possibilidade de romper com o ciclo vicioso da estigmatização e da discriminação imposta a esse espaço da cidade de Fortaleza. É importante lembrarmos que não desconhecemos os limites temporais e espaciais do objeto da presente reflexão. Assim, o “Território de Paz” teve início no final de 2009, voltado para populações vulneráveis à violência e à criminalidade. O mesmo faz parte da execução da política de segurança cidadã proposta pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional de Segurança Pública, em parceria com estados e municípios, com objetivos de construir políticas de segurança mais preventivas que repressivas no enfrentamento da criminalidade e da violência nas cidades brasileiras.

Nesse contexto, os resultados da presente pesquisa buscam uma interlocução que possibilite apresentar subsídios capazes de romper ou desvendar os

¹² Diagnóstico Sócio-participativo do Grande Bom Jardim (2004), coordenado pelo professor Geovani Jacó de Freitas, pesquisador da Cartografia, e realizado pelo Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano-GPDU da Universidade Estadual do Ceará, em parceria com o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, uma organização não-governamental situada no bairro Bom Jardim, com atuação no território denominado Grande Bom Jardim.. 2003.

¹³ PAIVA, Luiz Fábio Silva. **Contingências da violência em um território estigmatizado**. Dissertação (Mestrado Acadêmico), Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2007.

estereótipos presentes no processo de estigmatização e discriminação do território denominado Grande Bom Jardim (GBJ).

Este território emerge no cenário social de Fortaleza como uma construção sócio-política espacial, a partir dos anos 1990, resultado do trabalho de articulação de movimentos sociais, Igrejas e ONGs locais visando à afirmação de processo identificatório positivo que viesse fortalecer ações propositivas dos atores sociais dos bairros com histórico de luta e resistências comuns. Neste sentido, O Grande Bom Jardim localiza-se na região noroeste de Fortaleza, formado por cinco bairros: Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho, Granja Portugal e Granja Lisboa, reunindo uma população de aproximadamente 200.000 habitantes. O GBJ faz parte da Secretaria Regional V (SER V).

Por ser considerada região de periferia, sua população ser formada por mais de 50% de jovens, a grande maioria de seus habitantes serem trabalhadores, ter renda média salarial abaixo da renda média da Cidade e apresentar, em vários de seus bairros, índices elevados de ocorrências criminosas, associado à precária ação do Estado por meio de políticas públicas compensatórias, o Grande Bom Jardim é socialmente marcado por visão estigmatizada da maioria dos moradores da Cidade, o que faz invisibilizar, também, para os demais moradores, o acúmulo de enorme capitais social, político e cultural que seus moradores dispõe, expressos em suas redes que articulam importantes movimentos sociais lá existentes.

É neste arcabouço que surge a discussão sobre o GBJ. De acordo com referido Diagnóstico, a região tem sua origem a partir da existência da fazenda Boa Vista que, ao ser desmembrada, foi dividida em lotes que foram vendidos. A região do Bom Jardim começa a ser ocupada a partir desse loteamento, do qual decorre o primeiro processo de ocupação do GBJ, ainda na década de 1950. A partir de 1980, momento de intenso crescimento populacional na cidade de Fortaleza, decorrente de uma prolongada estiagem, encontramos forte deslocamento populacional para a área que hoje constitui a região do Grande Bom Jardim, havendo nele uma segunda ocupação.

Nesse período, chamam a atenção dois fatos que podem ser explicativos do atual contexto de violência: uma urbanização totalmente desordenada e um deslocamento de pessoas que já habitavam outras áreas de Fortaleza, configurando “um duplo processo de migração”: interior para a Capital e de outros bairros de Fortaleza para o Bom Jardim.

Referido Diagnóstico apresenta dados de que mais de 62% da população

atual da área são moradores de outras regiões, tanto de fora da Cidade, quanto da própria cidade de Fortaleza. Essas pessoas que passaram por esse duplo processo migratório sofreram algum trauma social.

O nome Bom Jardim decorre da existência de um sítio pertencente ao Senhor João Gentil, que era considerado um “farto jardim”, um “verde jardim”, que acabou dando essa denominação para o bairro. Algo semelhante aconteceu com outro bairro do Grande Bom Jardim, que é a Granja Portugal. Contam alguns moradores mais antigos que existia um português que possuía uma granja e que por esse fato ficou o nome adotado pelo bairro foi Granja Portugal. Outro exemplo semelhante na Regional é também o caso do bairro Granja Lisboa.

Um dado importante, também, é o total da população existente no Grande Bom Jardim, que supera, inclusive, alguns municípios do Estado do Ceará. A população é quase igual à do município de Maracanaú, que fica ao lado, e é maior que a do município do Crato, que são municípios tidos como de grande porte no Estado.

Outro aspecto importante que pode explicar a classificação do bairro Bom Jardim como um “bairro violento” é a questão de ser um bairro “pobre”. O percentual de chefes de família que ganham meio salário mínimo é muito alto e outro dado é a questão de não ser um bairro onde as pessoas têm fortes raízes sociais, ou seja, a predominância de mais de 60% da população que mora no bairro somente há menos de 10 anos. Isso é interessante e muito importante para as relações sociais primárias e de vizinhança, indicando para um fato que, provavelmente, no Bom Jardim, essas relações ainda são muito “frouxas”, não havendo relações sociais consolidadas. O dado de pobreza, acrescido pelo fato de não existir uma população estabelecida há muito tempo no Bairro, podem reforçar a reprodução do estigma e dos estereótipos. Parece que a população do Bom Jardim incorporou uma baixa auto-estima. No citado Diagnóstico, este aspecto aparece na resposta à pergunta: quais os talentos do Bairro? E as pessoas responderam: “aqui não tem nenhum talento, o talento mais forte parece que é para ser bandido. Aqui, as pessoas parecem que têm vocação para ser bandido”. Esse dado é muito preocupante e importante sociologicamente. É somente ao longo da pesquisa que vai aparecendo o Bom Jardim como sendo um “celeiro de bons artistas”. No entanto, esse dado dificilmente aparece na fala das pessoas.

Um aspecto importante, e que aparece somente no segundo momento da pesquisa, é que a escola, hoje, ocupa um lugar fundamental, não só na descoberta desses novos talentos, mas na possibilidade desses talentos se apresentarem,

principalmente em atividades escolares.

Dado de significado e relevante sobre o Bom Jardim é o fato do bairro ter uma população fortemente marcada pela “luta de ocupação do solo” e como essa luta está ligada à questão das moradias e essas são, geralmente, desordenadas, é possível ser feita relação com o descaso do Estado frente às populações mais pobres. A omissão do Estado, representado na ausência de políticas públicas, é um fato muito ressaltado pela população do Bairro, sendo destacada, pelos moradores, a não existência dos serviços urbanos na comunidade: água potável nas casas e iluminação elétrica nas ruas. Um dado preocupante é que o fato de a população não ter acesso a esses serviços urbanos é um explicativo do aumento da violência e da criminalidade. O acesso a esses serviços urbanos, em princípio, é um redutor dos níveis de violência nas cidades e, especificamente, em bairros como o Bom Jardim.

No Bom Jardim, poderíamos dizer que o “ciclo da violência” aparece acoplado à produção do discurso sobre a violência. Essa relação se configura nas classificações: bairro de ricos e de pobres, violento e não violento. Por outro lado, essa relação surge também nas representações sobre o que seria um bairro calmo e tranquilo em oposição a um bairro que tem fama de violento. O Diagnóstico revelou que 37% dos entrevistados consideram o Bairro como não violento e 30% o consideram como muito violento. Somente no bairro Bom Jardim, que é o centro da região do Grande Bom Jardim, ocorreram 64,40 homicídios por cem mil habitantes. Um percentual bem acima do de Fortaleza, que é 19.56 homicídios por cem mil habitantes. Um dado importante é como essa violência vai afetar o cotidiano dos habitantes do Bom Jardim. Por exemplo, 50% deles dizem que não podem ficar na rua, 50% apontam a questão da dificuldade de ir e vir no Bairro, afetando a questão do lazer. O lazer passa a ser uma prática social fechada, que ocorre na casa ou em *shoppings centers*. Como o bairro não dispõe de equipamentos de lazer que congregue parte da sua população, como um *shopping* ou outro equipamento similar, o modo de fruição dos espaços coletivos e a qualidade das interações sociais cotidianas são cada vez mais alteradas e comprometidas.

Uma questão relevante e preocupante é como as raízes sociais são afetadas, no bairro, pelas manifestações de práticas violentas. Vamos perceber uma quebra forte nas relações sociais por meio da prática dos delitos de roubos e furtos, que aparecem fortemente no bairro Bom Jardim (dados que a presente pesquisa confirma). Há alguns anos existia uma máxima, que era a questão de que as pessoas não assaltavam nos seus

bairros, não roubavam no seu bairro. Com isto, reforçava-se laços de sociabilidade no interior da população local. Atualmente, essas práticas passam a existir no interior do bairro, cometido pelos próprios moradores. Nas pesquisas realizadas no Bairro sobre roubos e furtos, é apresentado um número muito elevado de roubo de celulares. Um dado importante é que os moradores dizem conhecerem as pessoas e os possíveis lugares de moradia dos delituosos: “ah, mas esse roubo, eu já sei, foi feito pelo pessoal da Granja Portugal, aí vão lá e recuperam o celular”.

Essas práticas provocam mudança no próprio padrão de sociabilidade. A questão do “não ficar mais na calçada”, a questão do lazer, do medo e perda da confiança nos vizinhos, reforçando uma prática que é a criação da “lei do silêncio”. Não como resultado de laços afetivos de solidariedade, mas sim fruto da cultura do medo. A máxima é: “ninguém denuncia mais, mas, também, ninguém protege ninguém”.

Na contramão desse processo, existem diversos Grupos ou ONGs que tentam, não só organizar a população para enfrentar os problemas contemporâneos, mas fundamentalmente criar mecanismos de inclusão social. Neste sentido, ganha destaque o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza, que exerce papel importante no Grande Bom Jardim, mas também diversas associações, conselhos, entidades de classes e as diferentes Igrejas que atuam na Região. Como as atividades de saúde coletiva desenvolvidas. Outra ação, que à época da pesquisa ganhou destaque, por ser considerada positiva, foi a existência do Consórcio Social da Juventude, que possibilitou novas oportunidades para a juventude do Bom Jardim.

Por fim, é importante trabalhar e destacar os aspectos contidos na escolha do Bairro Bom Jardim como “Território de Paz”. O que caracterizaria um Território de Paz? O que representa, ou por que esse bairro é escolhido para ser um Território de Paz? O Território de Paz deve existir porque existe o Território de Violência? Acoplada a essa análise, surge a necessidade de ser trabalhada uma “cultura de paz”. Seria possível falarmos de uma “cultura de paz” sem reforçar os estigmas e os estereótipos, fortemente presentes no Bairro Bom Jardim? Essas são questões que os impactos provocados pela execução dos projetos sociais ora em execução e a capacidade de articulação destes com as demais políticas públicas no “Território de Paz” poderão responder a médio e longo prazo, uma vez que em curto prazo os impactos, ainda, não foram sentidos, como nos revelam os dados das ocorrências criminais de 2009 na referida região, assim como a continuidade no crescimento desses dados em 2010.

PARTE II

AS REGIONAIS E SEUS BAIRROS EM NÚMEROS

2.1 Secretaria Executiva Regional I

A população total da Regional I era de 397.882 habitantes em 2009, com população estimada em 2014 de 438.372 habitantes. Tem uma área total de 2.538,20 ha., possuindo 62,90 há. (2,48% do total) de praças, áreas verdes, áreas livres e parques. A densidade demográfica é de 156,7 (2009). Possui 15 bairros no total: Vila Velha, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Floresta, Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Ellery, São Gerardo, Monte Castelo, Carlito Pamplona, Pirambu, Farias Brito, Jacarecanga e Moura Brasil. A sede da SER I situa-se a Rua Dom Jerônimo, nº 20 no bairro Farias Brito.

Localizada no extremo Oeste da Cidade, foi nesta área que nasceu Fortaleza. A população dos bairros que compõem esta Regional representa 16,5% do total de habitantes da Capital. Sua população é bastante jovem, já que cerca de 50% dela têm, no máximo, 28 anos. O rendimento médio familiar mensal é de quase quatro salários mínimos. O Alagadiço/São Gerardo é o bairro com maior renda média: 10,4 salários mínimos por mês. É também onde há o maior percentual de pessoas alfabetizadas, segundo o IBGE. Já o Pirambu apresenta os piores indicadores sociais e a menor renda familiar média: 1,9 salário mínimo por mês. A principal atividade econômica da Regional é a indústria.

Os bairros da SER I respondem por 9,23% do total de empregos formais existentes em Fortaleza. É aqui também onde está a maior taxa de inatividade de Fortaleza, com apenas 37,2% dos residentes entre a chamada população economicamente ativa - ou seja, formal ou informalmente empregada, ou procurando emprego. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) contempla três indicadores: média de anos de estudo do chefe de família, taxa de alfabetização e renda média do chefe de família (em salários mínimos). Quanto mais próximo da nota 1,0, mais desenvolvido é o bairro. De acordo com o levantamento feito a partir dos dados do Censo 2000, dez bairros da Regional I possuem índice médio (entre 0,500 e 0,799). São eles: Alagadiço, Álvaro Weyne, Carlito Pamplona, Farias Brito, Jacarecanga, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Monte Castelo e Bairro Ellery. Por sua vez, cinco bairros

têm índice considerado baixo (entre 0 e 0,499). São eles: Arraial Moura Brasil, Barra do Ceará, Cristo Redentor, Floresta e Pirambu.

No que se refere à Educação, em 2006, a Secretaria Executiva Regional I possuía 111.074 alunos matriculados em todos os níveis de ensino das redes pública (municipal, estadual e federal) e privada. Os estudantes desta região estão distribuídos em 38 escolas estaduais, 39 escolas municipais e 97 escolas privadas. A média de anos de estudo do chefe de família é de 7,12 anos, conforme Censo 2000 do IBGE.

A Regional é atendida por 12 Unidades Básicas de Saúde (UBS): Álvaro Weyne, Barra do Ceará (3 unidades), Jardim Iracema, Jacarecanga, Monte Castelo, Vila Velha, Jardim Guanabara e Pirambu. Possui um hospital municipal, o Hospital Distrital Gonzaga Mota (Barra do Ceará), o Instituto de Psiquiatria do Ceará (Farias Brito) e o Hospital Distrital Dr. Fernandes Távora (Barra do Ceará).

Segundo levantamento realizado pelo presente Relatório, a SER I possui, em sua área de abrangência, um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), na Barra do Ceará, e um Centro de Atenção Psicossocial Geral (CAPS), no Cristo Redentor.

No campo da Assistência Social existem dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) - com sedes no Pirambu e na Barra do Ceará, três unidades sociais de Proteção Social Básica (PSB), uma unidade social de Proteção Social Especial (PSE) e um Conselho Tutelar, com sede no Farias Brito.

Há na SER I sete organizações não-governamentais (ONGs), quatro projetos sociais e uma entidade filantrópica. Foram localizados ainda 16 sedes de sindicatos, associações ou conselhos de classe.

A renda média mensal dos chefes de família é de 3,49 salários mínimos. A principal atividade econômica da Regional é a indústria. Na avenida Francisco Sá estão localizadas diversas fábricas e também as sedes do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). A Bezerra de Menezes, por sua vez, é um dos principais corredores comerciais de Fortaleza, com dezenas de lojas, bancos e um *shopping center*.

Quanto a Habitação a média da Regional I é de 4,12 habitantes por domicílio. 76,21% dos domicílios são atendidos pela rede geral de água, o pior resultado entre as seis regionais. 22.039 domicílios não possuíam acesso à rede de esgoto em 2004. 96,98% dos domicílios particulares têm coleta de lixo.

Em relação a Segurança Pública a Regional é atendida pela 3ª Companhia do 5º Batalhão de Polícia Militar (3ª Cia do 5º BPM), sediada no Pirambu, pelo Núcleo de Busca e Salvamento e pelo Colégio Militar do Corpo de Bombeiro. O Hospital da Polícia Militar está no bairro Farias Brito. A sede da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) também está situada nesta Regional, na avenida Bezerra de Menezes, no bairro São Gerardo, bem como o quartel-general do Corpo de Bombeiros, no bairro da Jacarecanga. No que se refere à Polícia Civil, a SER I é coberta por seis distritos policiais: 1º DP (Monte Castelo), 3º DP (Otávio Bonfim/ São Gerardo), 7º DP (Pirambu), 17º DP (Vila Velha) e 33º DP (Goiabeiras); 34º DP (Farias Brito). Além disso, na Regional localiza-se a sede da Divisão Antisequestro (DAS). A relação entre distritos policiais/população é uma das melhores entre as seis regionais: 66.313 habitantes por delegacia distrital. Na SER I funciona também um núcleo de Liberdade Assistida (LA) na Jacarecanga. No bairro São Gerardo funcionam, no mesmo endereço, na rua Tabelaio Fabião, 114, a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), a Delegacia de Defesa da Exploração Sexual de Criança e Adolescentes (DECECA) e a Unidade de Recepção Luiz Barros Montenegro, esta última administrada pela Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social (STDS).

A Regional é atendida por 17 linhas de ônibus circulam diariamente na Regional. A SER I não possui terminais de ônibus.

No que concerne a Cultura e Lazer A SER I conta, desde 2009, com o Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), na Barra do Ceará; com o núcleo do SESI (Serviço Social da Indústria) no mesmo bairro; sede do SESC (Serviço Social do Comércio), situada na Av. Duque de Caxias. A Regional também dispõe de um teatro, o Emiliano de Queiroz. Além destes equipamentos, a Regional dispõe dos pólos de lazer da Barra do Ceará e o do Sargento Hermínio, no Bairro Ellery.

Após a descrição destes dados gerais da Regional analisamos agora, assim como na Parte I do presente Relatório, as cinco ocorrências na seguinte sequência: relações conflituosas, furtos, roubos, mortes violentas (dentre os quais os homicídios) e lesão corporal, no sentido de registrarmos comparativamente a evolução dos dados em relação aos bairros. Percebemos em toda a Regional I declínio no número das ocorrências em 2009, com exceção de roubo, que registrou um leve aumento de 2008 para 2009, e das relações conflituosas – cujos registros diminuíram de 2007 para 2008, mas voltaram a crescer em 2009.

Observando os mapas da SER I é possível ver que o bairro **Barra do Ceará** destaca-se em relação aos demais, por registrar o maior número das cinco ocorrências na série histórica analisada. Embora sejam alarmantes as diferenças de números, vale salientar que a Barra do Ceará, em relação aos outros bairros, possui grande extensão territorial e maior população: 81.104 habitantes.

O bairro **Vila Velha** é o maior em extensão territorial e, em termos de população, assume o segundo lugar, com 57.880 habitantes e em terceiro, vem o **Cristo Redentor**, com população de 33.831, mas não tão extenso em território. O bairro que possui menor população é o **Moura Brasil**, com 4.373 pessoas; também é o menor em extensão territorial, sendo o que registra menores índices nas cinco ocorrências, assim como o bairro **Floresta**. Importante observar bem esses aspectos para não discriminar os bairros somente pelos números das ocorrências sem considerar outros aspectos, como o território e a população total do bairro.

Em sua maioria, os bairros da SER I são pobres, com rendimento médio mensal de quase quatro salários mínimos. Eles possuem alta vulnerabilidade social, com problemas sociais como ausência de equipamentos sociais, problemas de habitação irregular, desemprego, alcoolismo e drogas.

É preciso salientar que alguns destes bairros - como o **Pirambu**, apesar de apresentar os piores indicadores sociais e a menor renda média da Regional, que é de 1,9 salários mínimo por mês, são marcados por histórias de populações inconformadas, tanto pela via do crime, quanto pela luta política, com presença significativa de movimentos sociais organizados e suas lutas e intervenções em favor de melhorias no bairro.

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

O bairro Barra do Ceará ocupa a primeira posição da SER I em números absolutos de relações conflituosas ao registrar 787 conflitos em 2009. A Barra do Ceará concentra 20,1% das ocorrências da Regional (3.914 no total). Observamos, contudo, uma queda em relação aos outros anos. Em 2007, foram registrados 862 casos nesse mesmo bairro e, em 2008, 867 registros. Em segundo lugar, no ano de 2009, aparece o bairro Vila Velha, com 399 registros. Observamos aqui, ao contrário da Barra do Ceará, um aumento dessa ocorrência em relação aos anos anteriores, pois o Vila Velha

apresentou 314 registros em 2007 e 356 em 2008. Destacamos que esses dois bairros são os de maior extensão territorial, com número elevado de habitantes.

Entretanto, é importante observar os detalhes: a questão territorial não é regra. Nem sempre o fato de o bairro possuir extenso território e elevada população significa que ele deterá o maior número de ocorrências. Isso dependerá de variados fatores favoráveis ou não a elas acontecerem, como investimentos em políticas públicas de segurança, de educação, de habitação, de trabalho e renda e de cultura, ou descasos com tudo isso. Também conta a história e presença de movimentos populares e outras organizações sociais no bairro, entre outros fatores.

Interessante percebermos que os números não são estáveis. Há mobilidade entre eles, sendo necessário, portanto, sempre relacioná-los a esses fatores. Por exemplo, nos anos 2007 e 2008, o Pirambu, um bairro bem menor em extensão, superava o Vila Velha em relações conflituosas, registrando 403 casos e 358 casos, respectivamente, enquanto o Vila Velha registrava 314 em 2007 e 356 em 2008. No ano de 2009, no Pirambu, esse número diminuiu para 285 registros, enquanto no Vila Velha, elevou-se para 399 casos, invertendo a situação.

Em 2009, o bairro **Carlito Pamplona** registrou 345 casos de relações conflituosas, apresentando elevado crescimento desses números se comparado a 2007 (279 casos) e a 2008 (234 casos). Este bairro, com 28.530 habitantes, tem uma população mediana em relação aos demais. Vemos que bairros como Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Jacarecanga e Monte Castelo têm uma realidade bem próxima, registrando números parecidos, geralmente com tendência de crescimento de 2007 para 2009. Por outro lado, os bairros Floresta e Moura Brasil contabilizam o menor índice de conflitos. Floresta tem 47 registros em 2009, permanecendo estável em 2008 (45 casos), mas com queda em relação a 2007 (69 casos). Moura Brasil, apesar dos baixos números, registra crescimento em 2009 (38 ocorrências), enquanto em 2007 teve 27 casos e, em 2008, 25 registros. Os conflitos são mais espalhados na Regional do que outras ocorrências que se concentram mais em alguns bairros, como roubo e morte violentas.

FURTOS

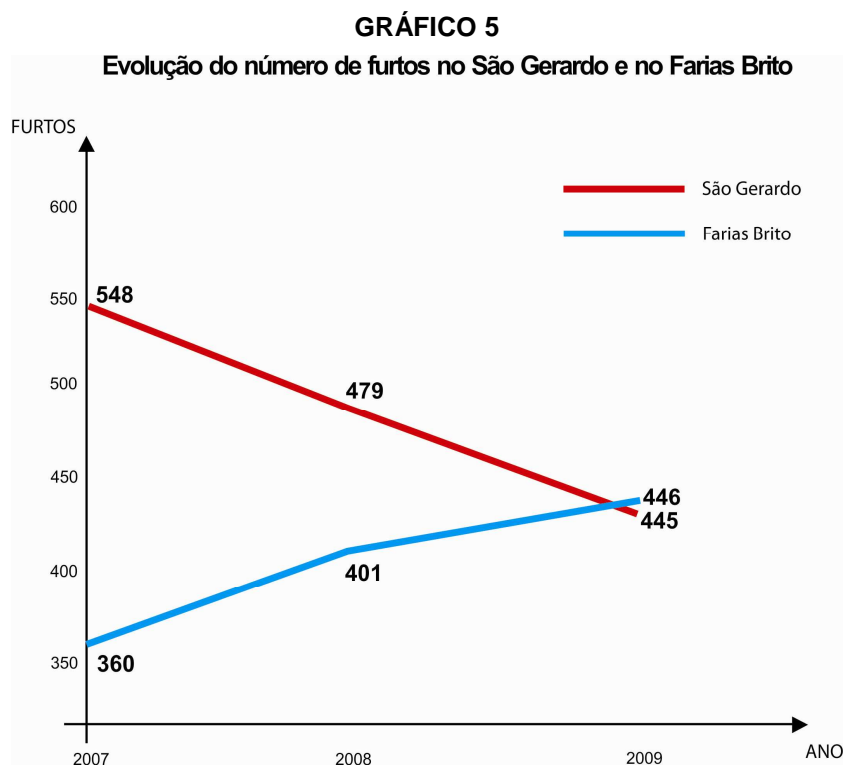
Em relação a furtos, em 2009, a Barra do Ceará também ocupou o primeiro lugar na Regional, com 603 ocorrências. Este número representa 19,9% do total de

furtos cometidos na SER I (3.480 ocorrências, no total). Se comparado aos anos anteriores, houve um declínio: 2008 (684 registros) e 2007 (750 registros).

Em segundo lugar, em 2009, aparecem dois bairros com números praticamente iguais: Farias Brito, com 446 furtos, e o bairro vizinho, São Gerardo, com 445 furtos. O São Gerardo apresentou maiores números nos anos anteriores, com 548 casos em 2007 e 479 casos em 2008, enquanto o Farias Brito apresentava 360, em 2007, e 401, em 2008. O que houve foi uma queda dos registros de furto em São Gerardo e um crescimento dessa modalidade de crime no Farias Brito.

A Barra do Ceará é muito freqüentada por banhistas, atraídos pelo seu pólo de lazer e sua orla. O bairro São Gerardo, por sua vez, apresenta a maior renda mensal média por família (10,4 salários mínimos), além de contar com importante corredor comercial, no qual localiza-se um *shopping center*. Estes aspectos nos fazem relacionar a maior incidência de furtos a locais de perfil comercial e turístico.

Os menores registros aparecem no Moura Brasil, em 2009, com 30 furtos e Floresta, com 35. Esses dados, além do aspecto da extensão territorial, nos leva a observar que os casos de furtos não se espalham em toda a Regional; eles são mais concentrados na Barra do Ceará, São Gerardo e Farias Brito, apesar dos dois primeiros registrarem queda neste indicador.



Bairros mais estigmatizados como Vila Velha e Pirambu aparecem com números medianos de ocorrências de furtos, com 200 registros no Pirambu em 2009, 326 em 2008 e 291 em 2007; enquanto no Vila Velha foram registrados 215 casos em 2009, 226 em 2008 e 234 em 2007. Destacamos declínio no ano de 2009 em relação aos anos anteriores. São números menores que os registrados no Carlito Pamplona, em 2009 (252 registros), e Jacarecanga (283 registros), bairros bem menos estigmatizados socialmente.

ROUBOS

A Regional I contabilizou, em 2009, 5.112 ocorrências de roubo. Esse indicador confirma tendência de queda, se comparado a 2007 (5.726 roubos), mas de alta, quando confrontado com 2008 (4.967 casos). A Barra do Ceará novamente se destaca dos demais neste indicador, com 1380 registros em 2009 (26,9%) do total de ocorrências da SER I), número semelhante ao de 2008 (1.323 registros), mas menor que em 2007, quando ocorreram 1542 casos. Observamos, assim, relativa queda. Em seguida, aparece o Pirambu, com 481 registros em 2009. Não houve mudanças significativas nos registros dos anos anteriores, pois em 2007 o bairro registrou 493 casos e, em 2008, registrou 445 casos. Neste caso, o Pirambu - já destacado como bairro que é geralmente classificado pela inserção no crime e por ações históricas de enfrentamento - apresenta números elevados de roubos, assim como ocorre nos casos de mortes e lesão corporal.

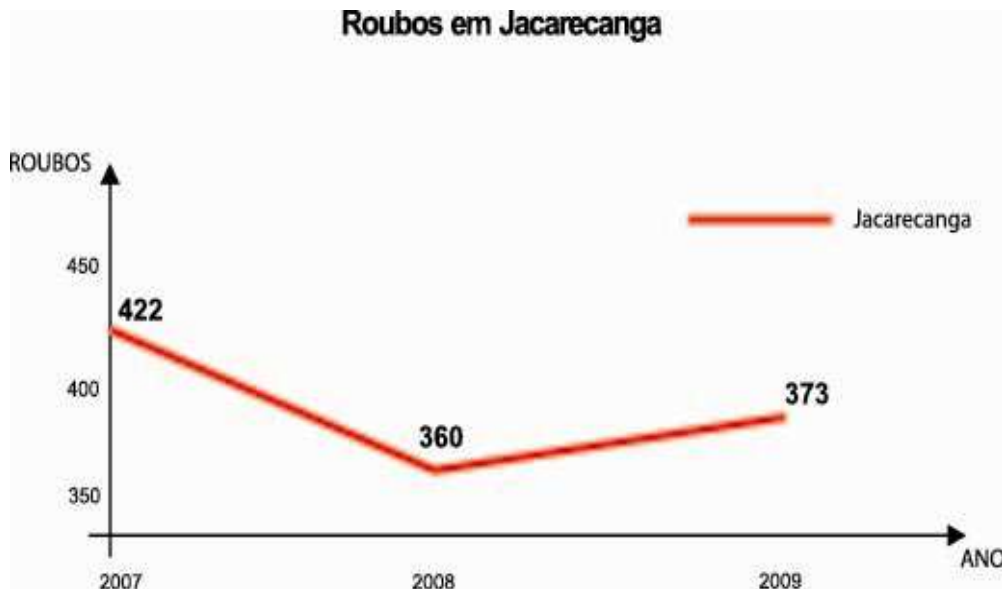
Entretanto, percebemos que os números relativos não são tão distantes de outros bairros como Carlito Pamplona, Álvaro Weyne e Jacarecanga, que não são bairros tão estigmatizados quanto o Pirambu. O bairro Carlito Pamplona aparece em terceiro lugar com 420 casos registrados em 2009, retomando números registrados em 2007 (419 roubos). Isso pôs fim à tendência de queda observada em 2008, quando o bairro contabilizou 369 ocorrências. O bairro Jacarecanga, histórico, central e com mais recursos em infraestrutura, aparece com 373 registros em 2009, crescendo em relação a 2008 (360 registros), mas diminuindo em relação a 2007 (422 casos).

Os índices significativos de furto na Jacarecanga nos fazem perceber que roubos e furtos ocorrem também em áreas menos estigmatizadas e mais equipadas.

À exceção dos bairros Moura Brasil e Floresta, com os menores índices, os demais apresentam pouca variação de números. Nesse sentido, não podemos ser

simplistas em afirmar que este delito só acontece nos bairros mais estigmatizados, nem tampouco nos mais equipados e com melhor renda mensal. Portanto, têm maiores números, como já informado: Barra do Ceará, Pirambu, Carlito Pamplona, Jacarecanga e Álvaro Weyne.

GRÁFICO 6
Roubos em Jacarecanga



MORTES VIOLENTAS

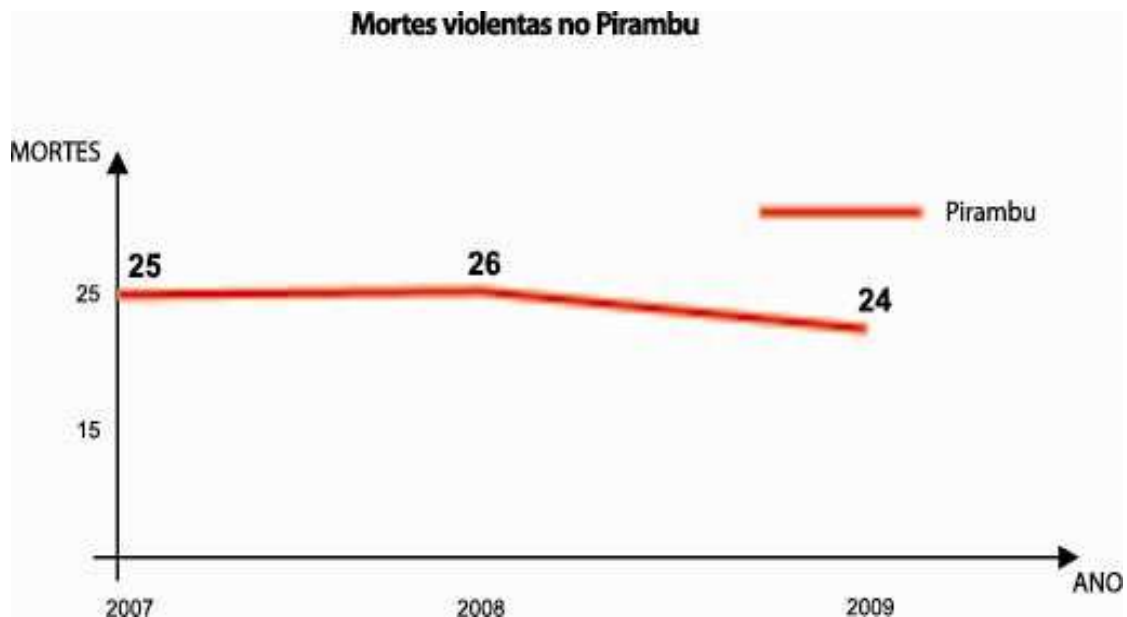
A SER I contabilizou 251 mortes violentas em 2009. Se compararmos os dados dos anos anteriores, podemos constatar uma tendência de queda nesse indicador: foram 314 mortes, em 2007, e 320 mortes, em 2008. A Barra do Ceará aparece com 85 registros em 2009, com uma significativa queda em relação aos registros de 2008 (114) e aos de 2007 (105). O bairro é responsável, em 2009, por 33,8% das mortes violentas da Regional.

GRÁFICO 7
Mortes violentas na Barra do Ceará



O Pirambu segue em segundo lugar em números absolutos, quando registra 24 casos em 2009, números semelhantes aos de 2008 (26 mortes) e 2007 (25 mortes). Não houve mudança significativa na série histórica, o que nos faz pensar e questionar o comportamento das ocorrências nos bairros, que ora diminuem, ora avançam, ora, ainda, permanecem estáveis e a eficácia de ações ou políticas públicas que têm alterado ou não a realidade da segurança pública e a expectativa do florescimento de uma cultura de paz nos bairros de Fortaleza.

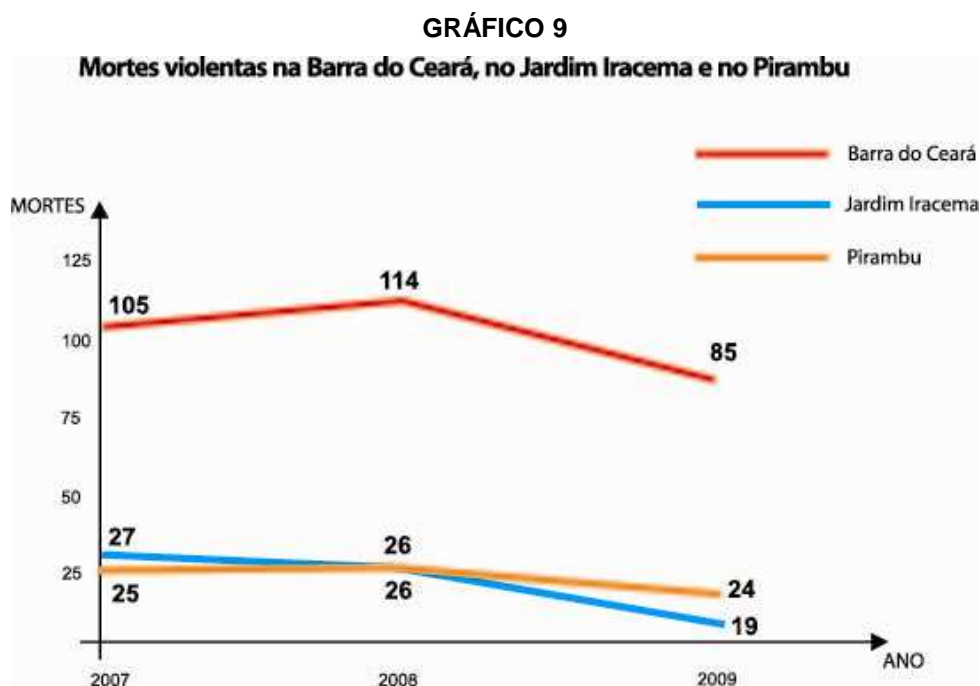
GRÁFICO 8
Mortes violentas no Pirambu



Estes dados demonstram a centralidade de homicídios e outras mortes nestes dois bairros históricos. Importante é não fazermos uma leitura rápida que pode levar a estigmatizar mais ainda essas duas comunidades. Isso é válido especialmente no caso da Barra do Ceará, que registrou queda neste tipo de criminalidade, é um bairro extenso e com grande número de habitantes. O número de mortes em um bairro densamente povoado pode ser relativamente pequeno quando comparado a um bairro menos povoado.

Importante destacar o Jardim Iracema, que aparece em terceiro lugar, com 19 registros em 2009, 26 em 2008 e 27 em 2007, números bem parecidos com os índices do Pirambu. Se o Jardim Iracema apresenta números médios nas outras ocorrências, o bairro tem números significativos no que se refere a mortes violentas.

O gráfico abaixo faz um comparativo da evolução de queda nas mortes violentas nos três bairros: Barra do Ceará, Jardim Iracema e Pirambu:

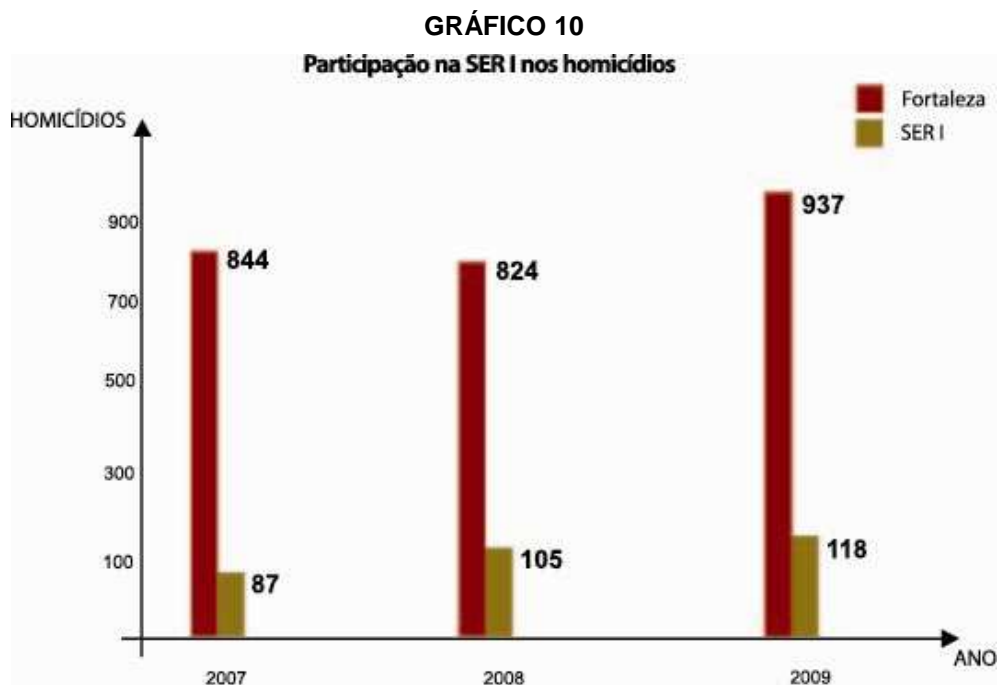


Quatro bairros aparecem com os menores registros em 2009: Farias Brito, Floresta, Moura Brasil e Vila Ellery. Com exceção do Moura Brasil, que registrou um índice maior naquele ano, os demais registraram queda. Observamos que esses bairros

geralmente aparecem com baixos registros em todas as ocorrências, com exceção de Farias Brito, que registrou altos índices de furto e roubo.

MORTES VIOLENTAS E HOMICÍDIOS

Dentre as mortes violentas, observamos o caso específico de homicídios. A Regional I apresentou 118 casos em 2009, dos 937 casos registrados em toda Fortaleza, ou seja, 12,6% do total. Em 2008, foram registrados 105 casos, dos 824 de Fortaleza, ou seja, 12,7% do total da Cidade e em 2007 foram registrados 87 casos dos 844 registrados em Fortaleza, ou seja, 10,3%.



Como podemos observar, percentualmente, os números de 2008 para 2009 são estáveis e cresceram em relação a 2007. A Barra do Ceará se destaca mais uma vez não só na Regional, mas entre os 20 bairros com maior quantidade de homicídios em números absolutos de Fortaleza, ocupando o quarto lugar. Em 2009, a Barra do Ceará registrou 40 casos; em 2008, foram registrados 28 casos e em 2007, a Barra do Ceará registrou 27 casos. Vemos, portanto, que em 2009 houve, na Barra do Ceará, crescimento de quase o dobro no número de homicídios em relação aos anos anteriores.

Jardim Iracema, com 18 registros, e Pirambu, com 12, vêm, em seguida. Os demais bairros oscilam entre 4 e 7 homicídios cada um. Em 2009, o Jardim Iracema

registrou 18 homicídios, um crescimento de mais de 100%. O bairro contabilizou 8 casos em 2007 e manteve o mesmo número em 2008.

O Pirambu e o Vila Velha são os bairros que mais oscilaram nesta ocorrência. O Pirambu teve 13 homicídios em 2007, passou para 17 em 2008, declinando, em 2009, para 12 homicídios. No Vila Velha, houve crescimento de 2007 para 2008 (de 5 para 16 casos), porém, em 2009, as ocorrências diminuíram (6 casos).

Um bairro curioso é o Álvaro Weyne que permaneceu com os mesmos registros em 2007, 2008 e 2009, cada um com 7 homicídios e o Moura Brasil, um bairro pequeno, geralmente aparecendo com baixos índices, registrou um caso em 2007, chegou a zero em 2008, mas aumentou para 4 casos em 2009. Sabemos que são números que podem variar já que alguns homicídios anotados em um bairro podem ter ocorrido em outro local que não o próprio bairro.

Em relação a homicídios, destacamos um bairro da Regional que, em 2009, não registrou nenhum caso: o Farias Brito. Isso não ocorreu nos outros dois anos anteriores: em 2007 foram 2 casos e em 2008 foi um caso.

Qual é o perfil das vítimas? São em sua maioria homens, solteiros, especialmente na faixa etária de 19 a 24 anos. Somando-se o percentual dos jovens de 15 a 29 anos, os números superam os dos adultos. A maioria é só alfabetizada, seguida dos que só tem o ensino fundamental incompleto.

LESÃO CORPORAL

A Regional I registrou, em 2009, 1.219 ocorrências de lesão corporal. A Barra do Ceará, com 292 registros em 2009, apresentou um declínio em relação a 2008 (331 registros) e 2007 (322 registros). Em segundo lugar aparece o Pirambu, com 135 casos em 2009, número superior aos 120 casos registrados em 2008 e inferior aos 145 casos registrados em 2007. Não houve declínio nesta ocorrência no Pirambu, mas certa estabilidade.

O Carlito Pamplona aparece em terceiro lugar em 2009, com 111 registros, um crescimento significativo em relação aos outros anos, quando tinha 75 casos em 2008 e 81 casos em 2007. Se no ano de 2009, o Carlito Pamplona registrou número superior ao bairro Vila Velha (99 registros), nos anos anteriores o Vila Velha superou o Carlito Pamplona, com 106 casos em 2008 e 100 casos em 2007. Segue mais ou menos a

mesma lógica o bairro Jardim Iracema, com 86 registros em 2009, enquanto nos anos anteriores apresentou índices superiores: 106 em 2008 e 99 em 2007.

Interessante também registrar que, nesta ocorrência, a maioria dos bairros registrou declínio de ocorrências em 2009. Os bairros com menores índices foram novamente Floresta e Moura Brasil.

Observamos a concentração de várias ocorrências em alguns bairros já amplamente classificados pelo estigma de “bairros violentos”. Constatamos variações para mais e para menos, de acordo com aspectos específicos de cada bairro, como: extensão territorial, número de habitantes, dados históricos de vulnerabilidade e a maior presença de atividades comercial, industrial e turística.

Um dado que nos ajuda na compreensão dessa realidade é a localização dos bairros da Secretaria Executiva Regional I no extremo oeste da Cidade, região historicamente desprovida de investimento em serviços e equipamento públicos, que a diferencia da região leste da cidade de Fortaleza. Apesar disso, é nesta Regional que há amplo capital social acumulado proveniente dos movimentos sociais urbanos e da existência de programas e projetos governamentais ou não governamentais.

Com efeito, o que se destaca mesmo é o conflito entre a adesão a ações criminais e iniciativas de resistências às práticas de violência presentes na Regional I, característica significativa para pensá-la como um todo em termos de mapeamento dos delitos e, bem mais, nas formas de enfrentamento da criminalidade e da violência.

Todas essas questões nos fazem pensar sobre os investimentos em Segurança Pública, como o Programa Ronda do Quarteirão, e em programas sociais como o Cuca, os Núcleos de Atendimento ao Adolescente, os CAPS, os CRAS dentre outros, além da presença de ONGs e outros organismos da sociedade civil.

Ou seja, existem investimentos em políticas públicas nos bairros, existe inserção de movimentos sociais que têm alterado de alguma forma o cotidiano de alguns lugares, porém, permanece a questão contraditória da evolução dos números dos crimes.

A Barra do Ceará, apesar de ser o bairro com o maior número de ocorrências criminosas da Regional, demonstra queda em tais indicadores. Outros bairros da SER I, contrariamente, apresentaram crescimento no número de ocorrências em 2009, ou sem mudanças significativas em relação aos anos anteriores. Cabe o questionamento: de que forma as políticas públicas governamentais têm, efetivamente, garantido a segurança e a qualidade de vida das pessoas?

Há que avaliarmos as ações sociais nesse sentido, para observarmos o que tem dado certo e o que precisa de atenção para possíveis modificações e avanços visando alcançar melhores resultados.

2.2 Secretaria Executiva Regional II

A população total da Regional II era de 364.808 habitantes, segundo dados do IBGE, 2009, com população estimada em 2014 para 403.368 habitantes. Possui uma área de 4.933,90 ha., da qual uma área de 217,94 ha (4,42% do total da Regional) de praças, áreas verdes, áreas livres e parques. Possui densidade demográfica – 74 hab/km² (2009) e os seguintes bairros, no total de 21: Aldeota, Bairro de Lourdes, Cais do Porto, Centro, Cidade 2000, Cocó, Dionísio Torres, Guararapes, Joaquim Távora, Luciano Cavalcante, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I, Praia do Futuro II, Salinas, São João do Tauape, Varjota e Vicente Pinzón. A sede da Regional situa-se a Rua prof. Juraci Mendes Oliveira, nº 01, no bairro Edson Queiroz.

A Secretaria Executiva Regional II abrange o Centro, que tem uma Secretaria Executiva própria, e a Aldeota, bairros com grande adensamento comercial e de serviços, responsáveis por importante fatia da arrecadação municipal. Ao mesmo tempo, concentra 15 áreas de risco, onde moram 2.808 famílias.

Esta Regional abriga 14,64% da população de Fortaleza e metade dos seus habitantes tem, no máximo, 33 anos. Os bairros nela localizados possuem o segundo menor índice de analfabetismo dentre todas as regionais – perde apenas para a Regional IV - e a melhor renda média por família: 13,2 salários mínimos por mês. Os rendimentos médios mais elevados estão no Meireles: 28,6 salários mínimos por família. Os piores rendimentos, assim como os piores índices de analfabetismo da Regional, estão nos bairros Cais do Porto, Praia do Futuro e Dunas.

A SER II concentra 48,3% dos estabelecimentos que geram emprego na Capital. Estão ali reunidos 38,74% dos empregos formais de Fortaleza, sendo o principal motor econômico da Cidade. As principais atividades estão relacionadas ao setor de serviços, seguido pelo comércio.

De acordo com o levantamento feito a partir dos dados do Censo 2000, dez bairros da Regional possuem IDH-M médio (entre 0,500 e 0,799). São eles: Centro, Cidade 2000, Luciano Cavalcante, Joaquim Távora, Papicu, Praia de Iracema, Praia do

Futuro I, Salinas, São João do Tauape e Vicente Pinzón. Pelo mesmo levantamento, sete bairros possuem IDH-M alto (0,800 a 1): Aldeota, Cocó, Dionísio Torres, Guararapes, Meireles, Mucuripe e Varjota. Apenas três bairros da SER II possuem IDH-M baixo (entre 0 e 0,499): Cais do Porto, Dunas e Praia do Futuro II.

2.2.1 Secretaria Executiva Regional Centro-SECEFOR

A Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza (SECEFOR) abrange uma área de 5,6255 Km² e seus limites são: ao Norte, avenidas Historiados Raimundo Girão, Almirante Barroso e Pessoa Anta, ruas Adolfo Caminha e Santa Terezinha, além da av. Presidente Castelo Branco (Leste-Oeste); ao Leste, rua João Cordeiro, avenidas Filomeno Gomes e Padre Ibiapina; ao Sul, Avenida Domingos Olímpio e início da Avenida Antonio Sales.

Segundo definição da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a SECEFOR executa, gerencia e assessora políticas públicas na área do Centro, desenvolvendo estudos socioeconômicos e elaborando projetos técnicos para os órgãos municipais, além de ser responsável pela análise e avaliação das ações executadas no Centro com o fim de alcançar resultados eficazes, qualificar o atendimento ao público e promover estudos e ações que visem à revitalização do Centro e seu patrimônio histórico.

No que se refere à Educação, em 2006, a Secretaria Executiva Regional II possuía 122.585 alunos matriculados em todos os níveis de ensino nas redes pública (municipal, estadual e federal) e privada. Os estudantes da Regional II estão distribuídos em uma escola federal, 25 escolas estaduais, 23 escolas municipais e 135 escolas privadas. A média de anos de estudo do chefe de família é de 10,79 anos, conforme Censo 2000 do IBGE.

Em relação a saúde a Regional é atendida por 12 Unidades Básicas de Saúde (UBS), com sede nos bairros Vicente Pinzon, Praia do Futuro II, Cais do Porto, Dionísio Torres, São João de Tauape (2 unidades), Luciano Cavalcanti, Mucuripe e na comunidade do Castelo Encantado, no Centro (2 unidades) e Cidade 2000. A Regional dispõe, ainda, de instituições de grande porte como o Instituto Dr. José Frota (IJF-Centro), o Hospital Geral Dr. César Cals e o Hospital Geral de Fortaleza (HGF), no Papicu.

Segundo levantamento realizado para esta cartilha, a SER II possui, em sua área de abrangência, um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD),

no Cocó, um Centro de Atenção Psicossocial Geral (CAPS), no Dionísio Torres, e a Rede Assistencial de Saúde Mental, no Centro.

No quesito Assistência Social existem quatro Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), com sedes nos bairros Mucuripe, Praia de Futuro I e na comunidade do Serviluz; duas unidades sociais de Proteção Social Básica (PSB), duas unidades sociais de Proteção Social Especial (PSE) e um Conselho Tutelar sediados no Centro.

A renda média mensal dos chefes de família desta Regional é de 14,32 salários mínimos, com destaque para o bairro Meireles, que apresenta a renda média mais alta da Regional, de 28,41 SM, e os bairros Cais do Porto, com 2,22 SM, e Praia do Futuro, com 3,29 SM como aqueles que apresentam a menor renda média dos chefes de família.

Esta Regional concentra a imensa maioria dos estabelecimentos do setor de Serviços, além de possuir importantes corredores comerciais, como as avenidas Santos Dumont, Dom Luiz, Barão de Studart, Antonio Sales, Virgílio Távora e o Centro da Cidade.

No que se refere a Habitação a média da Regional é de 3,88 habitantes por domicílio. 90% dos domicílios particulares estão ligados à rede de abastecimento de água. 96,74% dos domicílios possuem coleta de lixo.

Há, na Regional II, 27 organizações não-governamentais (ONGs), 44 projetos sociais e uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Foram identificadas 149 sedes de associações (86 no Centro e 52 na Destacamos, como exceção, os bairros Meireles e Aldeota) e 222 sedes de associações (144 no Centro e 67 na Aldeota).

Quanto a Segurança Pública a SER II é abrangida pelo 5º Batalhão da Polícia Militar (5º BPM), sediado no Centro, e pelas seguintes companhias: 1ª CIA/5º BPM (Meireles), 4ª CIA/5º BPM (Luciano Cavalcante), 5ª CIA/5º BPM (Centro). Integram ainda a Regional a Companhia de Policiamento Ambiental, 1ª e 4ª Companhias de Policiamento de Guardas e a Companhia de Policiamento Turístico. Em seu território estão localizadas as sedes do Batalhão de Polícia de Choque (BPChoque), do Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE), do Comando de Policiamento do Interior (CPI), do Comando de Policiamento da Capital (CPC) e do Comando de Policiamento do Interior(CPI), além do Pelotão de Motos/Raio e da sede da Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (Ciops). O Corpo de Bombeiros possui no Mucuripe o 1º Grupamento de Bombeiros e o 2ºSB/1ºGB. A sede da Superintendência da Polícia

Civil situa-se no Centro. A Regional ainda sedia o 2º Distrito Policial – DP (Meireles), o 4º DP (São João do Tauape), o 9º DP (Praia do Futuro), 15º DP (Cidade 2000) e uma série de delegacias especializadas: Delegacia de Proteção ao Turista (DPT) (Praia de Iracema), Delegacia de Acidentes e Delitos de Trânsito (no Centro), Delegacia de Defraudações e Falsificações - DDF- (Centro), Delegacia de Defesa da Mulher – Fortaleza – DDM – (Centro), Delegacia dos Crimes contra a Administração e Finanças Públicas (Centro), Delegacia de Combate aos Crimes contra a Ordem Tributária (Centro), Delegacia de Capturas e Polinter – Decap- (Centro), Delegacia de Narcóticos – Denarc- (Centro) e a Delegacia de Roubos e Furtos (DRF). Também sedia um núcleo de Liberdade Assistida (LA), que opera no Mucuripe.

Em relação ao transporte coletivo, cerca de 123 linhas de ônibus transitam diariamente pela SER II. A Regional possui um terminal de ônibus fechado e dois abertos. No Terminal do Papicu, 285.659 passageiros são transportados por dia, aproximadamente, nas 42 linhas que passam pelo local, totalizando uma frota de 497 veículos/dia. Os dois terminais abertos são: Praça Coração de Jesus, com frota operante de 141 veículos, 25 linhas de ônibus e 72.785 passageiros transportados/dia; e a Praça da Estação, com frota operante de 170 veículos, 19 linhas de ônibus e 85.311 passageiros/dia.

Quanto a Cultura e Lazer a Regional abriga uma série de ícones culturais da Cidade, como o Theatro José de Alencar, o Museu do Ceará e o Passeio Público, todos situados no Centro; o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na Praia de Iracema, além das praias (Beira-Mar e do Futuro), considerados cartões postais de Fortaleza. Há o Palácio do Bispo, que é a atual sede da Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Catedral da Sé, que representam a arquitetura sacra de Fortaleza. Há ainda o Forte de Nossa Senhora da Assunção e o Mercado central, todos situados no centro da Cidade.

Em relação as cinco em análise, inicialmente, é importante esclarecermos aqui que o Bairro de Lourdes não apresenta registros nas fontes de informação pesquisadas porque é uma parte desmembrada do bairro Papicu. Os moradores daquele Bairro se identificam como moradores do Papicu, portanto, ao nos referirmos ao Papicu, estamos nos reportando a estes dois bairros.

Na Regional II, o registro das cinco ocorrências analisadas nos anos de 2007, 2008 e 2009, apresenta uma característica intrigante: embora o número de ocorrências de 2007 para 2008 tenha declinado, todos os indicadores apresentaram elevação na

comparação dos dados entre 2008 e 2009. A criminalidade na região, portanto, manteve-se em níveis elevados.

De 2007 para 2008, alguns fatores relacionados a investimento em segurança pública, associados a outros aspectos como as políticas sociais governamentais e atuação de outros organismos sociais, podem ter surtido algum efeito na diminuição dos índices. Essa trajetória, porém, não conseguiu se manter em 2009, já que o crescimento das ocorrências foi retomado, com algumas poucas exceções.

Em geral, os números de 2009 não superam os de 2007, com exceção de relações conflituosas (uma ocorrência que tem crescido em vários bairros) e lesão corporal, que registrou leve crescimento. Essas questões podem nos revelar que houve pressão contra o crime, mas ela tem se enfraquecido nos últimos anos.

Importante destacarmos que a Regional II possui bairros e localidades visivelmente marcados pela segregação social. A SER II recebe bons investimentos em serviços e equipamentos sociais, muitos deles que geram empregos, mas também é marcada por áreas de alta vulnerabilidade social.

A Regional II é o retrato de uma Cidade segregada entre pobres e ricos. Abrange o Centro da Cidade, que tem uma secretaria executiva própria (Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza – Secefor) e o bairro Aldeota, historicamente valorizado pelo incremento e adensamento comercial e de serviços e, simultaneamente, concentra expressivo número de áreas de risco, como já explicitado.

Em relação às ocorrências criminais, destacamos o Centro, que registra o maior número absoluto das cinco ocorrências na série histórica de 2007, 2008, e 2009. Esta situação não revela surpresa devido às características do Centro. É aqui onde se aglomeram comércio formal e informal (às vezes envolvido com a venda ilícita de mercadorias piratas e contrabandeadas e associado a grupos criminosos que vendem proteção na área), serviços e um contingente de pessoas que ocupam diariamente as suas ruas. Em termos numéricos, o Centro atinge, aproximadamente, o dobro de registros de crimes se comparado ao bairro Aldeota, que ocupa a segunda posição em quase todas as ocorrências, com exceção de mortes violentas.

Os bairros Salinas e Guararapes são os bairros que detêm menores índices em todas as ocorrências, não havendo registros de mortes violentas, no Salinas, nos anos de 2008 e 2009, e apenas dois casos em 2007. No caso do Guararapes, há registrado um caso de morte em 2009. Não podemos afirmar categoricamente que, de fato, não

ocorreram mais crimes, mesmo porque eles podem ter acontecido, mas terem sido informados em outro bairro ou outra localidade próxima.

Uma curiosidade em relação aos bairros Praia do Futuro I e Praia do Futuro II. O primeiro registra números bem superiores ao segundo em todas as ocorrências, o que também podemos refletir sobre a dinâmica de região de praia, com grande adensamento de pessoas, principalmente nos finais de semana e feriados, próximo a morros e áreas de risco, brigas de gangues por domínios territoriais, entre outras vulnerabilidades socioespaciais. Estes aspectos podem concorrer para elevação dos índices de conflitos e outros delitos.

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

O Centro se destaca no número absoluto de registros nesta ocorrência, com 1.122 casos, número crescente em relação aos 1.098 casos ocorridos 2007 e 1.062 casos em 2008; em segundo lugar, vem o bairro Aldeota, com 565 casos, número semelhante aos anos anteriores (563 registros em 2007 e 523 em 2008). Destaque para o bairro Vicente Pizón, que aparece em terceiro lugar, com 503 registros, número bem maior do que 2007, quando foram registrados 361 casos, e 2008, quando teve 407 casos. Em quarto e quinto lugares aparecem os bairros Papicu e Meireles.

Estes dados demonstram que relações conflituosas ocorrem tanto em bairros com fartos recursos e investimentos públicos e privados, como a Aldeota e o Meireles, quanto em bairros com recursos e investimentos públicos precários, socialmente vulneráveis, como o Vicente Pinzón.

O Papicu é extremamente segregado, pois abrange tanto localidades bem servidas de equipamentos, comércio e serviços, quanto favelas desestruturadas. Já o Meireles é considerado bairro nobre por apresentar o maior rendimento mensal da Regional, além da diversidade de equipamentos, serviços de bares e restaurantes, constituindo o pólo gastronômico de Fortaleza, muito procurados pelas classes alta e média da Cidade. É, também, o melhor IDH-B da cidade de Fortaleza.

As relações conflituosas se espalham na Regional II da mesma forma que na Regional I. Na Regional II, os números de ocorrência diminuíram drasticamente em Salinas e Guararapes e nos bairros Manoel Dias Branco/Dunas, Praia do Futuro II e Cocó.

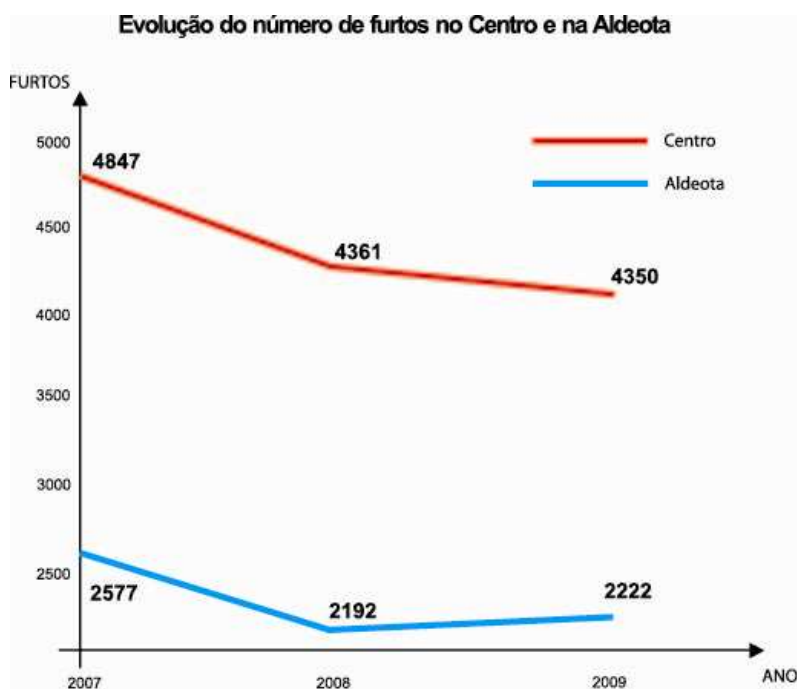
FURTOS

O Centro também concentra os mais altos registros desta ocorrência, especialmente por sua relação com o comércio e por ser lugar de grande adensamento e passagem de pessoas. Nesta ocorrência, porém, há um destaque: o Centro apresenta queda de registros, pois tinha 4847 registros em 2007, caindo para 4361 registros em 2008 e para 4350 em 2009. Este destaque é importante porque o furto é um dos crimes mais praticados em áreas centrais e essa tendência de declínio exige que se aplique maior pressão nas políticas de segurança na área central, para manter a efetividade da diminuição processual verificada na série histórica analisada.

O bairro Aldeota aparece em segundo lugar, com 2.222 registros em 2009, número bem menor que em 2007, quando registrou 2.577, mas um pouco superior aos 2192 registrados em 2008. Vemos, também, que este bairro detém, aproximadamente, a metade do número desta ocorrência, quando comparado ao Centro. O terceiro lugar ficou com o bairro Meireles, onde foram registrados 1204 casos em 2009, contra 957 ocorrências em 2008 e 1.186 em 2007. Estes dados demonstram crescimento do número absoluto de ocorrências em 2009. Este fato é uma característica desta Regional, que se aplica, também, à realidade específica da Aldeota que pode ser explicada pela concentração da riqueza.

GRÁFICO 11

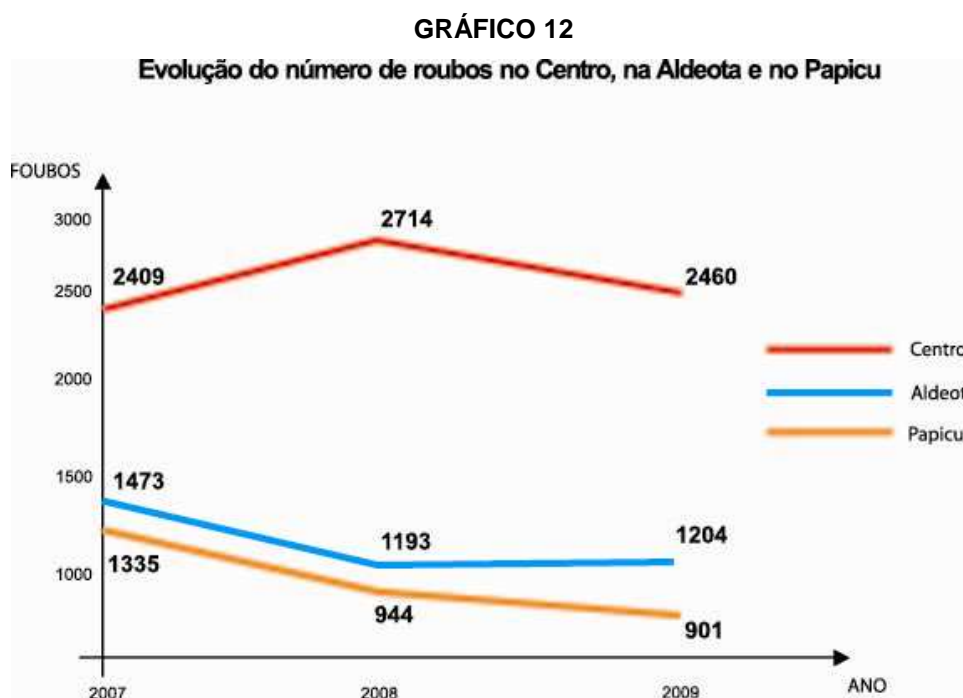
Evolução do número de furtos no Centro e na Aldeota



O Papicu aparece em seguida com 782 registros, contra 946 registros em 2007 e 765 registros em 2008, observando-se aqui, novamente, queda em relação a 2007, mas crescimento em relação a 2008. Os bairros que se aproximam destes números são Praia de Iracema e Praia do Futuro I, números ainda relativamente altos em relação aos demais bairros da Regional. Importante observarmos os aspectos mobilizadores deste delito, como o fato de estes bairros serem em região praieira, de concentrar bares, locais em conflito, existência mais visível de gangues etc. Os números são realmente baixos no bairro Guararapes, com apenas sete registros em 2009, dois em 2008 e apenas um em 2007.

ROUBOS

A lógica de queda nas ocorrências do Centro de Fortaleza acontece também em relação a roubos, se comparada aos anos de 2008 (com 2.714) com 2009 (com 2.460). Mas se compararmos 2009 com 2007 (2.409 ocorrências) podemos constatar crescimento no número de registros. A Aldeota aparece novamente em segundo lugar, com 1.204 registros em 2009, com um leve crescimento em relação a 2008 (com 1.193), mas índice menor que o registrado em 2007 (1.473). Em seguida vem o Papicu, demonstrando declínio no número de registro na série histórica, já que teve 1.335 registros em 2007, caindo para 944 em 2008 e para 901 casos em 2009.



Nesta ocorrência, muda um pouco a sequência em relação ao Meireles, já que Praia do Futuro I é o bairro que aparece em quarto lugar, com 630 casos em 2009, número superior aos 492 registrados em 2008, mas inferior aos 707 registrados em 2007; em seguida aparece o Meireles, com 500 casos registrados em 2009, também superior aos 347 registros de 2008, mas inferior aos 556 registros de 2007. Destacamos, mais uma vez, preocupação em relação a 2009, ano que tem apresentado aumento de ocorrências quando comparado ao ano anterior.

Vicente Pinzón, São João do Tauape e Dionísio Torres aparecem em seguida, com média de mais de 400 registros. As características do bairro Praia do Futuro I, já apresentadas nesta cartilha, podem ter relação com os altos índices desta ocorrência, culminando no cometimento de crimes contra o patrimônio, como o roubo. Os bairros Salinas e Guararapes continuam detendo os menores índices nesta modalidade de crime na Regional.

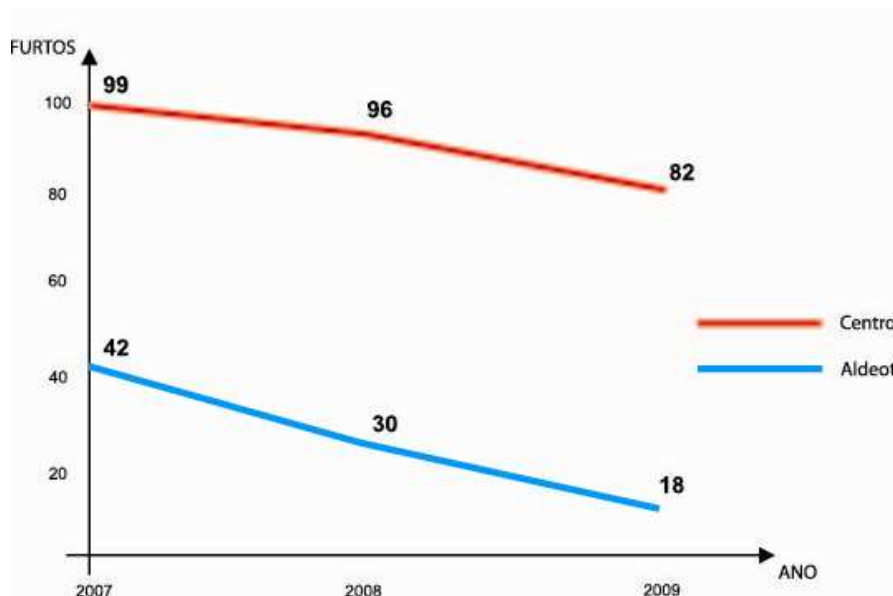
MORTES VIOLENTAS

Em relação a mortes violentas, observamos tendência de declínio nos registros em bairros como Centro e Aldeota, geralmente com maiores índices das ocorrências. Outros bairros, que também lideram as ocorrências na Regional, como Papicu, Praia do Futuro I e Meireles, temos observado, ao contrário, crescimento no número de mortes violentas.

Vejamos detalhadamente: em 2009, o Centro liderou as ocorrências na Regional, com 82 registros, mas verificamos queda em relação aos dois anos anteriores, já que foram 99 casos em 2007 e 96 casos em 2008. Aldeota é destaque nesta situação, pois apresentou queda mais significativa, já que registrou 42 casos em 2007, 30 casos em 2008 e caindo bem mais em 2009, para 18 casos. Estes aspectos são significativos para atentarmos sobre o que aconteceu ou que ações foram desenvolvidas no sentido de reduzir esta ocorrência nesses bairros e que podem servir de base para ações em outros bairros. A presença mais constante das forças policiais na área pode ser uma das explicações.

GRÁFICO 13

Evolução do número de mortes violentas no Centro e na Aldeota



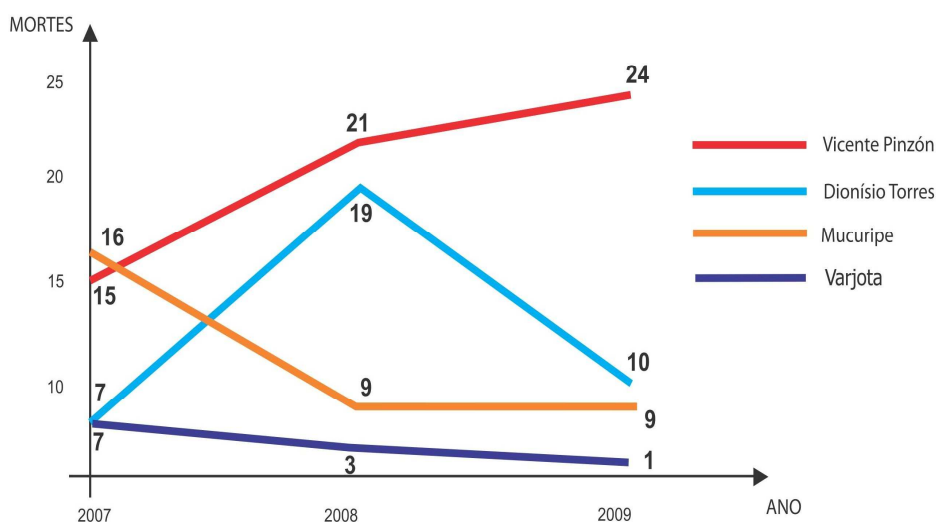
No Papicu, em 2009, foram registradas 29 ocorrências de mortes violentas. Observamos crescimento em relação a 2008, com 23 casos e 2007, com 28 casos. Praia do Futuro I registrou, em 2009, 21 casos, número bem superior aos 10 casos registrados em 2008 e também aos 15 casos de 2007. Situação semelhante ocorreu no Meireles, com 19 casos registrados em 2009, número superior aos 15 casos de 2008 e aos 14 casos de 2007.

Outro destaque, nesta ocorrência, se dá em relação aos bairros Luciano Cavalcante, Cais do Porto, Joaquim Távora e São João do Tauape, bairros que aparecem com registros inexpressivos no total de ocorrências, mas, neste tipo específico de ocorrência apresentaram números semelhantes aos bairros que estão com maior número de mortes violentas, com média de 20 registros de mortes no ano de 2009, sob escala crescente. O Vicente Pinzón consta em outras ocorrências, mas aqui também se destaca por apresentar 24 registros de homicídios em 2009, número que cresceu em relação a 2008 (21 casos) e a 2007 (15 casos). Há outros destaques sobre esta ocorrência na Regional, como o bairro Dionísio Torres, que registrou um crescimento drástico de 2007 (7 casos) para 2008 (19 casos), diminuindo quase pela metade em 2009 (10 casos), porém, este número ainda é alto se comparado a 2007. Com declínio nos números absolutos de mortes violentas, ficaram os bairros Mucuripe, que registrou queda significativa de 16 casos, em 2007, para 9 casos em 2008, permanecendo com 9 casos

em 2009, e Varjota, que reduziu seus sete registros, em 2007, para três, em 2008, e para apenas um em 2009.

GRÁFICO 14

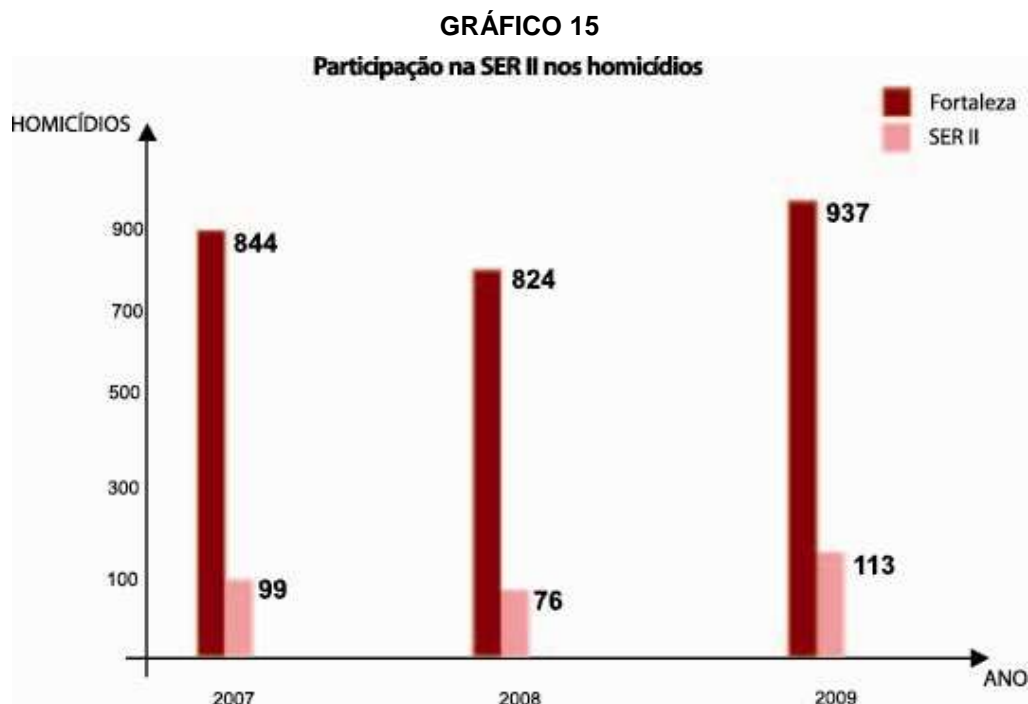
Evolução do número de mortes violentas no Vicente Pinzón, no Dionísio Torres, Mucuripe e na Varjota



Destacamos, novamente, os bairros Salinas, que não registrou mortes violentas em 2009 e 2008, apenas um registro em 2007, e Guararapes, que não registrou nenhuma morte em 2007 e 2008 e apenas uma morte violenta em 2009. Podemos perceber relações destas ocorrências com vários fatores aqui já levantados, ou seja, os delitos podem estar condicionados a aspectos específicos desta Regional, como forte presença de comércio, serviços, região central, praias e posse de bons equipamentos, como, também, relacionados à má distribuição de renda e à segregação social presentes na Regional, especialmente no Papicu, bairro constituído por prédios comerciais, residenciais e também por favelas, com serviços públicos precários. As favelas configuram espaços vulneráveis a práticas conflituosas e delitos variados, problemas que se espalham em outros bairros. Entretanto, devemos considerar que os investimentos públicos nesta Regional não são igualmente distribuídos. Geralmente, os bairros considerados nobres ou de classe média são mais beneficiados do que os enclaves destoantes das áreas mais nobres da Regional.

HOMICÍDIOS

No caso específico de homicídios, a Regional II registrou 113 casos em 2009, dos 937 casos registrados em toda Fortaleza, o que equivale a 12,1% deste total. Em 2008, foram registrados 76 casos, uma percentagem de 9,2% dos 824 casos registrados em Fortaleza; e em 2007 foram registrado 99 casos, ou seja, 11,7% dos 844 homicídios registrados em Fortaleza.



Assim como registrado em toda Fortaleza, as vítimas são, em sua grande maioria homens, solteiros, predominantemente situados na faixa etária de 19 a 24 anos. Chama-nos a atenção, no entanto, o número de vítimas na faixa etária de 15 a 18 anos e de 25 a 29 anos. Ao somarmos o percentual dos jovens de 15 a 29 anos, os números absolutos de jovens vítimas de mortes violentas superam significativamente os dos adultos. O perfil das vítimas quanto à escolaridade é marcado pela *baixa escolaridade*. Na SER II, o número de vítimas quanto à escolarização é maior na faixa situada no ensino fundamental incompleto, se comparado ao grupo situado na faixa 'apenas alfabetizado'. Este aspecto é um diferenciador da Regional em relação às outras regionais que, em geral, apresentaram maior percentual de vítimas na faixa 'apenas alfabetizados'.

Nesta Regional, observamos crescimento do número de homicídios em 2009, fator preocupante, já que os números haviam caído em 2008.

O homicídio é a única ocorrência em que o Centro não lidera. Vicente Pinzón é o bairro com maior número de homicídios, com 22 registros em 2009, número superior aos ocorridos em relação aos anos 2007 (16 homicídios) e 2008 (17 homicídios).

Neste tipo de ocorrência, o Centro ocupa a segunda posição, onde foram registradas 19 homicídios em 2009. Este número revela crescimento em relação a 2007 (14 casos) e a 2008 (17 casos). A Praia do Futuro I também se destaca com 15 ocorrências em 2009, o que revela crescimento em relação a 2008 (06 registros) e a 2007 (11 registros). Importante salientarmos que houve, na Praia do Futuro I, diminuição do número de registros quase pela metade de 2007 a 2008, e uma retomada de homicídios em 2009. Destaque para o bairro Cais do Porto, que apareceu com números significativos apenas em relação a mortes violentas, registrando, nesta ocorrência, 13 homicídios em 2009 e crescimento em relação a 2008 (10 casos) e 2007 (12 casos).

Maior destaque, ainda, para o bairro São João do Tauape, pelo crescimento drástico. Ele registrou quatro casos em 2007, apenas dois em 2008, mas subiu muito em 2009, quando registrou 11 casos.

As características da região praiana do Cais do Porto, próximo a localidades com altos índices de conflitos, como Serviluz, detentor do mais baixo índice de rendimento médio da Regional e onde, também, verifica-se a ação de gangues, podem ser fatores catalizadores de crescimento de homicídios nessas áreas. As relações conflituosas, quando não mediadas, tendem a evoluir para crimes de natureza mais grave, o que podem influenciar o aumento do número de homicídios.

O homicídio pode, muitas vezes, ser evitado com a mediação dos conflitos, mas observa-se, em Fortaleza, pouca ação neste sentido.

Aldeota, Meireles e Papicu sempre registraram os maiores índices relativos a todas as ocorrências, com exceção do caso de homicídios, ao apresentarem índices medianos. Destacamos a Aldeota, que apresentou queda significativa neste tipo de crime, ao registrar cinco casos em 2007 contra quatro casos em 2008 e dois casos em 2009.

Já Meireles e Papicu permaneceram na média de sete casos de homicídios. Outro destaque, no sentido positivo, é a Varjota, que registrou seis casos em 2007, apenas um registro no ano de 2008 e, em 2009, nenhum caso foi registrado. Estes bairros, mais bem equipados em estrutura e serviços, têm sido historicamente alvos de ações do poder público e da iniciativa privada, o que pode reverberar positivamente no

controle desses índices. Isto revela a necessidade de equalização desses investimentos em toda a Regional e na Cidade como um todo.

Cidade 2000, Cocó, Dionísio Torres e Manuel Dias Branco (Dunas) registraram índices baixos nos três anos estudados, variando entre zero e 1 registro. Já Guararapes e Salinas não aparecem nos dados IML/SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal), o que não significa que não tenham ocorrido homicídios, porque há registros de mortes violentas neles. Pode ter ocorrido, neste caso, que a informação fora registrada em outras localidades próximas como constatamos em casos de outras Regionais.

LESÃO CORPORAL

O Centro aparece em primeiro lugar no registro deste delito, com 427 ocorrências em 2009, número próximo aos anos anteriores, com relativo decréscimo em relação a 2007 (434 casos) e crescimento em relação a 2008 (165 casos). Já o bairro Aldeota volta a assumir a segunda colocação, com 183 casos registrados em 2009. Igualmente ao Centro, Aldeota registra decréscimo em relação a 2007 (192 casos) e crescimento em relação a 2008 (65 casos). Em terceiro lugar aparece o Vicente Pinzón, com 146 casos em 2009. Neste caso, verificamos declínio no número de ocorrências em relação a 2007 (154 casos) e 2008 (161 casos). Logo em seguida coloca-se o Meireles, com 143 registros em 2009, e crescimento dos registros em relação aos anos 2007 (129 casos) e 2008 (135 casos). Papicu registrou 124 ocorrências em 2009, número superior aos anos 2007 e 2008, que registraram 117 casos simultaneamente.

Destacamos, como exceção, os bairros Manoel Dias Branco (Dunas) e Cocó, que registraram baixos índices em relação aos demais bairros da Regional, especialmente Salinas (3 casos em 2007, nenhum em 2008 e 1 caso em 2009) e *Guararapes* (1 caso em 2007 e nenhum caso nos outros anos).

A lesão corporal é um delito que se diferencia em gravidade, podendo ser leve ou grave. O que percebemos é que este delito vem se configurando em todas as regionais de Fortaleza como modo de resolução dos conflitos, mediante uso da violência física. A recorrência desta prática de violência é vista, muitas vezes, pela população, como única forma de resolver seus conflitos. Isto é um aspecto efetivamente preocupante que tem levado à violência fatal.

A Regional II é caracteristicamente marcada pela segregação social, aspecto emblemático da cidade de Fortaleza. É uma região com bairros que concentram boa estrutura física, belas avenidas e prédios, áreas verdes, serviços, comércio, bons equipamentos sociais e, ao mesmo tempo, localidades com estrutura urbana precária, sem a presença de equipamentos e ações de natureza pública.

Constatamos que crimes contra o patrimônio e conflitos são mais propícios a acontecerem em bairros como Centro, Aldeota, Papicu, Meireles e Praia do Futuro, com destaque para o Vicente Pizón, no qual foi registrado número significativo de ocorrências, entre as quais crimes contra a vida. Observamos que estes bairros concentram as ocorrências da Regional, revelando seus paradoxos sociais entre bairros nobres, mas marcados, transversalmente, por problemas comuns aos bairros considerados de periferia: moradias irregulares como favelas, visíveis injustiças sociais e graves problemas de segurança relacionados ao tráfico de drogas, gangues, roubos e mortes.

2.3 Secretaria Executiva Regional III

A população total da Regional III era de 398.382 habitantes (IBGE, 2009/SEPLA), com população estimada em 2014 para 439.842 habitantes (IBGE, 2009/SEPLA). Possui uma área de 2.777,70 ha e uma área de 67,64 há (2,44% do total) de praças, áreas verdes, áreas livres e parques. Tem densidade demográfica de 143 habitantes/km² (2009). A Regional é composta por 16 bairros no total: Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha. A sede da SER III - Avenida Jovita Feitosa, 1264, no bairro Amadeu Furtado.

O bairro mais extenso e mais populoso é o Pici, com 51.921 habitantes. Em segundo lugar vem o bairro Quintino Cunha, com 50.289 habitantes e, em terceiro, o bairro Bonsucesso, com 45.258 habitantes. O bairro com a menor população desta Regional é o Parque Araxá, com 6.414 habitantes.

Os bairros da Regional III concentram 16,5% da população do Município e 50% da população têm até 28 anos. A Regional tem o terceiro menor índice de analfabetismo entre as regionais, e ocupa a quarta colocação em relação aos

rendimentos familiares, com ganhos médios de 4,6 salários mínimos. Dos dezesseis bairros, nove deles (Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bela Vista, Bonsucesso, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Padre Andrade, Pici e Quintino Cunha) têm renda inferior a esta média e sete restantes têm renda acima da média (Amadeu Furtado, Bela Vista, Jockey Clube, Parque Araxá, Parquelândia, Presidente Kennedy e Rodolfo Teófilo). O bairro com maior rendimento médio, por família, é a Parquelândia, enquanto Autran Nunes é o bairro de menor renda média por família da Regional.

De acordo com o levantamento feito a partir dos dados do Censo 2000 I, onze bairros da Regional possuem IDH-M médio (entre 0,500 e 0,799) e cinco têm índice considerado baixo (entre 0 e 0,499). Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, Jockey Clube, Padre Andrade, Parque Araxá, Parquelândia, Presidente Kennedy e Rodolfo Teófilo apresentam IDH M médio. Por sua vez, Autran Nunes, Bonsucesso, João XXIII, Pici e Quintino Cunha são aqueles bairros com IDHM baixos.

Em relação à Educação, em 2006, a Secretaria Executiva Regional III possuía 102.910 alunos matriculados em todos os níveis de ensino na rede pública (municipal, estadual e federal) e privada. Os estudantes da Regional III estão distribuídos em uma escola federal, 29 escolas estaduais, 38 escolas municipais e 148 escolas privadas. A média de anos de estudo do chefe de família é de 7,32 anos, conforme Censo 2000 do IBGE.

Nesta Regional está sediado o campus da Universidade Federal do Ceará – UFC, no bairro do Pici.

No que se refere a Saúde, a Regional é atendida por 16 Unidades Básicas de Saúde (UBS) sediados nos bairros Padre Andrade, Pici, Antônio Bezerra, Quintino Cunha (duas unidades), João XXIII, Bela Vista, Henrique Jorge, Rodolfo Teófilo (duas unidades), Jockey Clube (duas unidades), Antônio Bezerra, Presidente Kennedy, Autran Nunes e Bom Sucesso. A Regional dispõe dos seguintes hospitais: Hospital Distrital Evandro Aires de Moura (Frotinha do Antônio Bezerra) Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce), no Rodolfo Teófilo; Hospital Universitário Walter Cantídio e Maternidade Escola Assis Chateaubriand, no Rodolfo Teófilo; Hospital e Maternidade Argentina Castelo Branco, no Henrique Jorge e Hospital São José, no Amadeu Furtado.

Segundo levantamento realizado pela pesquisa, a SER III possui, em sua área de abrangência, um Centro de Atenção Psicossocial geral (CAPS), um CAPS Álcool e Drogas e um CAPSi infante juvenil, todos sediados no bairro Rodolfo Teófilo.

Importante destacar que nesta Regional está em construção o Hospital da Mulher, no bairro Jóquei Clube.

Quanto a Assistência Social, existem dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), sediados nos bairros Bela Vista e Quintino Cunha; cinco PSB (Unidade de Proteção Social Básica) nos bairros Presidente Kennedy, Dom Lustosa, Antônio Bezerra e Rodolfo Teófilo (duas unidades). Também dispõe de um Conselho Tutelar, sediado no bairro João XXIII.

Há, na SER III, três organizações não-governamentais (ONGs), nove projetos sociais e uma entidade filantrópica. Foram identificadas 12 sedes de sindicatos, associações ou conselhos de classe.

A renda média mensal dos chefes de família, nesta Regional, é de 4,10 salários mínimos. A Regional responde por 3,75% dos postos de trabalho formais de Fortaleza, tendo o setor de serviços como principal empregador, seguido pela indústria.

Em relação a Habitação, a média da Regional III é de 4,12 habitantes por domicílio. 85,81% dos domicílios são atendidos pela rede geral de água. No entanto, os bairros Autran Nunes (23% dos domicílios) e Bonsucesso (11%) apresentam percentuais bem abaixo da média da Regional no que se refere ao acesso à rede de esgotamento sanitário. 96,7% dos domicílios particulares possuem coleta de lixo.

No que se refere a Segurança Pública, a Regional III abriga a 6ª Companhia do 5º BPM (no Bairro Antônio Bezerra) e parte da 7ª Companhia do 5º BPM (no bairro João XXIII) e o Colégio da Polícia Militar, situado na av. Mister Hull. Possui apenas dois distritos policiais: 10º DP (Antônio Bezerra) e o 27º DP (João XXIII). Por causa disso, a SER III contabiliza a proporção mais elevada de habitantes por delegacia: 150 mil pessoas para um Distrito Policial. Um núcleo de Liberdade Assistida (LA) opera na localidade do Planalto Pici, no bairro Pici. A Regional também sedia a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, no bairro Rodolfo Teófilo.

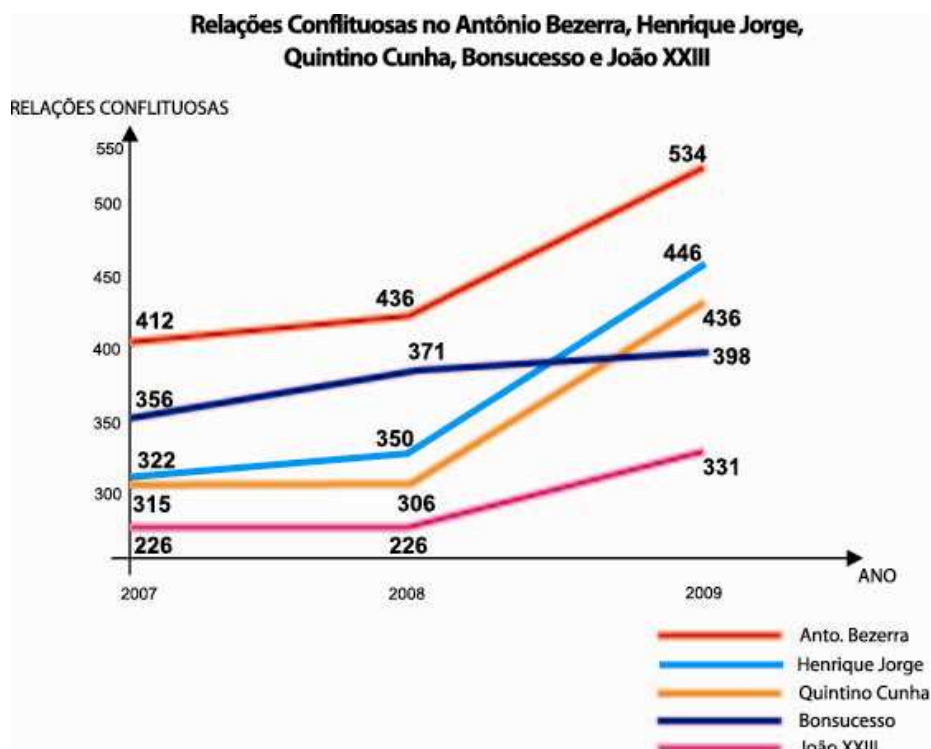
Quanto ao Transporte coletivo, a SER III possui cerca de 62 linhas de ônibus circulando em seu território e um terminal urbano fechado: o do Antônio Bezerra, com uma demanda de 225.210 passageiros/dia, 38 linhas de ônibus e uma frota operante de 380 veículos.

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

Ao observarmos dados das ocorrências desta Regional, percebemos que o bairro Antônio Bezerra se destaca em relação aos demais por registrar maior número de casos relativos às cinco ocorrências em análise, no ano de 2009, exceção feita ao número de homicídios.

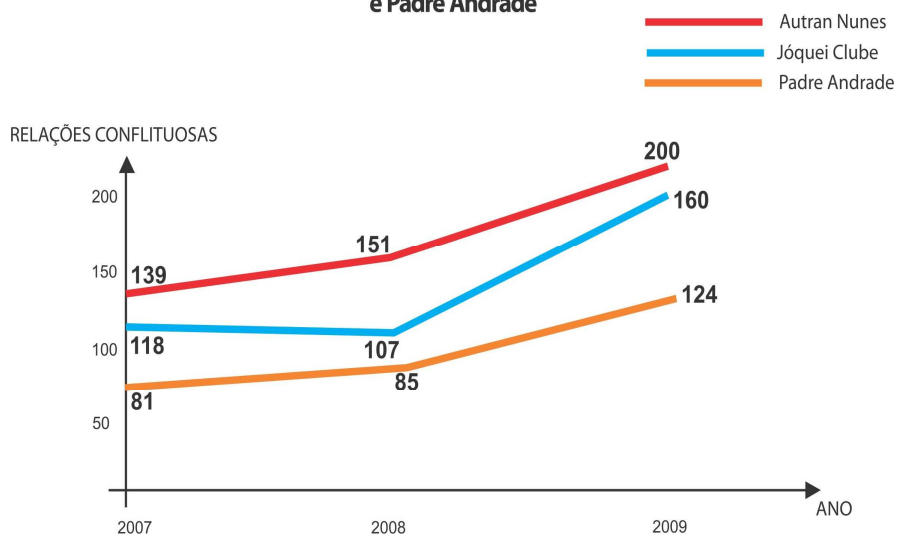
No que se refere a relações conflituosas, a Regional III registrou 3.946 ocorrências em 2009 (15,0% do total das ocorrências em Fortaleza). Nesse mesmo ano, o bairro Antônio Bezerra contabilizou 534 registros, seguido do Henrique Jorge (446), Quintino Cunha (436), Bonsucesso (398) e João XXIII (331). Estes cinco bairros apresentaram tendência de crescimento neste tipo de ocorrência desde 2007. O Quintino Cunha obteve uma ligeira queda em 2008, mas o número absoluto de casos tornou a aumentar em 2009.

GRÁFICO 16



No período, também apresentaram crescimento na quantidade de conflitos os bairros Autran Nunes, Jóquei Clube e Padre Andrade.

GRÁFICO 17
Relações Conflituosas no Autran Nunes, Jóquei Clube e Padre Andrade



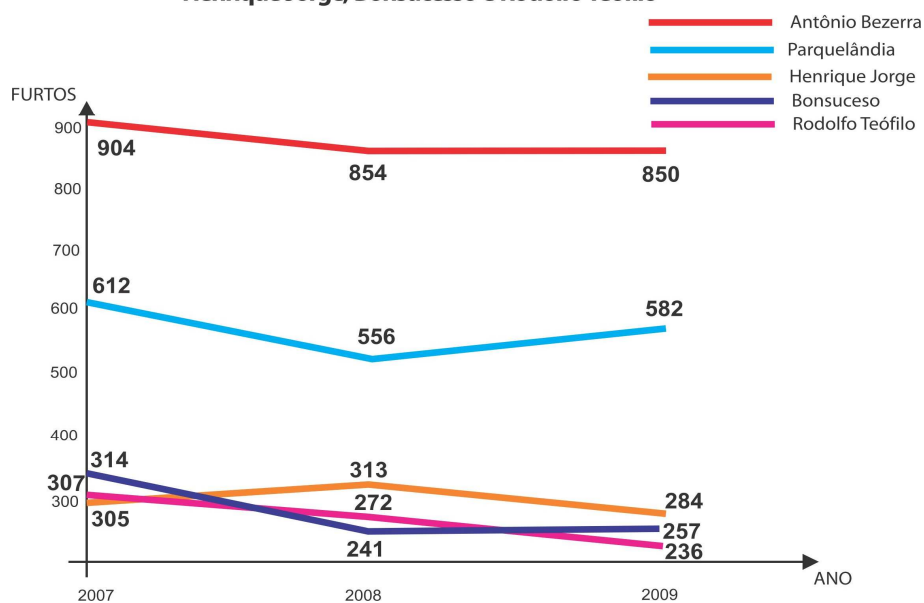
Os bairros Amadeu Furtado e Dom Lustosa tiveram o menor número de registros em 2009, com 20 e 44, respectivamente.

FURTOS

A Regional III contabilizou 3.535 furtos em 2009, o que representou 10,2% do total de furtos de Fortaleza. O bairro Antônio Bezerra apresentou o maior número de registros com 850 casos, seguido da Parquelândia (582 casos), Henrique Jorge (284 casos), Bonsucesso (257 casos) e Rodolfo Teófilo (236 casos). Ao contrário do número relativo a relações conflituosas, observamos uma tendência de queda nestes cinco bairros. Embora os bairros Parquelândia e Bonsucesso tenham apresentado oscilação para cima, em 2009, o número de furtos ainda é menor que o observado em 2007. Novamente os bairros de Amadeu Furtado e Dom Lustosa apresentaram a menor quantidade de registros em 2009, com 34 e 26 furtos, respectivamente.

GRÁFICO 18

Furtos no Antônio Bezerra, Parquelândia, Henrique Jorge, Bonsucesso e Rodolfo Teófilo

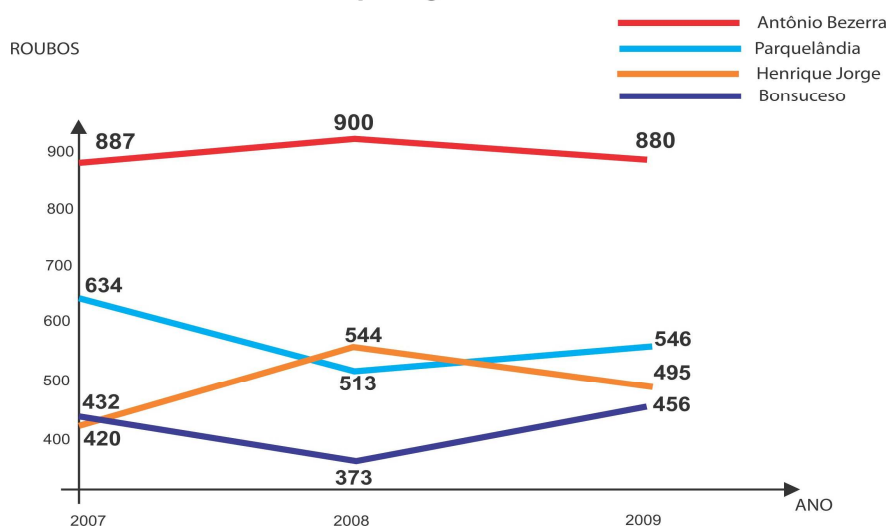


ROUBOS

Os 4.675 roubos ocorridos na Regional III, em 2009, representam 13,6% do total dos roubos cometidos em Fortaleza. Os quatro bairros com o maior número de registros são os mesmos da ocorrência anterior (furto): Antonio Bezerra (880 registros), Parquelândia (546 registros), Henrique Jorge (495 registros) e Bonsucesso (456 registros).

GRÁFICO 19

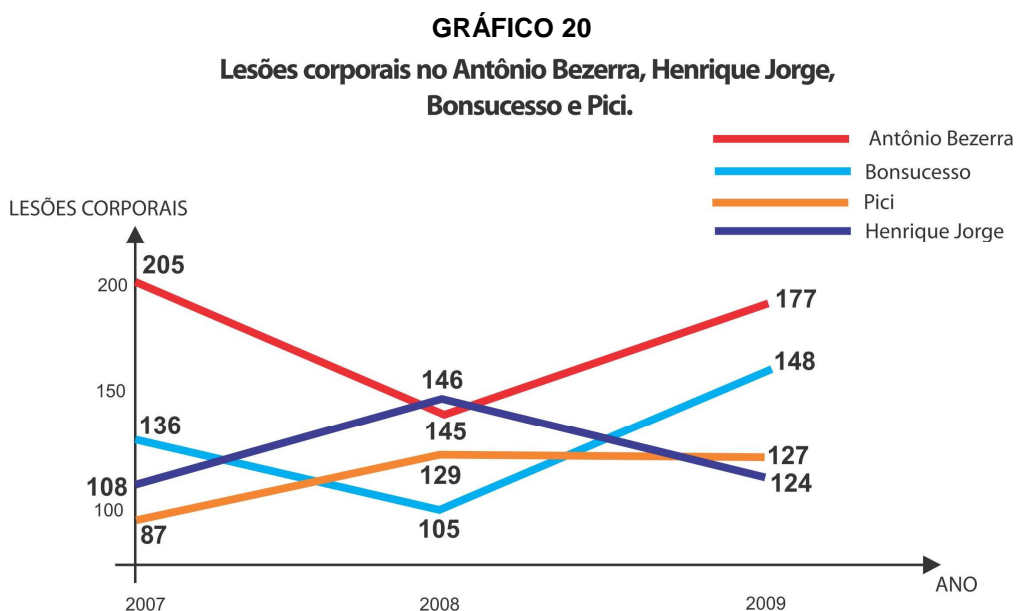
Roubos no Antônio Bezerra, Parquelândia, Henrique Jorge e Bonsucesso.



Chama a atenção o crescimento da quantidade de roubos no bairro Autran Nunes, que passou de 106 casos, em 2007, para 304, em 2009, um crescimento de 186% nas ocorrências de roubo no triênio 2007 a 2009.

LESÃO CORPORAL

Em 2009, os quatro bairros desta Regional com o maior número de registros de lesão corporal foram: Antonio Bezerra (177 casos), Bonsucesso (148 casos), Pici (127 casos) e Henrique Jorge (124 casos). Nos anos de 2007 e 2009 da série histórica analisada, o bairro Antonio Bezerra ocupou a primeira posição neste tipo de ocorrência. Em 2008, a primeira posição foi ocupada pelo bairro Henrique Jorge, que ocupava o terceiro lugar em 2007 e não constou nas três primeiras posições em 2009. Bonsucesso ocupou a terceira posição em 2007 e 2008, ficando em segundo no ano seguinte, seguido pelo bairro Pici, com 87 casos em 2007, 129 em 2008 e 127 casos em 2009. A Secretaria Executiva Regional III contabilizou 1.218 casos de lesão corporal em 2009, 13,9% do total das ocorrências de Fortaleza.



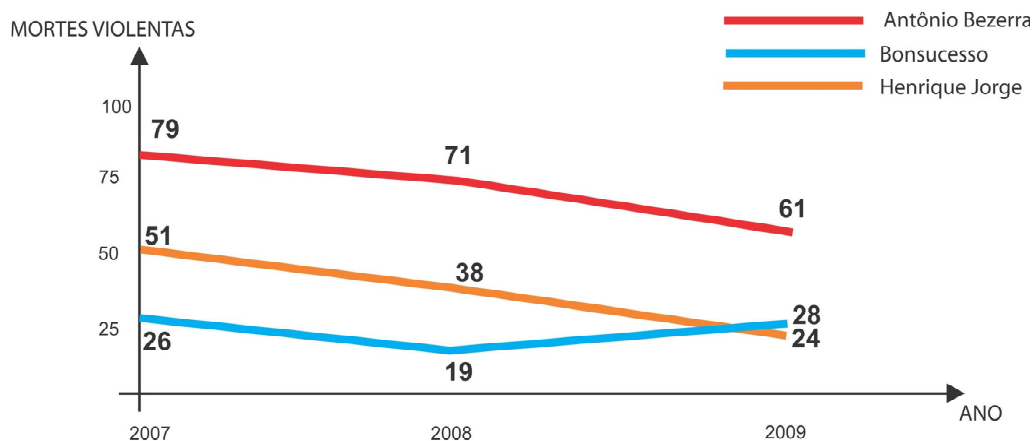
MORTES VIOLENTAS

A Regional III, com 238 mortes violentas, representa 12,5% do total de ocorrências de Fortaleza, em 2009. Neste mesmo ano, o bairro Antônio Bezerra apresentou 61 casos de mortes violentas, ou seja, 25,6%. O Bonsucesso (28 casos) e Henrique Jorge (24 registros) vêm em seguida. O bairro Amadeu Furtado não apresentou nenhum registro em 2009, enquanto o bairro Dom Lustosa teve dois casos registrados e o Parque Araxá registrou três mortes violentas.

Com relação a mortes violentas, um aspecto importante a destacar é o número de ocorrências relativas a homicídios, no bairro Antonio Bezerra. Quando comparado aos demais bairros da Regional, os dados parecem trazer um paradoxo, por ser pouco representativo no total de ocorrências classificadas na categoria Mortes Violentas. O que nos chamou a atenção foi o fato de, na série histórica considerada, o número de atropelamentos no bairro ter sido praticamente igual, em 2007, ao número de homicídios registrados e, nos anos seguintes, elas terem sido superiores às de homicídio, conforme ilustra o quadro abaixo.

GRÁFICO 21

Mortes violentas no Antônio Bezerra, Henrique Jorge e Bonsucesso.



Este aspecto é revelador. A dinâmica das práticas criminosas na Cidade varia de acordo com aspectos específicos de cada comunidade, como a maior ou menor quantidade e qualidade dos serviços públicos, aspectos culturais, tipo de atividade econômica do bairro etc. No caso particular do bairro Antonio Bezerra, o fato de ele ser

cortado pela BR 222, de trânsito intenso e de alta velocidade, pode estar a explicação da predominância e/ou da alta incidência de atropelamentos. Igual tendência observamos, também, nos bairros Aerolândia e Messejana, entrecortados pela BR 116.

TABELA 11

**Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios no Antônio Bezerra
Antonio Bezerra**

Ano / Ocorrência	Mortes Violentas	Atropelamento	Homicídios
2007	79	14	15
2008	71	13	8
2009	61	9	6

TABELA 12

**Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios na Aerolândia
Aerolândia**

Anos / Ocorrência	Mortes Violentas	Atropelamento	Homicídios
2007	38	12	11
2008	36	11	9
2009	35	9	13

TABELA 13

**Mortes Violentas, Atropelamento e Homicídios na Messejana
Messejana**

Ano / Ocorrência	Mortes Violentas	Atropelamento	Homicídios
2007	114	26	46
2008	126	28	63
2009	95	7	52

HOMICÍDIOS

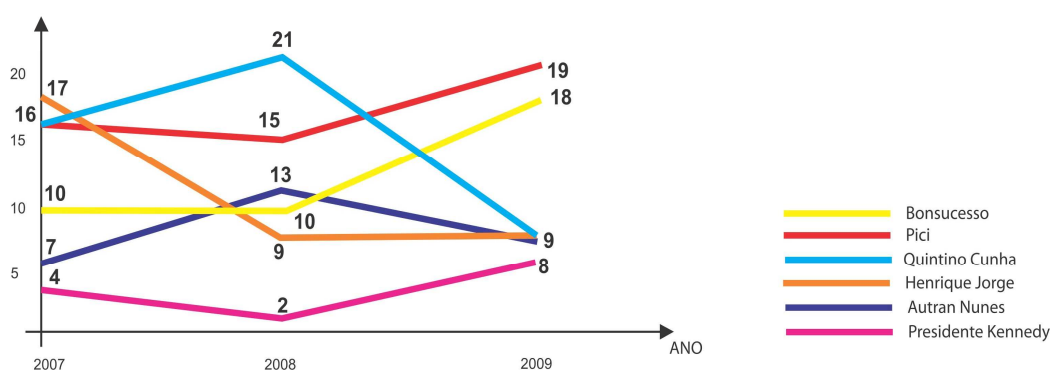
A Regional III registrou 100 casos de homicídios em 2009, dos 937 casos registrados em Fortaleza, ou seja, 10,67% deste total.

O bairro Pici, com dezenove homicídios, Bonsucesso, com dezoito casos e Autran Nunes, Henrique Jorge e Quintino Cunha, com nove casos cada um, respectivamente, foram os bairros da regional com maior número de homicídios em 2009. O bairro Parque Araxá não registrou nenhum caso. Os bairros Dom Lustosa, Parquelândia e Rodolfo Teófilo contabilizaram um caso cada.

Os bairros se alternam na estatística de homicídios. Em 2008, o Quintinho Cunha registrou vinte e um homicídios; o Pici, quinze casos; Autran Nunes e Bela Vista, nove casos cada. Estes foram os bairros com maior quantidade de homicídios. Já em 2007, observamos alteração na disposição anterior. Henrique Jorge, com 17 homicídios registrados, Pici e Quintinho Cunha, com 16 registros, foram os bairros com maior quantidade de homicídios. Nos três anos da série histórica, os bairros Pici e Quintino Cunha sempre estiveram entre os três primeiros lugares. O Parque Araxá e o Dom Lustosa registraram apenas um caso, cada um, no triênio 2007/2009.

GRÁFICO 22
Homicídios no Bonsucesso, Pici, Quintino Cunha,
Henrique Jorge, Autran Nunes e Presidente Kennedy

HOMICÍDIOS



O Antonio Bezerra e a Bela Vista registraram tendência de queda nos números de homicídios, na série histórica analisada. Ambos contabilizaram seis homicídios em 2009. Em 2007, estes números eram de 15 e 11 ocorrências, respectivamente.

A Secretaria Executiva Regional III apresentou redução nas ocorrências de furtos, homicídios e mortes violentas no triênio 2007/2009. Em contrapartida, os roubos, casos de lesão corporal e relações conflituosas aumentaram.

TABELA 14 – Furtos, Roubo, Lesão Corporal, Conflitos, Mortes Violentas e Homicídios

SER III	2007	2008	2009
Furtos	3.961	3.549	3.535
Roubo	4.561	4.522	4.675
Lesão Corporal	1.178	1.151	1.218
Conflitos	3.330	3.396	3.946
Mortes Violentas	316	287	238
Homicídio	113	118	101

No que se refere a mortes violentas, a diminuição deste tipo de ocorrência em bairros como Antonio Bezerra, Henrique Jorge, João XXIII e Quintino Cunha certamente contribuiu para que a Regional III obtivesse melhores resultados em 2009.

Pesquisa mais direcionada e aprofundada nestes bairros certamente resultará na identificação dos fatores que estejam determinando estes resultados. O que percebemos, de imediato, é que os homicídios não tiveram papel decisivo na redução das mortes violentas como se constata no quadro acima. Prova disto é que estas registraram redução de 70 casos, em números absolutos, entre 2007 e 2009, frente à diminuição de 12 casos de homicídio, em números absolutos, no mesmo período.

Como aqui analisamos, não podemos desconsiderar, com esteio na formulação de políticas de segurança pública em Fortaleza, o impacto das vidas perdidas no trânsito como fatores importantes no debate sobre a redução da violência e da criminalidade na Cidade.

2.4 Secretaria Executiva Regional IV

A Secretaria Executiva Regional IV (SER IV) abrange 19 bairros. A Regional concentra oito áreas de risco e possui o segundo hospital de emergência do Estado do Ceará, o Frotinha da Parangaba. Sua população é de 303 mil habitantes, a menor entre

as seis regionais (cerca de 12,13% da população de Fortaleza). Metade da população tem idade máxima de até 30 anos.

O bairro Aeroporto apresenta a maior extensão territorial da SER IV, porém é pouco povoado, com uma população de apenas 8.012 habitantes. O bairro da Parangaba possuía a maior população, em 2009, com 27.884 habitantes, número de habitantes muito próximo aos dos bairros Serrinha (27.395 habitantes) e Montese (27.206 habitantes). O bairro com a menor população desta Regional é Couto Fernandes, com 5.826 habitantes.

A renda média dos chefes de família é de 5,62 salários mínimos. O bairro com melhor média de renda é Fátima, enquanto o bairro Aeroporto apresenta a pior média de renda da Regional, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) contempla três indicadores: média de anos de estudo do chefe de família, taxa de alfabetização e renda média do chefe de família (em salários mínimos). Quanto mais próximo da nota 1,0, mais desenvolvido é o bairro. De acordo com levantamento feito a partir de dados do Censo 2000, dezesseis bairros possuem IDH-M médio (entre 0,500 e 0,799). São eles: Benfica, Bom Futuro, Damas, Demócrito Rocha, Dendê, Fátima, Itaoca, Itaperi, Jardim América, Jose Bonifácio, Montese, Pan Americano, Parangaba, Parreão, Vila Peri e Vila União. Por sua vez, três bairros têm índice considerado baixo (entre 0 e 0,499): Aeroporto, Couto Fernandes e Serrinha.

A população total da Regional era de 303.924 habitantes em 2009 com população estimada em 335.550 habitantes em 2014. A mesma tem uma área total de 3.427,20 ha em que 1,37 % desse total compreende praças, áreas verde, livre e parques. Com densidade demográfica de 88,6 habitantes por km². É formada por 19 bairros (Aeroporto, Benfica, Bom Futuro, Couto Fernandes, Damas, Dendê, Demócrito Rocha, Fátima, Itaoca, Itaperi, Jardim América, José Bonifácio, Montese, Pan Americano, Parangaba, Parreão, Serrinha, Vila Peri e Vila União). A Sede da Regional está situada na Avenida Dedé Brasil, bairro da Serrinha.

No que diz respeito à educação, a Secretaria Executiva Regional IV possuía, em 2009, 93.859 alunos matriculados em todos os níveis de ensino da rede pública (municipal, estadual e federal) e privada. Os estudantes da Regional IV estão distribuídos em uma escola federal, 26 escolas estaduais, 28 escolas municipais e 103 escolas privadas. A média de anos de estudo do chefe de família é de 8,87 anos,

conforme Censo 2000 do IBGE. Nesta Regional estão situados os Campi da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no bairro Itaperi e a Universidade Federal do Ceará (Campus do Benfica), e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), no Benfica.

A Regional é atendida por 11 Unidades Básicas de Saúde (UBS): Benfica, Demócrito Rocha, Fátima, Itaoca (duas unidades), Itaperi, Jardim América, Pan Americano, Serrinha, Vila Peri e Vila União. A SER IV possui um hospital municipal, o Hospital Distrital Maria José Barroso de Oliveira (Frotinha de Parangaba), e as seguintes unidades hospitalares: Centro de Assistência à Criança Lúcia Fátima (Parangaba), Hospital Infantil Albert Sabin (Vila União), Hospital Menino Jesus (Parangaba), Hospital Antônio Prudente (Fátima), Hospital Gomes da Frota (Fátima) e Hospital Estadual José de Moura (Demócrito Rocha).

Segundo levantamento feito para esta cartilha, a SER IV possui, em sua área de abrangência, um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), no Jardim América, um Centro de Atenção Psicossocial Geral (CAPS), no Itaperi, e um Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPSi), na Vila União.

Na área da assistência social existem três Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) – com sedes na Serrinha, Couto Fernandes e Vila União, um Conselho Tutelar, com sede na Itaoca, e quatro unidades de Proteção Social Básica (PSB), duas no Aeroporto e duas no Demócrito Rocha. .

Com relação às entidades da Sociedade Civil que desenvolvem serviços e projetos na SER IV existem oito organizações não-governamentais (ONGs), 10 projetos sociais e duas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Foram identificadas 100 sedes de sindicatos, associações ou conselhos de classe.

A renda média mensal dos chefes de família é de 6,08 salários mínimos. O perfil socioeconômico da Regional é caracterizado por serviços, com uma das maiores feiras livres da Cidade, a feira da Parangaba, e vários corredores comerciais, entre os quais o da Avenida Gomes de Matos, no Montese, assim como um pólo de empresas e lojas de confecções que se estende pelos bairros Vila União e Montese. A média habitacional da Regional IV é de 3,94 habitantes por domicílio. 91,32% dos domicílios são atendidos pela rede geral de água. Apenas 24,56% dos imóveis possuem acesso à rede pública de esgotamento sanitário. 129,4 mil toneladas de lixo são geradas na regional IV.

Na área da segurança, a SER IV abriga, no bairro de Fátima, o Quartel-General da Polícia Militar e boa parte de sua estrutura de comando. A área da Regional é coberta pela 7ª Companhia do 5º Batalhão de Polícia Militar (7ª CIA/5º BPM), sediada na Parangaba. A Superintendência da Polícia Federal também tem a Regional como sede.

No que se refere à Polícia Civil, três distritos policiais atuam na região: 5º DP (Parangaba), 11º DP (Panamericano) e 25º DP (Vila União). A relação entre distritos/população é de 101,3 mil habitantes por DP. A Divisão de Homicídios e a Academia de Polícia Civil também estão localizadas na SER IV, no bairro de Fátima, área nobre da Regional.

O Corpo de Bombeiros mantém a 6ª Seção de Bombeiros do 1º Grupamento de Bombeiros (6ª SB 1º GB), no bairro Aeroporto, e um Núcleo de Resgate e Emergência Pré-Hospitalar, na Parangaba.

A SER IV possui 117 linhas de ônibus circulando em seu território e dois terminais fechados: o da Lagoa, com uma demanda de 100.997 passageiros/dia, 28 linhas de ônibus e frota de 184 veículos; e o da Parangaba, com uma demanda de 209.449 passageiros/dia, 52 linhas de ônibus e frota de 389 veículos. Cabe registrarmos que nesta Regional localiza-se o Aeroporto Internacional Pinto Martins, localizado no bairro Aeroporto.

Na área de cultura e lazer, a Regional abriga o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc) e a Casa Amarela Eusélio Oliveira, ambas no Benfica. As construções integram o Campus do Benfica, espaço que abriga bibliotecas, faculdades, casas de cultura e é ponto de encontro de estudantes de toda a Cidade. Este conjunto de equipamentos, localizado no Benfica, e reconhecido como o Pólo Cultural do Benfica. Neste bairro também se localizam duas praças: a da Gentilândia e da 13 de Maio que funcionam como espaços agregadores de sociabilidades na região.

Os pólos de Lazer da Lagoa do Opaia, no bairro Vila União; e do Gustavo Braga, no bairro Damas; e o Ginásio Poliesportivo da Parangaba, situado no entorno da Lagoa de Parangaba, também são opções de lazer na SER IV.

Ao se observar os mapas da violência e da criminalidade desta Regional, notamos que os bairros **Parangaba** e **Montese** destacam-se em relação aos demais por registrar a maior quantidade de casos nas cinco ocorrências em análise, nos anos de 2007, 2008 e 2009: **relações conflituosas, furtos, roubo, mortes violentas e lesão corporal.**

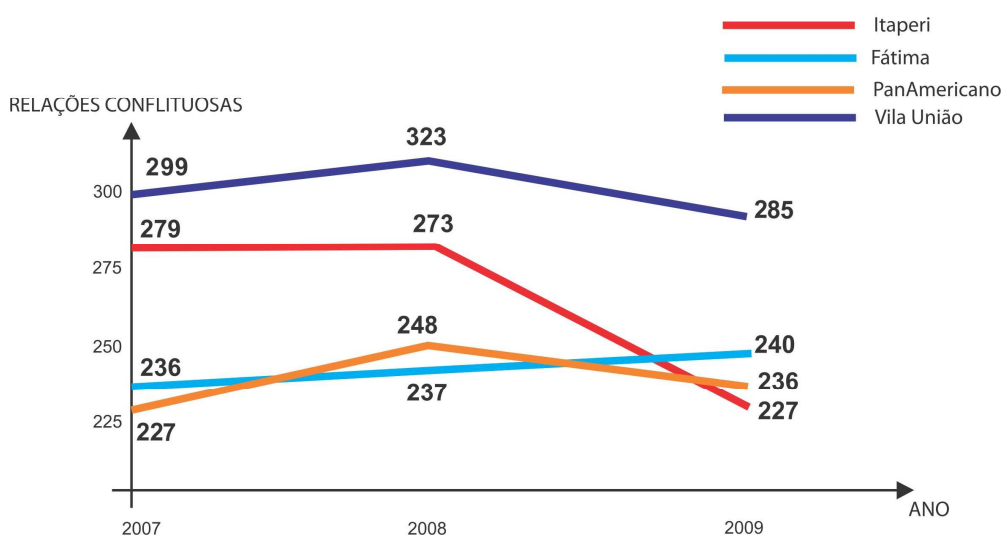
RELAÇÕES CONFLITUOSAS

A SER IV contabilizou 3.263 casos de **relações conflituosas** em 2009. O Montese aparece com o maior número de ocorrências, com 445 registros (13,6% do total de conflitos da Regional naquele ano), seguido por Parangaba (441) e Serrinha (339). Observando os dados, podemos notar que existe um padrão: os bairros Montese, Parangaba e Serrinha ocuparam sempre as três primeiras posições entre os bairros com maior número de registros nos três anos analisados.

Os menores registros de relações conflituosas na Regional IV, em 2009, foram observados no Parreão (19 casos) e no Bom Futuro (23 casos). A mesma tendência é observada nos dois anos anteriores. Os bairros Vila União, Fátima, Pan Americano e Itaperi ocuparam posição intermediária no que se refere a esse tipo de ocorrência. As tendências de cada um, no entanto, são bem diferentes. Por exemplo: enquanto o bairro de Fátima registrou uma trajetória estável no triênio, no Itaperi, esse indicador vem caindo desde 2007. Pan Americano e Vila União, por sua vez, alternaram altas e baixas.

GRÁFICO 23

Relações Conflituosas no Itaperi, Fátima, PanAmericano e Vila União

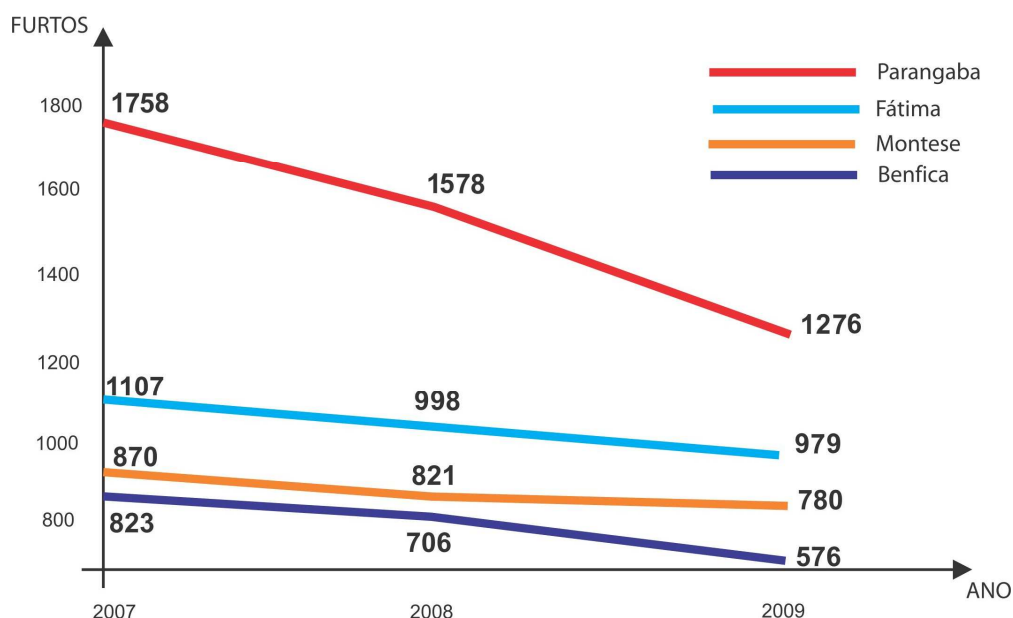


FURTOS

No caso dos **furtos**, o bairro Parangaba, em 2009, apresentou o maior número de registros, com 1.276 casos (23,1% do total de furtos da Regional nesse ano), seguido de Fátima (979), Montese (780) e Benfica (576). Percebemos um aspecto comum a

estes quatro bairros que foi a tendência de queda, entre 2007 e 2009, neste tipo de ocorrência.

GRÁFICO 24
Furtos no Parangaba, Fátima, Montese e Benfica



Em 2009, os bairros Itaoca (57), Bom Futuro (50) e Parreão (38) foram os bairros com o menor número de furtos. Destes três, o Bom Futuro apresentou tendência de alta, pois contabilizou 21 registros, em 2007, 22, em 2008, e 50, em 2009.

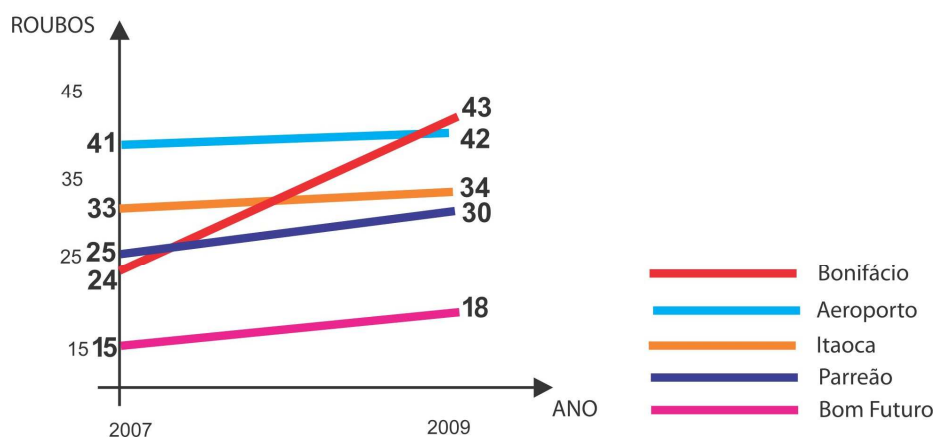
ROUBOS

A Regional IV contabilizou 4.205 roubos em 2009. Assim como na ocorrência de furto, os mesmos quatro bairros (Parangaba, Fátima, Montese e Benfica) lideraram a estatística desse tipo de crime. A Parangaba registrou o maior número de casos: 769 roubos, Fátima (637), Montese (573) e Benfica (411) vindo em seguida. Ao compararmos os dados de 2007 com os de 2009, podemos perceber uma queda no número de roubos nestes quatro bairros, embora alguns deles, como a Parangaba e o Benfica, tenham oscilado para cima e para baixo, respectivamente.

No gráfico a seguir situam-se os bairros José Bonifácio com 43 roubos, Aeroporto (42 roubos), Itaoca (34 roubos), Parreão (30 roubos) e Bom Futuro (18 roubos). Assim como os bairros com maior ocorrência de roubos, todos estes

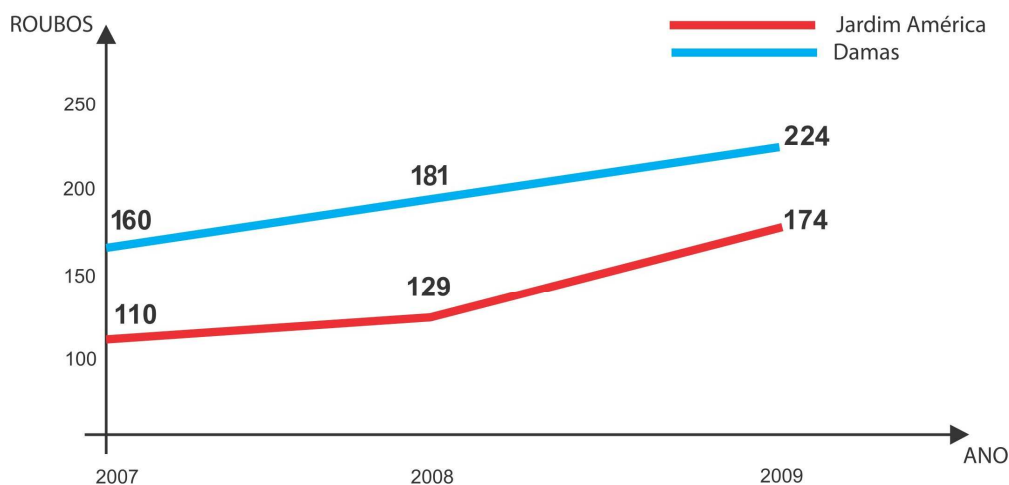
apresentaram aumento nos número absoluto desta ocorrências quando se compara os anos de 2009 com 2007.

GRÁFICO 25
Roubos no Bonifácio, Aeroporto, Itaoca, Parreão e Bom Futuro



Os bairros Damas e Jardim América chamam-nos a atenção pelo fenômeno de crescimento contínuo dos roubos no triênio 2007/ 2008/2009, conforme podemos observar no gráfico.

GRÁFICO 26
Roubos no Jardim América e no Damas

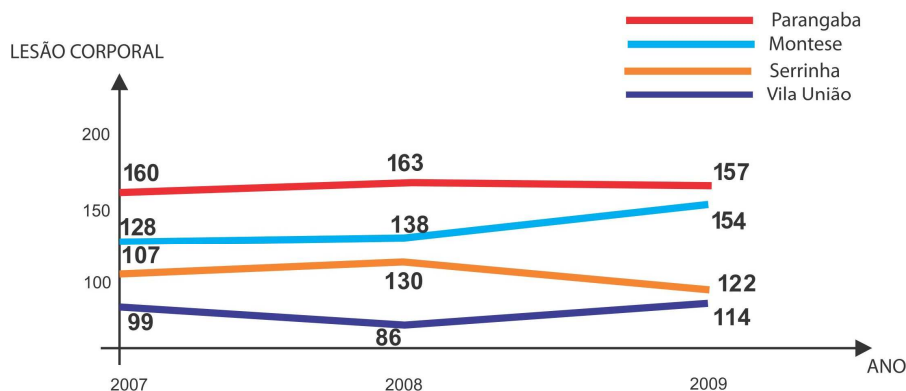


LESÃO CORPORAL

No que se refere à **lesão corporal**, em 2009, o bairro Parangaba registrou 157 casos, seguido pelo Montese (154 casos), Serrinha (122 casos) e Vila União (114

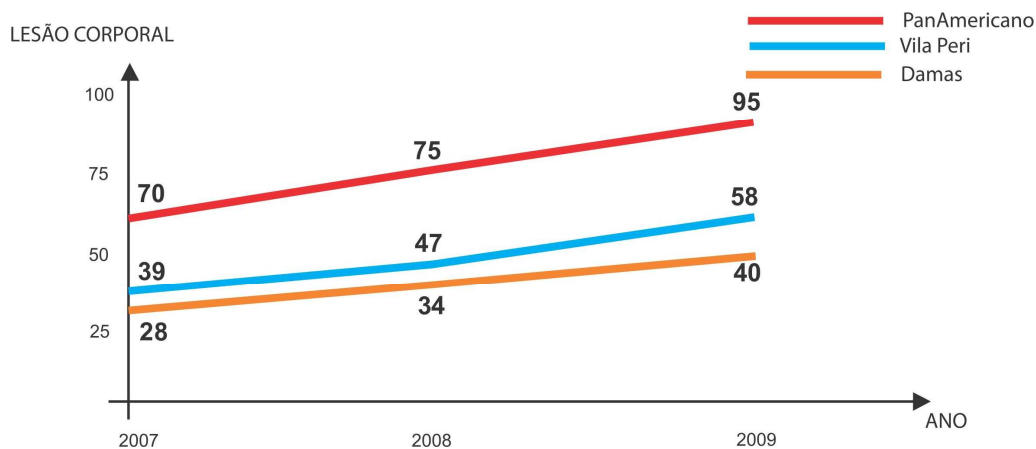
casos). Dentre os quatro, apenas a Parangaba apresentou queda na comparação entre os anos de 2007 e 2009. De forma geral, os demais registraram aumento no número de casos no período, com algumas oscilações. A Regional IV, como um todo, contabilizou 1.146 ocorrências de lesão corporal em 2009.

GRÁFICO 27
Lesão Corporal na Parangaba, Montese, Serrinha e Vila União



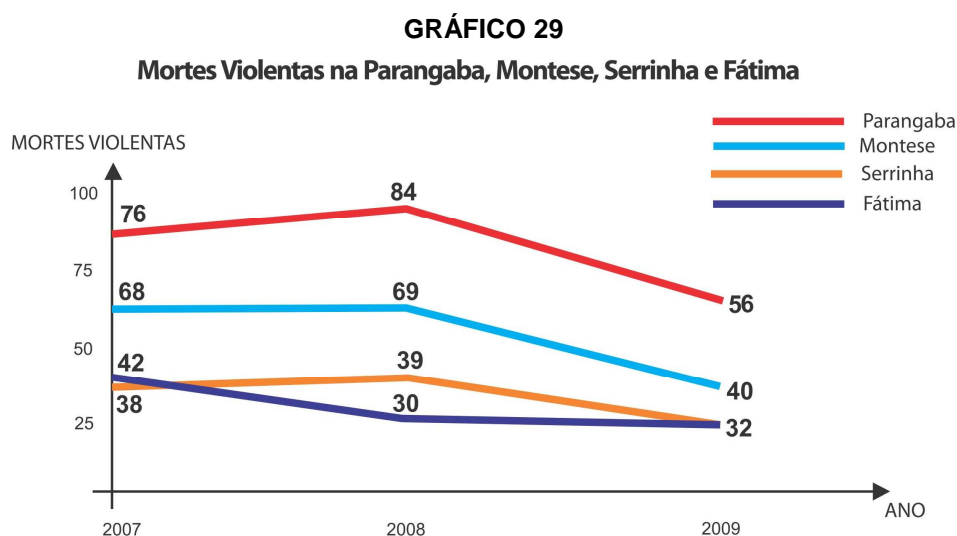
O bairro Parreão teve o menor número de casos de lesão corporal da Regional IV, em 2009, com seis no total. Bom Futuro teve sete, José Bonifácio, dez, e o Aeroporto, 13 casos. Se compararmos os indicadores de 2009 com os de 2007, todos os quatro bairros registraram aumento neste tipo de ocorrência. Podemos observar esta mesma tendência de crescimento nos bairros Pan Americano, Vila Peri e Damas.

GRÁFICO 28
Lesão Corporal no PanAmericano, Vila Peri e Damas



MORTES VIOLENTAS

Em 2009, a Regional IV registrou 268 mortes violentas. Deste total, 56 ocorreram na Parangaba. O Montese vem em seguida, com 40 mortes. Serrinha e Fátima obtiveram o mesmo número de mortes violentas: 32. Mais uma vez, os quatro bairros apresentaram tendência de queda na comparação entre os anos de 2007 e 2009. Tanto a Parangaba quanto o Montese apresentaram reduções expressivas nesse tipo de ocorrência.



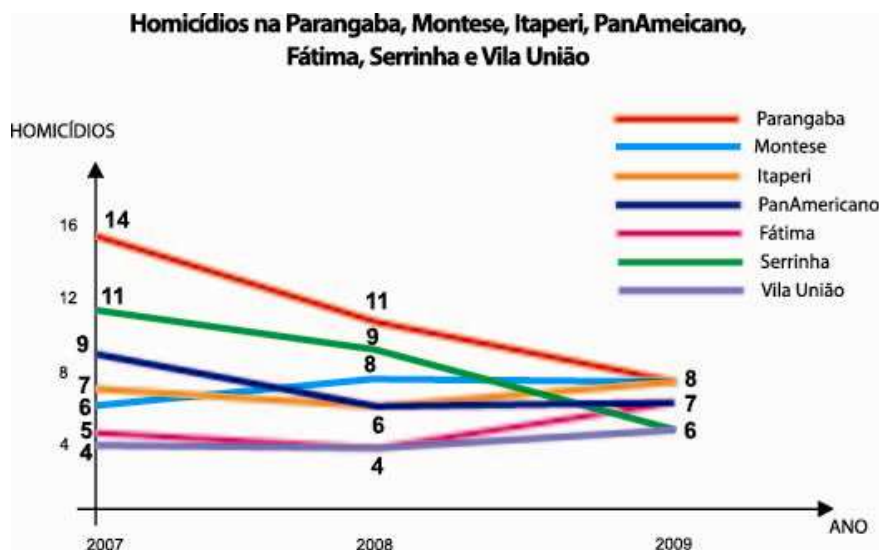
HOMICÍDIOS

Em 2009, a Regional IV contabilizou 63 dos 937 homicídios registrados em Fortaleza, representando 6,72% desse total, sendo o terceiro menor percentual entre as Regionais.

Ao contrário das demais ocorrências, na Regional IV os homicídios são menos concentrados. No decorrer do triênio 2007/2009, sete bairros alternaram suas posições em relação aos números absolutos apresentados. Com oito registros temos Parangaba, Montese e Itaperi. Com sete, temos Pan Americano e Fátima, enquanto com seis, temos Serrinha e Vila União.

Nos bairros da Parangaba, Pan Americano e Serrinha ocorreu queda no número de homicídios no período de 2007 a 2009, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 30



A Vila Peri chama a atenção pela significativa queda neste tipo de ocorrência. Em 2007, o bairro teve sete homicídios; em 2008, esse número caiu para dois e; em 2009, fechou em um.

No período de 2007/2009, a Secretaria Executiva Regional IV apresentou redução nas seguintes ocorrências criminais: roubos, furtos e mortes violentas. O resultado merece ser analisado com maior profundidade, tanto por parte dos pesquisadores do tema quanto do poder público, considerando que essas reduções representam mais estabilização do fenômeno do que propriamente redução na totalidade bruta desses números como pode se constatar abaixo.

TABELA 15 – Roubos, Furtos e Mortes Violentas

SER IV	2007	2008	2009
Roubos	6.941	6.261	5.526
Furtos	4.704	4.673	4.205
Mortes Violentas	362	362	268

Percebemos, numa primeira análise, que bairros com grande número de ocorrências - como Parangaba e Montese - registram movimento de queda nos índices de roubo, furtos e mortes violentas, o que, certamente, afeta o resultado da Regional. É importante compreendermos, a partir de então, que fatores têm contribuído para determinadas reduções ou estabilização dessas ocorrências, se este movimento ocorre de

forma espontânea ou é consequência de algum tipo de intervenção e ações de natureza pública. Para tanto, os dados de 2010 são cruciais para sabermos se esse fenômeno nas ocorrências, acima destacadas, na Regional ocorre de forma sustentada ou se trata, na verdade, de uma mera oscilação estatística.

2.5 Secretaria Executiva Regional V

A população total da Regional V era de 530.175 habitantes em 2009, com população estimada em 2014 de 585.347. Tem uma área total de 6.346,70 ha, possuindo 144,24 ha (2,27% do total) de praças, áreas verdes, áreas livres e parques. A densidade demográfica é de 83,5 habitantes/km² (2009). São 17 bairros (Conjunto Ceará I e II, Siqueira, Mondubim, Planalto Airton Senna, Prefeito José Valter, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Genibaú, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Parque São José, Parque Santa Rosa, Maraponga, Jardim Cearense, Conjunto Esperança e Presidente Vargas). A sede da Regional situa-se a Avenida Augusto dos Anjos, 2466, bairro Suqueira.

É a Regional mais populosa de Fortaleza, mas também a mais pobre da Capital, com rendimentos médios de 3,07 salários mínimos. O bairro mais populoso é o Mondubim (80 mil habitantes), seguido da Granja Lisboa (49 mil habitantes), Genibaú (39 mil habitantes) e Vila Manoel Sátiro (34 mil habitantes). Alguns bairros, como o Bom Jardim, tiveram sua população duplicada na década de 1990, passando de 15.857 habitantes em 1991, para 34.507 habitantes em 2000. O Siqueira, por sua vez, saltou de 4.540 habitantes, 1991 para 23.728 habitantes em 2000. Só o bairro Granja Portugal apresentou tendência de redução da população em igual período.

A SER V também é uma das Regionais com perfil populacional dos mais jovens de Fortaleza: 44% da população têm até 20 anos. É ainda a área da Cidade com segundo maior índice de analfabetismo (17,83%), inferior apenas ao registrado pela Regional VI. Os bairros do Siqueira (25,58%), Genibaú (25,18%) e Parque Presidente Vargas (24,51%) são os mais impactados com este problema.

O bairro com maior renda familiar média mensal é a Maraponga: 6,81 salários mínimos. A principal atividade econômica é o comércio. Na Regional estão concentrados apenas 2,89% dos empregos formais de Fortaleza. A taxa de acesso à rede de esgoto da Regional V é a pior entre as seis regionais, com 24,56%.

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano do Município por Bairro (IDHM-B), a Maraponga aparece com a melhor média (0,572). Em seguida, o Conjunto Ceará (0,529), José Walter (0,515) e Jardim Cearense (0,507). Os piores IDHM-B da SER V são: Parque Presidente Vargas (0,377), Siqueira (0,377) e Genibaú (0,378). O Bom Jardim obteve média 0,403.

De maneira geral, observamos que na SER V, as ocorrências de roubos, relações conflituosas e lesões corporais sofreram queda de 2007 para 2008 e voltaram a subir em 2009. Com relação a furtos e mortes violentas há declínio tanto nos índices de 2007 para 2008 como nos de 2008 para 2009.

Ao observarmos mais detalhadamente as 5 categorias registradas no período de 2007 a 2009, alguns bairros da Regional se destacam na elevação e queda contínuas nos seus índices e os demais seguem a tendência geral de queda verificada na Regional, seguida de elevação dos índices.

Nesta Regional, as ocorrências mortes violentas tem índices mais elevados nos bairros do Bom Jardim (82 casos em 2007, 74 casos em 2008 e 58 casos em 2009), Mondubim (47 casos em 2007, 35 casos em 2008, e 32 casos em 2009), Prefeito José Walter (60 casos em 2007, 36 casos em 2008, e 23 casos em 2009) e Siqueira (54 casos em 2007, 26 casos em 2008 e 24 casos em 2009). É possível, entretanto, observarmos tendência de queda no número das ocorrências nos referidos bairros, nos três anos seguidos.

Mortes Violentas e Homicídios

Nesta Regional, as ocorrências mortes violentas tem índices mais elevados nos bairros do Bom Jardim (82 casos em 2007, 74 casos em 2008 e 58 casos em 2009), Mondubim (47 casos em 2007, 35 casos em 2008, e 32 casos em 2009), Prefeito José Walter (60 casos em 2007, 36 casos em 2008, e 23 casos em 2009) e Siqueira (54 casos em 2007, 26 casos em 2008 e 24 casos em 2009). É possível, entretanto, observarmos tendência de queda no número das ocorrências nos referidos bairros, nos três anos seguidos.

Ao destacarmos os homicídios nas ocorrências de mortes violentas, verificamos, no caso da Regional V, que alguns bairros assumem posições de destaque entre os 20 bairros de maior incidência de homicídios na cidade de Fortaleza, nos anos

de 2007, 2008 e 2009. Há, contudo, entre os bairros com expressivas taxas de homicídios, movimentos simétricos e assimétricos que merecem ser destacados, antes de detalharmos as posições específicas desses bairros. Enquanto os bairros do Bom Jardim, Mondubim, Prefeito José Walter e Parque Santa Rosa se caracterizam pelo declínio nas taxas de homicídios de 2007 para 2008 e na elevação dessas de 2008 para 2009, os bairros Granja Portugal, Canidezinho e Maraponga se assemelham pela elevação continuada nas taxas de homicídios nos três anos seguidos. Assim como Manoel Sátiro, Conjunto Ceará e Parque São José têm em comum o declínio nas estatísticas de homicídios nos mesmos três anos. Há, ainda, variações pontuais de bairros como Siqueira, que apresenta crescimento das taxas de homicídios seguido da manutenção dessas nos dois últimos anos da pesquisa. Enquanto os bairros Granja Lisboa e Jardim Cearense tiveram quedas seguidas de estabilização nas taxas de homicídios no mesmo período.

TABELA 16 – Ranking dos Homicídios 2007 a 2009

Nº Ordem	Bairro	Homicídios						Variação Percentual	
		2007		2008		2009		2007/2008	2008/2009
		Quant.	Class.	Quant.	Class.	Quant.	Class.		
1	Bom Jardim	49	1	39	3	61	1	-20,4	56,4
2	Messejana	46	2	63	1	52	2	37,0	-17,5
3	Jangurussu	41	3	43	2	32	5	4,9	-25,6
4	Barra do Ceará	27	4	28	4	40	4	3,7	42,9
5	Mondubim	26	5	22	7	26	7	-15,4	18,2
6	Barroso	23	6	23	6	22	8	0,0	-4,3
7	Jardim das Oliveiras	18	7	12	23	19	11	-33,3	58,3
8	Passaré	18	8	13	21	15	19	-27,8	15,4
9	Henrique Jorge	17	9	9	34	9	34	-47,1	0,0
10	Prefeito José Walter	17	10	10	30	15	21	-41,2	50,0
11	Alagadiço Novo	16	11	14	17	8	36	-12,5	-42,9
12	Pici	16	12	15	16	19	12	-6,3	26,7
13	Quintino Cunha	16	13	21	8	9	35	31,3	-57,1
14	Vicente Pinzón	16	14	17	13	22	9	6,3	29,4
15	Antônio Bezerra	15	15	8	38	6	49	-46,7	-25,0
16	Edson Queiroz	15	16	14	18	16	16	-6,7	14,3
17	Genibaú	15	17	25	5	15	17	66,7	-40,0
18	Lagoa Redonda	15	18	9	35	7	45	-40,0	-22,2
19	Parque Santa Rosa	15	19	10	28	15	18	-33,3	50,0
20	Centro	14	20	17	10	19	10	21,4	11,8

Fonte: IML/SSPDS (atual coordenadoria de Medicina Legal/PEFOCE, 2010).

Nota: Tabulação da pesquisa.

O bairro Bom Jardim registrou 49 homicídios em 2007, 39 em 2008 e 61 em 2009, assumindo, assim, a 1ª posição em 2007, a 3ª em 2008 e retorna a 1ª posição em 2009 entre os bairros de maiores incidência de homicídios em toda Fortaleza. Já o Mondubim aparece com 26 homicídios em 2007, 22 em 2008 e 26 em 2009, assumindo a 5ª colocação em 2007 e a 7ª em 2008 e 2009. O bairro Prefeito José

Walter, com 17 homicídios em 2007, ocupou a 10^a posição, em 2008, com 10 homicídios, cai para a 30^a posição na relação dos bairros com maior número de homicídios e volta a subir em 2009, com 15 homicídios, para a 21^a posição. O bairro Genibaú, com 15 homicídios em 2007, 25 em 2008 e 15 em 2009 tem, respectivamente, as 17^a, 5^a e 17^a classificações. O Parque Santa Rosa tem a 19^a posição com 15 homicídios em 2007, cai para a 28^a posição, com 10 homicídios em 2008 e assume a 18^a colocação ao registrar 15 homicídios em 2009.

Destacamos, ainda, o percurso inverso diferenciado do bairro Granja Portugal que, em 2007, não figurava entre os 20 bairros com maiores índices de homicídios na Capital, mas assume posição entre estes ao passar de 14 homicídios em 2007 para 15 e 26 em 2008 e 2009, respectivamente. Há que se destacar que a queda nos índices de homicídios é verificada no Bom Jardim, com variação de percentual de -20,4% de 2007 para 2008, aumentando 56,4% de 2008 para 2009. No bairro do Mondubim, há baixa de percentual (-15,4%) de 2007 a 2008 e subida (18,2%) na passagem de 2008 para 2009.

Ao analisarmos os três outros bairros da Regional, observamos que essa queda foi ainda maior, uma vez que estes bairros perderam posições entre os 10 bairros com maiores índices de homicídios na Capital. Há, contudo especificidades, como o bairro Prefeito José Walter, que passou da 10^a posição, em 2007, para a 30^a em 2008, mas, em 2009, voltou a crescer e assumiu a 21^a colocação, com 15 homicídios. Houve, assim, uma inversão nos percentuais que variaram de -41,2% (2007 a 2008) para 50% (2008 a 2009). No caso do bairro Genibaú, observamos aumento na passagem da 17^a posição, com 15 homicídios (2007), para a 5^a posição em 2008, com 25 homicídios, voltando, em seguida, para a 17^a posição, com 15 homicídios, em 2009. A variação de percentual foi de 66,7% (2007 a 2008) para -40% (2008 a 2009). No caso do bairro Granja Portugal, registramos aumento contínuo dos homicídios com 14 casos em 2007, para 15 em 2008 e 26 casos em 2009, o que correspondem às variações de percentuais de 7,1% (de 2007 para 2008) e de 73,3% (de 2008 para 2009). No caso dos homicídios, verificamos maior tendência de queda e subida do número nas ocorrências de mortes violentas registradas na Regional. As exceções ficam por conta dos bairros Genibaú e Granja Portugal.

A Regional V tem sido identificada pelas altas taxas de homicídios e, de modo mais específico, os 5 bairros (Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho, Granja Portugal e Granja Lisboa) que integram o denominado Grande Bom Jardim. Sob olhar mais cartográfico e detalhista, podemos dizer que os dados, quando comparados, revelam

algumas surpresas, como o fato da soma absoluta dos seus homicídios ser inferior aos da Regional VI. Como podemos constatar na série dos três anos, a Regional VI teve 261 homicídios em 2007, 267 homicídios em 2008 e 305 homicídios em 2009, enquanto a SER V teve 208 homicídios (2007), 196 (2008) e 237 (2009). No período dos três anos, a SER V apresentou um total de 641 homicídios contra os 833 da SER VI.

Destacamos que em 2007 e 2009, o Bom Jardim está na liderança dos 20 bairros de maior número de homicídios em Fortaleza, enquanto Messejana, no mesmo período, está em segundo lugar e assume a liderança em 2008. No período pesquisado, os 3 bairros que estão nos três primeiros lugares pertencem às Regionais V e VI.

No ano de 2007, constavam na SER VI 8 bairros que faziam parte da relação dos 20 bairros de Fortaleza que puxavam os números de homicídios em toda a Cidade. Em 2008 e 2009 foram 6 bairros. Já a SER V teve referidos 4 bairros em 2007 e 5 e 7 bairros em 2008 e 2009, respectivamente.

Nesse cenário, não podemos ignorar as altas taxas de homicídios com que convivem a Regional V e sua população. Afinal quem são as vítimas? Qual o perfil da população vitimizada? No caso da SER V, os dados da pesquisa nos informam que as vítimas, em sua maioria, são homens. Foram 199 homens contra 9 mulheres vitimizadas, em 2007 foram 186 homens e 10 mulheres em 2008. Em 2009, foram 221 homens e 16 mulheres vítimas de homicídios na Regional. As mulheres não representam 10% das vítimas de homicídios. A população solteira é a mais atingida (166 em 2007, 165 em 2008 e 191 em 2009), e as faixas etárias mais atingidas são as de 14 a 29 anos, com baixos níveis de escolaridade (analfabetos, alfabetizados, ensino fundamental). Chamam-nos atenção as incursões ou alargamentos das ocorrências para os níveis mais elevados de escolaridade, como as pessoas com ensino médio.

À semelhança das demais regionais, os homicídios na Regional V são praticados, em sua maioria, por armas de fogo. Podemos dizer que em 2007, aproximadamente 81%(169) dos homicídios na SER V foram praticados à bala, contra 82%(162) em 2008, e 84%(200) em 2009. Outro fator impulsionador dos elevados índices de homicídios na Regional é a disseminação da prática do fazer justiça com as próprias mãos frente à impunidade, assim como a resolução de conflitos ou o ajuste de contas por meio da atuação de grupos criminosos e de milicianos, principalmente no bairro Bom Jardim.

Os locais de maiores ocorrências de mortes violentas, em 2007, 2008 e 2009, nos bairros que formam o Grande Bom Jardim, na Regional V, são preferencialmente,

as ruas centrais destes. No bairro Bom Jardim, as mortes violentas estão concentradas na Avenida Oscar Araripe e na Avenida Osório de Paiva. No Siqueira e no Canidezinho, as ocorrências têm centralidade na Avenida Osório de Paiva e no bairro Granja Lisboa, na Sargento João Pinheiro e na Avenida Oscar Araripe. Na Granja Portugal, as ocorrências estão concentradas nas ruas Cel. Fabriciano, Luminosa e Taubaté. Podemos observar nos cinco bairros que a concentração das ocorrências se dão nas extensões da Rua Oscar Araripe e na Avenida Osório de Paiva.

Em dezembro de 2009, a 32ª Delegacia de Polícia, responsável pelas atividades de investigação de crimes na área do Grande Bom Jardim, não havia conseguido elucidar 299 inquéritos policiais instaurados, nos últimos 12 anos, para investigar crimes de morte na área. Um dado que demonstra não só a falência operacional do aparelho policial frente aos altos índices de homicídios, como a sua responsabilidade pelo alto número de impunidade na Regional. Essa realidade forçou a SSPDS a montar uma força-tarefa para investigar esses crimes no “Território de Paz”. Não podemos ignorar que a não resolução dos crimes cometidos, além de gerar impunidade, tem gerado, na Regional, crimes de vingança praticados por familiares e amigos das vítimas. O fazer justiça com as próprias mãos e os acertos de contas tornaram-se a “causa” de muitos homicídios nos bairros que formam o Grande Bom Jardim.

Outra realidade que deve ser enfrentada pela polícia no Grande Bom Jardim é o envolvimento de milícias e de grupos de matadores em execuções e eliminações de bandidos e desafetos e que, muitas vezes, matam inocentes por engano. Quer nos parecer que uma das estratégias é melhorar a atuação das polícias na sua relação de proximidade com a comunidade, o policiamento comunitário e as atividades de inteligência e repressão junto a esses grupos poderá ser diferencial no enfrentamento dessa problemática, assim como as parcerias das forças de segurança com as políticas sociais que estão sendo executadas na Regional.

FURTOS

No que se refere às ocorrências de furto, observamos tendência de queda nos três anos da pesquisa nos bairros onde esse fenômeno tem sido mais elevado nas estatísticas policiais, mesmo com a redução verificada no período analisado.

TABELA 17 – Furtos no Bom Jardim, José Walter, Conjunto Ceará, Mondubim, Maraponga, Siqueira e Canindezinho

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Bom Jardim	642	547	371
José Walter	781	501	449
Conjunto Ceará	548	496	465
Mondubim	528	428	433
Maraponga	475	438	418
Siqueira	445	440	418
Canindezinho	290	174	149

ROUBOS

As ocorrências de roubo, lesão corporal e relações conflituosas tiveram queda nos índices de 2007 para 2008, mas voltaram a crescer em 2009 em relação a 2008. Esse fenômeno pode ser observado, mais acentuadamente, nos índices na tabela abaixo das ocorrências de roubos.

TABELA 18 – Roubos no Mondubim, Siqueira, Parque São José, Vila Manuel Sátiro, Canindezinho, Granja Lisboa e Granja Portugal

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Mondubim	713	556	566
Siqueira	445	428	509
Parque São José	272	156	232
Vila Manuel Sátiro	128	118	130
Canindezinho	332	266	291
Granja Lisboa	123	63	194
Granja Portugal	342	324	349

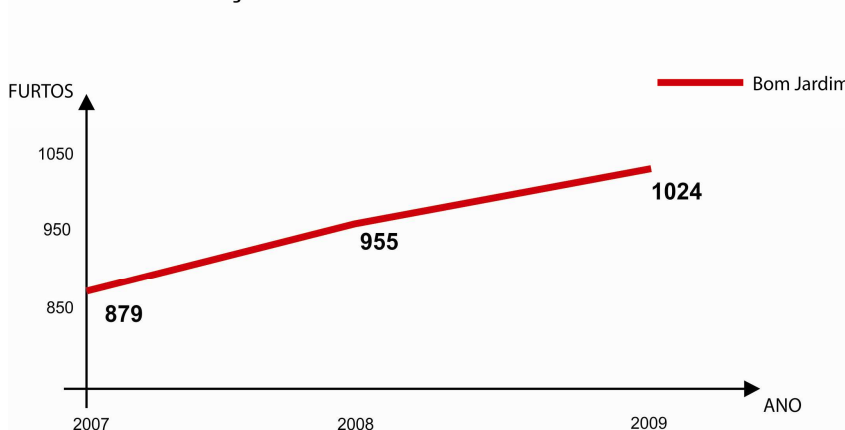
Os roubos em alguns bairros da Regional apresentam quedas contínuas nos três anos considerados, como podemos perceber a seguir:

TABELA 19 – Roubos na Maraponga, Conjunto Ceará, José Walter, Conjunto Esperança e Parque Santa Rosa

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Maraponga	341	330	318
Conjunto Ceará	763	710	620
José Walter	631	599	493
Conjunto Esperança	287	224	209
Parque Santa Rosa	141	122	105

Neste cenário, a exceção fica com o **Bom Jardim**, que teve crescimento nos seus índices de roubo (879 casos em 2007, 955 em 2008 e 1.024 casos em 2009).

GRÁFICO 31
Evolução do número de roubos no Bom Jardim



LESÃO CORPORAL

Nas ocorrências de lesão corporal, os bairros que apresentam tendência mais acentuada de queda e crescimento seguidos são os seguintes:

TABELA 20 – Lesão Corporal no Canindezinho, Genibaú, Maraponga, Parque Santa Rosa, Parque São José e José Walter

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Canindezinho	70	59	88
Genibaú	173	145	174
Maraponga	95	90	91
Parque Santa Rosa	75	48	67
Parque São José	56	50	54
José Walter	190	181	216

Salientamos, também, os bairros em que esses índices cresceram de modo contínuo, como demonstra a tabela a seguir, nos três anos da pesquisa:

TABELA 21 – Lesão Corporal no Conjunto Ceará I e II, Granja Portugal, Granja Lisboa, Mondubim e Vila Manuel Sátiro

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Conjunto Ceará I e II	135	153	159
Granja Portugal	116	161	163
Granja Lisboa	29	41	73
Mondubim	181	188	212
Vila Manuel Sátiro	39	45	55

Observamos, ainda, **queda contínua dos índices de lesão corporal, no período analisado**, nos bairros do Bom Jardim (285 casos em 2007, 254 em 2008 e 225 em 2009) e do Siqueira (134 casos em 2007, 126 em 2008 e 106 casos em 2009). Também verificamos **certa estabilidade dessas ocorrências nos bairros** Conjunto Esperança (39 casos em 2007, 40 em 2008 e 38 casos em 2009) e Jardim Cearense , um em cada ano.

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

A tendência de queda e subida dos índices se repete nas **ocorrências relações conflituosas, mais significativamente, nos seguintes bairros:** Canindezinho (214 casos em 2007, 185 em 2008 e 256 casos em 2009); Conjunto Esperança (218 casos em 2007, 185 em 2008 e 195 em 2009); Genibaú (418 casos em 2007, 376 em 2008 e 434 em 2009); Granja Portugal (443 casos em 2007, 431 em 2008 e 437 em 2009); Granja Lisboa (112 casos em 2007, 91 em 2008 e 150 em 2009); Mondubim (686 casos em 2007, 666 em 2008 e 686 em 2009); Prefeito José Walter 672 casos em 2007, 640 casos em 2008 e 658 casos 2009; e Siqueira (319 casos em 2007, 285 em 2008 e 304 em 2009).

TABELA 22 – Relações Conflituosas no Canindezinho, Conjunto Esperança, Genibaú, Granja Portugal, Granja Lisboa, Mondubim, Prefeito José Walter e Siqueira

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Canindezinho	214	185	256
Conjunto Esperança	218	185	195
Genibaú	418	376	434
Granja Portugal	112	91	150
Granja Lisboa	443	431	437
Mondubim	686	666	686
Prefeito José Walter	972	640	658
Siqueira	319	285	304

Os aumentos contínuos dos índices deram-se apenas nos bairros Conjunto Ceará I e II (406 casos em 2007, 453 em 2008 e 480 em 2009); e Manoel Sátiro (155 casos em 2007, 159 em 2008 e 201 em 2009). Por outro lado, a queda contínua desses mesmos índices se deu no Bom Jardim (868 casos em 2007, 762 casos em 2008 e 710 casos em 2009), bairro que apresenta índices elevados de conflitualidade. Esse mesmo fenômeno ocorre também com os bairros Jardim Cearense; Parque Presidente Vargas; Parque Santa Rosa; Parque São José. Contudo, este decréscimo não representa alterações significativas na redução dos índices absolutos e aproxima-se mais de certa estabilidade das ocorrências. No Bom Jardim, a atuação do Núcleo de Mediação

Comunitária do Ministério Público pode estar fazendo a diferença na redução apresentada no Bairro.

TABELA 23 – Relações Conflituosas no Conjunto Ceará I e II, Manoel Sátiro, Bom Jardim, Jardim Cearense, Parque Presidente Vargas, Parque Santa Rosa e Parque São José

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Conjunto Ceará I e II	406	453	480
Manoel Sátiro	155	159	201
Bom Jardim	868	762	710
Jardim Cearense	2	0	1
Parque Presid. Vargas	92	81	80
Parque Santa Rosa	216	216	213
Parque São José	148	135	139

O Planalto Airton Senna, por ser um bairro considerado relativamente novo, criado em 2003, não aparece nas ocorrências. O que não significa inexistência de casos em seu território. Acreditamos que suas ocorrências ainda são registradas como pertencentes ao bairro Prefeito José Walter. O bairro Planalto Airton Senna foi criado em substituição a localidade denominada de Pantanal (região localizada a oeste do bairro Prefeito José Walter onde ocorreu, em novembro de 1993, o assassinato de três adolescentes por dois motoqueiros). O episódio ficou conhecido, principalmente, nos meios de comunicação de massa como a “Chacina do Pantanal”. Desde então, a comunidade passou a ser estigmatizada pela violência e miséria, sendo este, também, o motivo da mudança de seu nome.

Ao analisarmos comparativamente os dados da pesquisa com relação às ocorrências criminais aqui apresentadas, nos três anos da pesquisa, é possível observamos uma tendência, principalmente, quando se percebe o registro de várias tipos de delito ocorrendo nas mesmas ruas. Por exemplo, da série de crimes mapeados na pesquisa, no ano de 2007, a Rua Oscar Araripe aparece em onze deles, a Rua Edson Martins em dez e a Rua Oscar França nove vezes. Destacamos, ainda, que a Rua Oscar Araripe aparece em oito dos dez mapas da série cartográfica em 2008. O ano de 2009, a mesma rua Oscar Araripe aparece como um dos principais logradouros onde se concentram os crimes. Esse é um dado revelador do movimento das ocorrências no

espaço da Regional e do seu entorno e, que deve ser levado em conta nas estratégias de enfrentamento dessas mesmas ocorrências pelo poder público local.

Chama atenção a existência de grande número de grupos organizados na Regional que luta por mudanças na área e na vida dos moradores. São inúmeras as Organizações Não Governamentais, associações de moradores, grupos religiosos, ligas de futebol, grupos de capoeira, teatro e música que trabalham com os jovens, assim como projetos, programas e ações governamentais. **O maior exemplo é a implantação do denominado “Território de Paz” no Grande Bom Jardim, no final de 2009, mais especificamente, os projetos sociais financiados pelo PRONASCI e voltados para populações vulneráveis à violência e à criminalidade.** Este Projeto faz parte da execução da política de segurança cidadã proposta pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional de Segurança Pública, em parceria com Estados e Municípios, com objetivos de construir políticas de segurança mais preventivas que repressivas no enfrentamento da criminalidade e da violência nas cidades brasileiras.

Em Fortaleza, esses projetos foram iniciativas, em sua maioria, da Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza e são realizados por meio de parcerias da Prefeitura Municipal de Fortaleza com entidades governamentais e não governamentais. No Grande Bom Jardim, até dezembro de 2010, foram realizados os seguintes projetos:

1) **Mulheres da Paz** - envolveu 300 mulheres, moradoras de locais com alta vulnerabilidade social e violência no território do Grande Bom Jardim. Teve como objetivo resgatar, para os programas sociais implantados, em suas comunidades, jovens que estão impedidos de atuar nos Programas Sociais do Governo, por terem sido aliciados pelo tráfico e pela criminalidade;

2) **Protejo** - Proteção de jovens em territórios de alta vulnerabilidade- Acolheu temporariamente 210 jovens com alta vulnerabilidade à violência, com objetivo de contribuir na formação cidadã destes, incluí-los nos programas de cultura, esporte, lazer, iniciação ao trabalho e reencaminhá-los ao sistema de ensino, enquanto eles atuam no apoio a serviços e projetos públicos municipais, principalmente, os que integram o PRONASCI-Fortaleza, voltados aos adolescentes e jovens adultos em vulnerabilidade social e expostos à violência;

3) **Trilhos Urbanos** – Atuou na garantia dos direitos e na inclusão social de 300 jovens de 15 a 24 anos em situação de vulnerabilidade social, em conflito com a lei, cumprindo penas restritivas da liberdade, egressos do sistema prisional;

4) **Dança para Vida** – Teve como objetivo a iniciação à dança – criativa, contemporânea, de rua - para 280 adolescentes e jovens adultos em situação de vulnerabilidade social, penas restritivas de liberdade, em conflito com a lei, cumprindo medidas sócio-educativas, egressos do sistema prisional, expostos à violência doméstica ou urbana, com atividade sexual precoce/mães e pais adolescentes;

5) **Música Tocando a Vida** - Realizou processos formativos em música por meio de aulas práticas e teóricas de música, de forma contínua, de 756 jovens na faixa de 15 a 24 anos, residentes em bairros do Grande Bom Jardim. O projeto objetivou formar grupos musicais, oportunizando os talentos já existentes na comunidade.

6) **Cultura Tradicional Popular (Maracatu Estrela Bela)** - Com objetivo de promover a cultura de paz e a não-violência no município de Fortaleza, por meio da inclusão de 330 jovens e adolescentes em conflito com a lei, egressos do sistema prisional, jovens adultos em vulnerabilidade. Visava criar possibilidades de desenvolvimento pessoal através de folguedo de origem africana e forte enraizamento na cultura local;

7) **Teatro Vivo**- Visava à promoção da cultura de paz e não-violência no município de Fortaleza, pela inclusão nas possibilidades de desenvolvimento pessoal com base na linguagem teatral de 220 adolescentes e jovens adultos em situação de vulnerabilidade social, penas restritivas de liberdade, em conflito com a lei, expostos à violência doméstica ou urbana;

8) **Capacitação de Jovens Mulheres** - Voltado para a capacitação de mulheres jovens, vítimas de violência doméstica e urbana, com baixa escolaridade, baixo acesso ao mercado de trabalho, mães adolescentes na região do Grande Bom Jardim;

9) Encontra-se em andamento (até o período de fechamento deste relatório) o projeto **Esporte e lazer na Cidade** - Busca promover a cultura de paz e não-violência no município de Fortaleza por meio do acesso a modalidades esportivas coletivas, incentivando a cooperação, e contribuindo para a melhoria das condições de saúde de 750 adolescentes e jovens adultos em conflito com a lei, expostos à violência doméstica e urbana, egressos do sistema prisional e/ou em situação de alta vulnerabilidade social ou familiar.

A realidade que se apresenta na Regional V, mas especificamente, nos bairros do Grande Bom Jardim, é um desafio à atuação dessas redes e associações, enfim das políticas públicas de modo geral, frente à problemática da criminalidade e da violência na Regional. Aqui, consideramos, ainda, sob um primeiro olhar, que todo o trabalho

realizado junto à população vulnerável, por meio de um grande número de projetos sociais governamentais e não governamentais não impactou, em curto prazo, na redução das práticas violentas e da criminalidade como nos revelam os dados e como espera a população local e a sociedade de modo geral.

Neste cenário, a importância da articulação dos órgãos de segurança pública nos seus níveis locais, estaduais e federais é fundamental para elaboração e execução de políticas em interfaces com as demais políticas públicas e a sociedade civil, assim como a continuidade desses projetos para enfrentamento mais estratégico da criminalidade e da violência nos espaços da Cidade a curto, médio e longo prazo.

Não podemos ignorar iniciativas como a criação e implantação, pela Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, do Gabinete de Gestão Integrada Municipal-GGIM para integração sistêmica e multidisciplinar do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI (envolve atores municipais, estaduais, federais e representantes da sociedade civil em torno do tema segurança pública, articulando ações de prevenção da criminalidade e visa atuar sobre as razões sócio-educativas, otimizando ações de segurança pública e políticas sociais). Esta iniciativa é uma ação de caráter estratégico que pode impactar tanto a médio como em longo prazo, nos resultados da gestão integrada da política de segurança do município de Fortaleza e na sua Região Metropolitana.

Assim, como o fato de a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza também compor o Grupo de Gestão Integrada Estadual-GGIE, juntamente com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social e outros órgãos estaduais e federais na gestão compartilhada das ações na área da segurança pública.

2.6 Secretaria Executiva Regional VI

A Secretaria Executiva Regional VI (SER VI) compreende os seguintes bairros: Sabiaguaba, Edson Queiroz, Sapiranga, Alagadiço Novo, Curió, Guajerú, Coaçu, Paupina, Parque Manibura, Cambeba, Messejana, Ancuri, Pedras, Jardim das Oliveiras, Cidade dos Funcionários, Parque Iracema, Alto da Balança, Aerolândia, Dias Macedo, Castelão, Mata Galinha, Cajazeiras, Barroso, Jangurussu, Passaré, Parque Dois Irmãos, Lagoa Redonda, São Bento e Palmeiras. A Regional tem uma população estimada em 510.381 mil habitantes (2009), e uma área de 13.492,50 há em que 1,83%(

246, 31 ha) desse total é ocupado por praças, áreas verdes, áreas livre e parques. A Regional atende diretamente aos moradores de vinte e nove bairros e ocupa uma área que corresponde a 42% do território de Fortaleza. E sua densidade demográfica é de 37,7(2009) habitantes por km². Desde 2005, a Regional conta com duas áreas de preservação, o Parque natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba e a Área de Proteção Ambiental (APA) da Sabiaguaba.

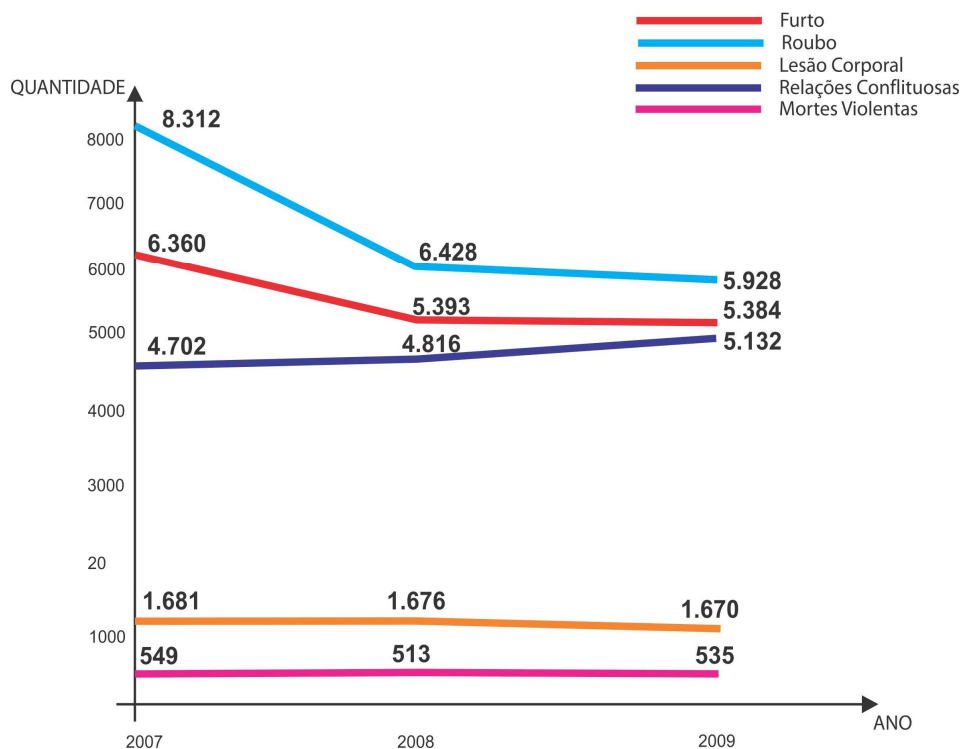
A Regional reúne 20,37% da população de Fortaleza e tem, também, a população mais jovem: 50% dos habitantes têm, no máximo, 22 anos. É ainda a Regional com maior índice de analfabetismo. Ocupa a terceira colocação em relação à renda familiar média mensal, com 4,67 salários mínimos, abaixo das Regionais II e IV. A principal atividade econômica é a de serviços e a Regional concentra 10,2% dos empregos formais de Fortaleza.

Com relação ao IDH-M (2000), doze bairros possuem índice médio (entre 0,500 e 0,799) e quinze têm índice considerado baixo (entre 0 e 0,499). Na Regional, o bairro do Curió, tem o menor IDH (0,338) de Fortaleza, e a renda média mensal dos responsáveis pelas famílias é R\$ 288,74.

Nesse contexto, este trabalho busca fazer algumas reflexões e análises sobre o fenômeno da criminalidade e da violência na SER VI, tendo como base **as ocorrências policiais classificadas na pesquisa de relações conflituosas, furtos, roubo, mortes violentas e lesão corporal**. As mesmas estão dispostas numa série histórica que compreendem os anos de 2007, 2008 e 2009.

De maneira geral, observamos que na SER VI as ocorrências furto, roubos e lesões corporais sofrem queda nos três anos seguidos (2007, 2008 e 2009). Com relação às ocorrências classificadas de relações conflituosas, há crescimento seguido nos mesmos três anos, enquanto as mortes violentas apresentam queda de 2007 para 2008 e tornam a crescer em 2009, como podemos observar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 32
Furto, roubo, lesão corporal, relações conflituosas e mortes violentas



MORTES VIOLENTAS

Na Regional, as ocorrências mortes violentas tem índices mais elevados nos bairros de **Messejana, Jangurussu, Aerolandia, Passaré, Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz, Cidades dos Funcionários e Palmeiras** como demonstra a tabela abaixo.

TABELA 24 – Mortes Violentas na Messejana, Jangurussu, Aerolândia, Barroso, Passaré, Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários e Conj. Palmeiras

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Messejana	114	126	95
Jangurussu	69	73	66
Aerolândia	38	36	35
Barroso	31	26	25
Passaré	48	31	30
Jardim das Oliveiras	33	22	41
Edson Queiroz	27	24	39
Cidade dos Funcionários	22	22	35
Conj. Palmeiras	11	23	43

Estes índices se movimentam e revelam tendências que merecem atenção. Os bairros Passaré, Aerolândia, Jardim das Oliveiras, Barroso e Edson Queiroz apresentam queda nas ocorrências de 2007 para 2008, à exceção dos bairros da Messejana, Jangurussu e Conjunto Palmeiras, que verificamos aumento no número de ocorrências, e a Cidade dos Funcionários que manteve o mesmo número de registros. De 2008 para 2009, as ocorrências continuaram em queda nos bairros do Passaré, Aerolândia e Barroso, voltaram a crescer no Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz e Cidade dos Funcionários. No caso da Messejana, houve queda significativa no número das ocorrências nos três anos seguidos enquanto o inverso acontece com o bairro Palmeiras, que manteve crescimento nas ocorrências no mesmo período.

Considerando a quantidade de mortes violentas que variam de 11 a 114 ocorrências registradas na série histórica de 2007 a 2009 nos bairros da SER VI, podemos afirmar que o bairro da Messejana liderou o primeiro lugar nas ocorrências, enquanto Jangurussu ficou em segundo lugar no triênio. No mesmo período, os demais bairros citados alternaram suas posições no ranking das mortes violentas numa variação que vai de 11 a 48 ocorrências.

HOMICÍDIOS

Os índices de homicídios, na Regional VI, apresentaram crescimento contínuo nos anos de 2007, 2008 e 2009. Ao observarmos as ocorrências de homicídios e de mortes violentas, verificamos também que os bairros com maiores índices nas ocorrências de mortes violentas assumem também posições de destaques entre os 20 bairros com elevados índices de homicídios na cidade de Fortaleza nos anos de 2007 (261), 2008 (267) e 2009 (305). Em 2007, os bairros Jangurussu, Messejana, Barroso, Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz e Lagoa Redonda e Alagadiço Novo estão entre os 20 bairros de maior incidência de homicídios em Fortaleza. Em 2008, assumem posição de destaque entre os 20, o bairro Palmeiras que sai da 29ª posição para a nona, enquanto saem do ranking Lagoa Redonda e Jardim das Oliveiras. No ano de 2009, Lagoa Redonda permanece fora do ranking, enquanto Palmeira pelo seu crescimento contínuo nos três anos assume o terceiro lugar no ranking e, o bairro do Alagadiço Novo pelo seu declínio, no mesmo período, deixa de compor o ranking e fica em 36º lugar com 8 homicídios.

Como podemos observar na tabela abaixo, há entre os bairros, com expressivas taxas de homicídios, movimentos simétricos e assimétricos que merecem ser destacados. O número de homicídios nos bairros Messejana, Edson Queiroz, Lagoa Redonda e Alagadiço Novo apresenta queda no ano de 2007 para 2008. No mesmo período, a exceção é o crescimento desse número no Jangurussu e no Palmeiras e a estabilidade dos números no Barroso. No intervalo de 2008 para 2009, a exceção é a estabilização nos números de homicídios do Barroso, cuja queda de um dígito representa estabilidade. Nesse mesmo período, os números voltaram a crescer nos bairros Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz e Messejana. No caso do bairro do Jangurussu, houve uma queda dos índices de 2008 para 2009.

TABELA 25 – Homicídios no Jangurussu, Messejana, Barroso, Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz, Lagoa Redonda, Palmeiras e Alagadiço Novo

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Jangurussu	41	43	32
Messejana	46	39	61
Barroso	23	23	22
Jardim das Oliveiras	18	12	19
Passaré	18	13	15
Edson Queiroz	15	14	16
Lagoa Redonda	15	9	7
Palmeiras	11	20	45
Alagadiço Novo	16	14	8

FURTOS

No que se refere às ocorrências de furto, observamos tendência geral de queda nos três anos da pesquisa nesta Regional: 2007 (6.360), 2008 (5.393) e 2009 (5.384). Nos bairros Messejana, Jangurussu, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários, Passaré, Aerolândia e Palmeiras, apesar da queda apresentada, as estatísticas policiais continuam altas. A elevação bruta da taxa de furto de 2008 para 2009 ocorreu apenas no bairro Edson Queiroz, como podemos verificar, a seguir.

TABELA 26 – Furtos na Messejana, Jangurussu, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários, Passaré, Aerolândia e Palmeiras

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Messejana	1.262	1.130	1.157
Jangurussu	669	492	462
Edson Queiroz	849	662	686
Cidade dos Funcionários	620	597	489
Passaré	443	282	252
Aerolândia	250	230	227
Palmeiras	238	171	79

ROUBO

De modo geral, na Regional VI, as ocorrências de roubo também apresentaram queda nos índices de 2007 (8.312), 2008 (6.428) e 2009 (5.928). Este fenômeno pode ser observado, mais acentuadamente, nos bairros que apresentaram maiores índices de ocorrências de roubos, como Jangurussu, Messejana, Edson Queiroz, Cidade dos Funcionários, Passaré, Jardim das Oliveiras e Castelão. Dentre estes bairros, a Aerolândia é o único que apresenta crescimento contínuo deste tipo de crime nos três anos considerados, enquanto o bairro Castelão apresenta queda nas ocorrências de 2007 a 2008 e um aumento de 2008 a 2009.

TABELA 27 – Roubo no Jangurussu, Messejana, Edson Queiroz, Aerolândia, Cidade dos Funcionários, Passaré, Jardim das Oliveiras, Castelão, Barroso, Palmeiras

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Jangurussu	1.243	792	667
Messejana	1.383	1.181	1.036
Edson Queiroz	722	609	428
Aerolândia	630	708	725
Cidade dos Funcionários	663	550	515
Passaré	516	381	380
Jardim das Oliveiras	465	305	191
Castelão	415	308	350
Barroso	385	241	202
Palmeiras	373	316	292

LESÃO CORPORAL

Mesma tendência geral de queda apresentada nas ocorrências de furto e roubo ocorreu, também, nos números relativos às ocorrências de lesão corporal nos três anos da pesquisa nesta Regional: 2007 (1.681), 2008 (1.676) e 2009 (1.670). Este fato pode ser observado mais detalhadamente nas ocorrências registradas nos bairros do Jangurussu, Messejana, Edson Queiroz, Passaré, Jardim das Oliveiras e Palmeiras, que apresentaram índices altos de lesão corporal. Contudo, há que destacarmos assimetrias,

como o fato de o Jardim das Oliveiras apresentar queda contínua nos anos de 2007, 2008 e 2009, seguindo a tendência geral da Regional VI, enquanto o bairro do Edson Queiroz apresentou queda e estabilização; Messejana, Jangurussu e Palmeiras queda e subida; e o Passaré subida e queda nas mesmas ocorrências, como podemos verificar na tabela abaixo.

TABELA 28 – Lesão Corporal no Jangurussu, Jardim das Oliveiras, Edson Queiroz, Messejana, Palmeira e Passaré

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Jangurussu	332	295	276
Jardim das Oliveiras	117	92	82
Edson Queiroz	200	172	172
Messejana	240	238	255
Palmeiras	238	214	217
Passaré	119	124	118

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

Nas ocorrências relativas a Relações Conflituosas, a tendência geral desta Regional é de crescimento nos anos de 2007(4.702), 2008(4.816) e 2009(5.132). Embora a tendência de crescimento das relações conflituosas seja uma constante nos três anos da pesquisa, observamos variações de queda e ascensão dos índices nos bairros que apresentaram elevações das ocorrências no período. Os bairros da Aerolândia, Castelão, Cidades dos Funcionários, Jardim das Oliveiras e Passaré registraram crescimento nos índices de 2007 para 2008 e queda em 2009. Os bairros Barroso, Dias Macedo, Messejana e Jangurussu apresentaram queda nos índices de 2007 para 2008 e elevação em 2009. No caso dos bairros Palmeiras e Edson Queiroz as taxas decresceram, enquanto nos bairros Lagoa Redonda e Ancuri as taxas cresceram nos três anos seguidos.

No caso do Jangurussu, evidenciamos a instalação de uma sala de Mediação na Delegacia Distrital do Bairro, que funciona como projeto piloto que serve de laboratório para alunos da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), que são responsáveis pelas atividades de mediações junto aos casos que chegam à delegacia. E no bairro Jardim das

Oliveiras, um Núcleo Descentralizado da Defensoria Pública do Estado do Ceará no bairro Jardim das Oliveiras, no Conjunto Tancredo Neves, com atividades de Mediação Comunitária, Promoção de Direitos Humanos e Assistência Jurídica. Assim como um Núcleo de Mediação Comunitária do Ministério Público Estadual no bairro Lagoa Redonda.

A queda nos índices de ocorrências conflituosas no Bairro Jardim das Oliveiras, de 2008 para 2009, pode estar relacionada à atuação de um Núcleo Descentralizado da Defensoria Pública do Estado do Ceará que atua naquela área. Assim como as atividades do Núcleo de Mediação no bairro Lagoa Redonda e da sala de Mediação, na delegacia distrital do bairro do Jangurussu, são iniciativas de políticas públicas voltadas para a mediação e assistência de relações conflituosas, nos bairros em questão, que pode incidir positivamente no controle de ações criminosas de alta potencialidade, e que não podem ser ignoradas.

TABELA 29 – Relações Conflituosas na Aerolândia, Castelão Cidade dos Funcionários, Jardim das Oliveiras, Passaré, Barroso, Dias Macedo, Messejana, Jangurussu, Palmeiras, Edson Queiroz, Lagoa Redonda Ancuri

Bairros / Anos	2007	2008	2009
Aerolândia	205	212	207
Castelão	159	227	189
Cidade dos Funcionários	174	222	207
Jardim das Oliveiras	272	303	299
Passaré	391	420	419
Barroso	279	272	318
Dias Macedo	123	118	144
Messejana	671	669	777
Jangurussu	646	633	686
Palmeiras	279	267	208
Edson Queiroz	509	503	423
Lagoa Redonda	152	155	189
Ancuri	98	125	136

A Regional VI tem se caracterizado, nas últimas duas décadas, pelo grande fluxo de pessoas que busca moradia de baixo custo em localidades e bairros que se

situam no entorno da denominada Grande Messejana. Não se pode ignorar que das 92 áreas de risco em Fortaleza, cerca de 39 se localizam nas Regionais V e VI que, juntas, totalizam 47 bairros da Capital. Um número considerado dessa população, que fixou moradia nos bairros e localidade da Grande Messejana, é composto de pessoas que não apresentam laços mais estreitos de vizinhança e/ou familiares, considerando que muitos são originárias de diferentes localidades da Cidade e de outras regiões do Estado. Essa realidade de fluxo contínuo de novos moradores pode ser um dos motivos para que a ação de grupos organizados na defesa de direitos, nesta Regional, tenha impacto reduzido. A este aspecto, alia-se o fato desta possuir uma das populações mais jovem, com 50% do total de seus habitantes na faixa de 22 anos e ser, ainda, a Regional com maior índice de analfabetismo. Estes são fatores que podem favorecer o crescimento dos índices de violência e criminalidade na Regional VI.

No caso da violência fatal (homicídios), em 2007, oito bairros da Regional (Jangurussu, Messejana, Barroso, Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz, Novo Alagadiço e Lagoa Redonda) estavam entre os 20 bairros que apresentaram os maiores índices de homicídios em Fortaleza. Em 2008, esta situação alterou-se para 6 bairros (Jangurussu, Messejana, Barroso, Edson Queiroz, Palmeiras, Alagadiço Novo) e, em 2009, permanecendo com 6 bairros (Jangurussu, Messejana, Palmeiras, Barroso, Jardim das Oliveiras e Passaré) na listagem dos mais recorrentes em práticas de homicídios.

Podemos observar, ainda, que o perfil das vítimas de homicídios na Regional, nos anos de 2007, 2008 e 2009, se concentra na faixa etária de 15 a 39 anos, mais de 90% são do sexo masculino, enquanto as vítimas do sexo feminino não chegam a 10% delas. A maioria absoluta desses homicídios foi resultado do uso de armas de fogo. Em 2007, 82% dos homicídios na SER VI foram praticados à bala, em 2008, 85% e em 2009, 90%.

O grau de instrução das vítimas de homicídios está concentrado entre os alfabetizados ou aquelas pessoas que sabem ler minimamente, e os que têm ensino fundamental e médio incompletos. No mesmo período, a Regional também apresentou altos índices de ocorrências criminais tipificadas como furto, roubo, lesão corporal, relações conflituosas e mortes violentas. Podemos, de certa maneira, afirmar que a prática dos homicídios se cruza com as outras ocorrências criminais e muitas vezes são conseqüências diretas ou indiretas destas.

No caso das Relações Conflituosas, a tendência geral da Regional é de crescimento dessas ocorrências nos anos de 2007, 2008 e 2009, o que demanda políticas

e ações de enfrentamento de curto prazo do poder público como a expansão de Núcleos de Mediação Comunitária com a participação direta das organizações da sociedade civil. Há que se destacar a instalação do projeto piloto ou sala de Mediação na Delegacia Distrital do Jangurussu, que desenvolve atividades de mediação junto à população que recorre à delegacia em decorrência de situações de conflito e que pode ser um exemplo a ser seguido pelas demais delegacias. No entanto, essas iniciativas ainda são muito pontuais e não atendem à demanda dos bairros que apresentam grande número de ocorrências conflituosas.

Como explicar o fato de uma Regional que possui grande adensamento populacional e, altos índices de ocorrências conflituosas e criminais só contar com o funcionamento de dois desses núcleos e um projeto piloto numa delegacia de um dos seus bairros, quando a demanda por esses serviços é uma realidade na maioria dos bairros da Regional, como demonstram estatísticas dos Núcleos sobre seus atendimentos na Regional.

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Os dados aqui apresentados nos revelaram uma síntese condensada do volume de informações que foram trabalhadas e analisadas conceitualmente. Muitas dificuldades foram experimentadas na imersão de todos os pesquisadores em campo, tais como a diversidade das fontes, o desencontro das informações e suas incoerências e inconsistências, os precários caminhos de acesso às bases de dados, a exemplo dos dados disponibilizados pelo antigo IML/SSPDS (atual Coordenadoria de Medicina Legal da Perícia Forense do Estado do Ceará-PEFOCE)¹⁴ e os problemas nas localizações de determinadas ocorrências; a aproximação conceitual entre o que pode ser definido como violência e o que está inscrito no campo das transgressões da legalidade, entre outros tantos aspectos, nos remeteram a permanentes discussões e retomadas de estratégias buscando a superação dos impasses na apreensão da totalidade dessas ocorrências, sob lógicas diversas de sistemas de registros delas.

Esclarecemos que a coleta de dados referente aos homicídios passou por problemas relacionados ao fato de trabalharmos com a base de dados disponibilizada pelo IML/SSPDS que apresentava algumas dificuldades na localização das ocorrências, obrigando-nos a checar constantemente os dados para a montagem georeferenciada dos mapas Cartográficos. Este aspecto teve que ser superado com busca detalhada das diferentes localidades (bairros/ruas) de Fortaleza, tendo como referências as bases cartográficas do IBGE(2000), da cidade de Fortaleza e, o Google Earth. Somente depois de superado este impasse é que as ocorrências (homicídios) puderam ser registradas e depois georeferenciadas, assim como as demais ocorrências trabalhadas pela pesquisa.

Na medida em que esta pesquisa ocupou um lugar de pioneirismo, alguns problemas tiveram que ser superados no desenrolar do trabalho de campo, alcançando, neste Relatório, resultados cartográficos sobre o perfil e as características das cinco grandes ocorrências escolhidas como amostras representativas como poderemos constatar nos anexos.

A exigência dobrada nos critérios de definição das categorias e os expurgos necessários visando à clarificação de critérios e aproximação dos dados coletados nos

¹⁴Perícia Forense do Estado do Ceará (Pefoce), criada em 07 de janeiro de 2008, é o órgão técnico-científico que integra o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social e passou a congrega as Coordenadorias de Medicina Legal, Perícia Criminal e Identificação Humana e Perícias Biométricas.

permitiu chegar ao atual estágio de reflexão das informações. Como demonstramos ao longo deste relatório, o recorte temporal das análises limitou-se à série histórica relativa aos anos de 2007, 2008 e 2009, exigindo análise comparativa que estabelecesse nexos causais e explicativos mais acurados sobre os índices de criminalidade e violência na cidade de Fortaleza, já que não basta apenas o estabelecimento numérico das estatísticas das ocorrências criminosas na Cidade e sua percepção espaço-temporal sendo necessário qualificá-las. Estabelecida esta relação, coube-nos aprofundar, na análise, a melhor compreensão das informações obtidas, os condicionantes sócio-culturais e econômicos, muitas vezes não revelados à primeira vista, que podem ser vetores importantes na projeção dos Mapas Cartográficos de cada conjunto de bairros que formam as Secretarias Executivas Regionais (SER's) no Município.

Este exercício de leitura compreensiva e comparada dos dados estatísticos aqui reunidos e o seu tratamento analítico mais rigoroso, conforme as tipificações criminais construídas pela própria pesquisa, se nos revelou como uma etapa fundamental para o cumprimento da produção final do Mapa Cartográfico da Criminalidade e da Violência da Cidade de Fortaleza, retratado resumidamente nas Cartilhas anexadas a este relatório, visando à divulgação das informações obtidas na Pesquisa, numa linguagem acessível à população de modo geral.

Nesse contexto, a idéia norteadora, objeto do estudo em tela, é construir uma reflexão sobre políticas públicas no sentido de pensá-las como um desafio diante dos dados criminais, a partir das reflexões aqui levantadas. Partimos do pressuposto de que para que as políticas públicas de intervenção na sociedade pisem o chão da realidade e avancem de modo contínuo, faz-se necessário, antes de tudo, a participação popular nas ações e rumos tomados por organizações governamentais ou não-governamentais. A pergunta inicial é: como tornar as pessoas envolvidas nas diversas ações das políticas públicas, os principais sujeitos dessas políticas?

Foi por esta razão que decidimos divulgar os dados aqui sistematizados por meio de cartilhas para conhecimento mais ampliado da população, visando, com isto, contribuir para que ela possa desenvolver ações possíveis relacionadas à política de segurança pública na Cidade.

Ora, quando as políticas públicas levam em consideração, além dos estudos estruturais sobre problemas e as demandas sociais que estão em foco, como no caso da segurança e da juventude; quando levam em consideração, antes de tudo, as percepções dos sujeitos envolvidos e sua forma de viver, suas formas criativas e táticas de se

afirmar no cotidiano, seus modos próprios de gestão desse cotidiano, é possível destacar com ênfase ações, enfrentar os problemas e fortalecer, efetivamente, a participação popular no desenvolvimento de políticas públicas. O problema é que, na maioria das vezes, as políticas surgem como “pacotes” já fechados e, mesmo aquelas que se manifestam como participativas, são, na maioria das vezes, movidas por decretos que “orientam” um tipo de participação ou envolvimento dos sujeitos já determinados e que, geralmente, não se efetivam de fato com base na criatividade cotidiana e nas representações sociais dos envolvidos.

Uma questão central é a definição e o modo como se efetivam políticas públicas, especialmente aquelas direcionadas à problemática da criminalidade e da violência e, de modo mais específico, aos jovens (considerando que o percentual mais elevado de vítimas e vitimizadores estão nessa faixa da população).

As políticas públicas são planos e ações que envolvem formulação, implementação e avaliação de programas e projetos direcionados ao atendimento das demandas sociais. Tais ações, também, envolvem processos decisórios de gestores públicos, e ocorrem, geralmente, como desdobramento de demandas e reivindicações dos mais diversos e diferentes grupos sociais da sociedade civil. É na arena entre grupos sociais e gestores públicos que se situam as decisões sobre “‘o que fazer’ ou ‘não fazer’ e, sobretudo, ‘como fazer’, ou seja, a orientação política que deverá nortear a ação pública e regular as formas de interação entre agentes promotores, parceiros e segmentos-alvo da política”.(BELLUZZOI; VICTORINOII, 2004, p. 3).

A ação pública na área social, além da dimensão da prestação de serviços e geração de bens à coletividade, contém a definição dos modos de interação entre os agentes da política e sua regulação. Tal ação reflete a concepção do sujeito-alvo e a forma de se lidar com ele, sendo, no plano mais amplo, respaldada pelo modelo político-institucional vigente no país (IBIDEM).

É nesse sentido que corroboramos com as autoras na perspectiva de perceber que a ação pública, além do entendimento do “público-alvo” como beneficiário das políticas, precisa promover formas de interação, de parcerias, de avaliação constantes das práticas, culminando com a participação efetiva das partes do processo, quer sejam gestores públicos, seus técnicos e parceiros e o público a quem se destina as políticas públicas.

Em relação aos jovens, principais vítimas de homicídios revelados neste Relatório, voltamo-nos para o estudo das políticas públicas de juventude. Neste caso, as manifestações de violência e de insegurança e, especialmente, do medo que se instituem como marcas da juventude nas classes populares, em especial, denotam que o estudo de tais políticas passa pela investigação das práticas de violência e suas conseqüências, como insegurança e medo, significativamente crescentes e constantes no seio dos diversos grupos sociais. O medo e a sensação de insegurança são componentes fortes para o desencadeamento de problemas sociais que atingem a juventude, portanto, demandam das políticas públicas, estudos e ações que passam por esses fatores que agravam a condição de existência social juvenil, seja como vítima, seja como agentes da violência. Não é demais lembrarmos que juventude, especialmente das classes populares, e violência são categorias deste como mediação para compreendermos práticas sociais que envolvem esses segmentos e não para fazer uma associação inócua entre violência, juventude e pobreza, debate que precisa ser superado.

Esta reflexão significa descartar generalizações e excessos, porque simplificam e estigmatizam a realidade, fazendo recuar diante do medo da violência e das incertezas. O medo é uma produção social e histórica, muitas vezes mais simbólica do que real. Temos medo de alguém, de alguma coisa ou da polícia, movidos muito mais pelas representações socialmente construídas por uma sociedade a respeito dos papéis e funções atribuídos a cada um do que propriamente movidos pelas práticas que são diversificadas, dependentes das diversas situações. Um exemplo é a idéia do papel socialmente atribuído à polícia, considerada muito mais como agente do autoritarismo advindo do período da ditadura militar no país, agente da guerra e do combate etc., do que pela representação de homens e mulheres policiais, gente de carne e osso que agem com práticas e situações diversificadas.

O cidadão brasileiro, em especial, incorporou essa idéia do medo, generalizando, portanto, as ações policiais como violentas, truculentas etc. Claro que essa representação do medo é construída pela repetição durável da experiência, da propagação de cenas de violência, de práticas truculentas apresentadas cotidianamente. Entretanto, é a exacerbação das imagens de violência, da construção real e simbólica da guerra sem fim entre policiais e alguns segmentos da população, da incorporação simbólica (por policiais e população) de que polícia é feita para combater “suspeitos”, geralmente o pobre, negro e jovem, construída de forma geral, que alimentam ainda mais o medo e a crença no fracasso.

Esta percepção se explica não só do ponto de vista econômico, de classe – separação pobres e ricos – mas da relação interclasse e das classificações sociais produzidas e incorporadas numa sociedade e adquiridas pelos indivíduos; são também culturais e simbólicas. Ser alguém socialmente aceito depende da posição que ocupa neste espaço diferenciado, depende do *quantum* e da aproximação ou distância que se tem de capital econômico e de capital cultural, enfim, da posse de bens e dinheiro, de educação, de tradição, de costume etc. Este reconhecimento pode vir da posse de “capital herdado” diretamente da família ou legitimado pela escola, “capital adquirido” pela “certificação escolar” ou por outras formas de aquisição dentro das estruturas sociais (BOURDIEU, 2008, p. 78).

Qual a relação dessa trama complexa e incerta das instituições e de seus indivíduos, dispostos nos espaços sociais diferenciados pelos sistemas de classificação, com o desafio das políticas públicas participativas?

Estamos no rumo das Políticas Públicas que, como qualquer temática no campo das lutas do mundo social, nos faz recordar que elas não existem sem conflito e disputas. Trata-se de políticas sociais do Estado (muitas vezes do Governo de plantão) que, por sua vez, traz sobre si o caráter político-institucional, a expressão do poder legítimo, de guardião das relações sociais de dominação. Diante das contradições e desigualdades sociais, das demandas e exigências da sociedade civil e da possibilidade de também o Estado interferir como ator social, surge o questionamento das instituições sociais, geram-se tensões e conseqüentes mudanças no aparelho do Estado. Este passa a optar por políticas públicas que, tanto funcionam como estratégias para investir e dispor de recursos que voltam para o próprio Estado, promovendo o desenvolvimento da instituição e da dominação, como se associam às demandas e necessidades da população para garantir a “governabilidade democrática”¹⁵. Tal governabilidade só ocorre com um mínimo de controle e consenso social, sendo, portanto, a política pública, uma forma de barganha do cidadão.

Há também que considerarmos, num sentido mais amplo, as políticas sociais como ferramenta para minorar as desigualdades sociais e garantir os direitos básicos de

¹⁵ Cf. em ABAD, Miguel, Crítica Política das Políticas de Juventude, in FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.) *Políticas Públicas Juventude em pauta*, São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. O autor expõe alguns pontos básicos para a discussão sobre política pública, no sentido de entendê-la como ação estatal como investimento no próprio Estado, com recursos e ampliação das relações de dominação e controle do cidadão.

cidadania efetiva. Na podemos ignorar que na sociedade brasileira, os direitos políticos e civis antecederam aos direitos sociais, ao contrário do que aconteceu na sociedade européia e americana. Por aqui, os direitos sociais sempre foram usados para apoiar projetos de poder das elites em todos os períodos da política nacional (CARVALHO, 2001). No caso específico dos jovens, considerados vulneráveis, especialmente em relação à sua entrada no mercado de trabalho e ao envolvimento e enfrentamento da violência, são fortes candidatos a serem alvos privilegiados de políticas públicas. Este segmento social, por seu turno, tende a manifestar-se, de alguma forma, especialmente por meio de seus corpos, utilizando-os como marcas da rebeldia, no âmbito cultural e político, e agindo também no âmbito da violência como manifestação coletiva de um tipo de dissidência social, como afirma Maffesoli (1987). Nesse campo, o conflito Estado e juventude é visível, em sua natureza negativa e positiva. Dependendo da ação estatal, da flexibilidade ou não do Estado e de suas instituições legítimas que tratam de controlar a violência, de gerir e de realizar as políticas, estaremos lidando com um vasto índice de controle e repressão ilimitado ou com um campo simbólico onde se verifica um jogo de forças, as disputas por autoridade e território, as negociações mais flexíveis.

No campo simbólico, verifica-se também, por meio das políticas, mais que expandir mudanças qualitativas na vida dos jovens, no que concerne ao seu aparecimento e a sua participação cidadã, uma efetivação da instituição estatal, em diferentes níveis, registrando o alvorecer de um tipo de “saber-poder” do Estado, através de seus atores e técnicos.

Ainda que seja óbvio que tenham sido implementadas sob diversos enfoques e características institucionais, resulta lógico que o surgimento das mais importantes iniciativas das políticas sociais de juventude, com nome próprio, se relaciona, mais do que com os efeitos na vida dos jovens, com o florescimento e perfeição de uma máquina de domínio, uma institucionalidade pública especializada a nível supranacional, nacional e subnacional, o desenvolvimento de marcos normativos e legais, o incremento de ofertas programáticas, e a formalização de um saber-poder, encarnado em investigadores, consultores e acadêmicos (ABAD, 2003, p. 21-22).

O que se quer compreender é o papel do Estado de controlar as instituições públicas, sem deixar de alargar a participação livre dos cidadãos na construção da democracia. Neste sentido, é imprescindível que população e Estado reconheçam a necessidade de cooperação para o enfrentamento das demandas da violência. Trata-se

não apenas de ação propriamente dita, mas de uma “reiteração simbólica permanente da vontade de todos de compartilharem uma existência comum” (PERALVA, 2000, p. 22).

Na verdade, o que propomos é evidenciar o Estado que, através de seus órgãos gestores e da participação da sociedade civil, tem papel primordial de potencializar políticas públicas no sentido de alargar a participação social no foco da juventude e da segurança pública, como continuação da constituição legítima da cidadania.

Tal problematização no campo das políticas públicas de enfrentamento da violência, com foco na juventude, depara-se com a realidade desses sujeitos. De acordo com os dados da Cartografia, mais de 60% das pessoas que estão morrendo em Fortaleza são homens jovens entre 15 e 29 anos, com profissão definida, residentes na periferia da Cidade, de baixa instrução e morrem violentamente assassinadas por arma de fogo, na maioria das vezes, por motivos fúteis. Outro dado revelador, segundo o Sindicato dos Médicos do Estado do Ceará, é que cerca de 60% dos corpos necropsiados, vítimas de mortes violentas, apresentam teor de álcool.

Nesse cenário, afirmamos que as políticas de intervenção são de fato necessárias para desafiar e alterar os dados da criminalidade e da violência urbana, conforme afirma Pais (2010): as “políticas de intervenção que tenham sempre por referência o chão que elas pisam, os *contextos de vida* (objectivos, subjectivos e trajectivos) daqueles a quem elas se dirigem” (p. 141). Pelo fato de que a participação da juventude nessas políticas quase sempre se dá pelo viés de uma “educação para o trabalho” colado ao conceito de cidadania normativa e, portanto, definida como “categoria estável de direitos e obrigações”. “Raramente essa problematização questiona o sentido do sistema de educação que temos, a desigual estrutura de oportunidades de sistema de emprego...” (PAIS, 141-2). No caso da nossa realidade, este confronto expõe, pelo menos, dois aspectos a serem considerados pelas políticas públicas:

1. Enfrentamento da drogadição e o desarmamento. Assistimos hoje ao assassinato em massa da população jovem, causado pelo tráfico de drogas e de armas que vem crescendo arbitrariamente sem que se enfrente de forma eficaz este fenômeno. Propor políticas públicas significa levar em consideração o enfrentamento das drogas, da rede de tráfico de drogas e de armas, especialmente da circulação livre das armas de fogo. Fortaleza, mais especificamente os serviços de saúde, de assistência social e de segurança pública, precisa de um diagnóstico mais preciso sobre a problemática das drogas, mais precisamente sobre o *crack*, que lhes possibilitem elaborar políticas

públicas de enfrentamento dessa realidade. Esse enfrentamento exige intervenções qualificadas do poder público que devem ser orientadas por bons diagnósticos.

2. Ações voltadas para a educação formal de jovens que estão dentro e fora da Escola formal, que atinjam o mundo de vida dos educadores e professores que formam esses jovens. As atividades relacionadas ao ensino de uma profissão, a inserção desses jovens ao mercado de trabalho pode se dá pelo acesso aos dispositivos de Arte, Cultura, Esporte e Lazer que são fundamentais para a inclusão social que lhes possibilitem condições reais para o alargamento dos horizontes sociais na vida de tantos jovens, ações estas que deverão estar presentes nas políticas para a juventude. Pelo simples fato de que “ [d]esenhar políticas de juventude é desenhar *mapas de futuro*” (PAIS, 2010, p. 142). Entretanto, não podemos ignorar que os dados aqui apresentados e analisados a respeito da baixa escolaridade daqueles que foram mortos chamam atenção para algo também fundamental. Quem está morrendo? Qual a relação dessas mortes com a baixa instrução e com políticas estruturais direcionadas à Escola formal, à formação continuada e qualificada de professores, gestores, servidores e alunos que lidam com o cotidiano desses jovens? Como pensar isto com enfoque nas políticas que envolvem a participação dos sujeitos? De quais sujeitos estamos falando? Pesquisas e diagnósticos apresentam a importância da Escola nas percepções de muitos jovens, mas também mostram a distância e a dificuldade de continuar os estudos (geralmente muitos não conseguem ir além do Ensino Fundamental). Por quê? E o lugar dos educadores na vida desses jovens, que também estão saturados da vida cotidiana! Como formar professores para lidar com situações que envolvem violências cotidianas como drogadição, uso de armas, as tramas do narcotráfico e os territórios demarcados?

Estas são questões para pensar políticas voltadas para a melhoria da segurança urbana, com foco especial na juventude, mais como vítima preferencial do que como vitimizadora. Diante de dados como estes aqui apresentados, nos instiga a questionar os papéis sociais do poder público, dos movimentos sociais, dos parceiros, dos que convivem dia a dia com os problemas sociais, do “público-alvo” participante e que participação é essa.

Importante questionarmos as políticas já em desenvolvimento e pensarmos nesses problemas de ordem estrutural, como a ausência da Escola Formal, no sentido de instrução e, de escolarização, e ausência de formação em seu conceito lato Não se trata de afirmarmos ter a escola como Redentora. Significa não minimizar a importância e o

papel dela como estrutural na vida dos sujeitos. Aspecto importante a destacar, revelado pelos dados aqui apresentados é o fato de que a maioria das vítimas de homicídios em Fortaleza situa-se nas faixas de baixa escolaridade ou nenhuma. Quanto maior é o acesso à formação e aos títulos, menos é a taxa de vitimização. O que este dado real nos revela e que mudanças devem ser radicalizadas visando à diminuição do número de vítimas juvenis neste contexto analisado?

A violência cotidiana que tornou determinada parcela da população jovem mais vítima do que vitimizadora, pulou o muro da Escola formal e esta não sabe o que fazer frente à concretude de realidades heterogêneas e desafiadoras que não podem ser enfrentadas por modelos pedagógicos do século passado, porque são questões colocadas pelo século XXI. A reação da Escola, na maioria das vezes, tem sido a permanência e a reação a mudanças, e a ausência de diálogos com gerações que buscam acesso aos bens e serviços da sociedade que lhes possibilite desenhar *mapas de futuro*.

Nesse contexto, as análises e reflexões a seguir se deterão mais especificamente sobre alguns dados da criminalidade e da violência mais destacados da realidade vivenciada pelos moradores das seis Regionais na cidade de Fortaleza.

Assim, observamos a concentração de várias ocorrências em alguns bairros já amplamente classificados pelo estigma de “bairros violentos”. Constatamos variações para mais e para menos, de acordo com aspectos específicos de cada bairro, como: extensão territorial, número de habitantes, dados históricos de vulnerabilidade e a maior ou menor presença dos órgãos estatais e de atividades comerciais, industriais e turísticas.

Estes dados nos ajudam na compreensão das realidades de Regionais tão heterogêneas e ao mesmo tempo tão semelhantes como a realidade dos bairros da Secretaria Executiva Regional I, localizados no extremo oeste da Cidade, região historicamente desprovida de investimento em serviços e equipamento públicos, que a diferencia da região leste de Fortaleza. Apesar disso, é nesta Regional que há amplo capital social acumulado proveniente dos movimentos sociais urbanos e da existência de programas e projetos governamentais ou não governamentais.

Com efeito, o que se destaca mesmo é o conflito entre a adesão a ações criminais e iniciativas de resistências às práticas de violência presentes na Regional I, característica significativa para pensá-la como um todo em termos de mapeamento dos delitos e, bem mais, nas formas de enfrentamento da criminalidade e da violência.

Todas estas questões nos fazem pensar sobre os investimentos em Segurança Pública, como o Programa Ronda do Quarteirão e sua proposta de policiamento de proximidade com a população e em programas sociais como o Centro Urbano de Cultura e Arte (Cuca) da Barra do Ceará, os Núcleos de Atendimento ao Adolescente, os Centros de Atendimento Psicossociais (Caps), os Centros de Referência da Assistência Social (Cras), Núcleos de Mediação de Conflitos dentre outros, além da presença de ONGs e outros organismos da sociedade civil.

Ou seja, existem investimentos em políticas públicas nos bairros, existe inserção de movimentos sociais que têm alterado de alguma forma o cotidiano de alguns lugares, porém, permanece a questão contraditória da evolução dos números dos crimes.

A Barra do Ceará, apesar de ser o bairro com o maior número de ocorrências criminosas da Regional I, demonstra queda em tais indicadores. Outros bairros desta mesma Regional, contrariamente, apresentaram crescimento no número de ocorrências criminais em 2009, ou sem mudanças significativas em relação aos anos anteriores. Cabe o questionamento: de que forma as políticas públicas governamentais têm, efetivamente, garantido a segurança e a qualidade de vida das pessoas que moram na Regional?

Há que avaliarmos as ações sociais nesse sentido, para observarmos o que tem dado certo e o que precisa de atenção para possíveis modificações e avanços visando alcançar melhores resultados. Sabemos que os moradores da SER I serão beneficiados com o projeto Vila do Mar, que beneficiará a população ali residente com urbanização e área de lazer em sua orla marítima, numa extensão que vai do bairro do Pirambu (antigo cartodromo) à Barra do Ceará.

No que se refere à Regional II, esta é caracteristicamente marcada pela segregação social, aspecto emblemático da cidade de Fortaleza. É uma região com bairros que concentram boa estrutura física, belas avenidas e prédios, áreas verdes, serviços, comércio, bons equipamentos sociais e, ao mesmo tempo, localidades com estrutura urbana precária, sem a presença de equipamentos e ações de natureza pública.

Constatamos que crimes contra o patrimônio e conflitos são mais propícios a acontecerem em bairros como Centro, Aldeota, Papicu, Meireles e Praia do Futuro, com destaque para o Vicente Pinzón, no qual foi registrado número significativo de ocorrências, entre as quais crimes contra a vida. Observamos que estes bairros concentram as ocorrências da Regional, revelando seus paradoxos sociais entre bairros nobres, mas marcados, transversalmente, por problemas comuns aos bairros

considerados de periferia: moradias irregulares como favelas, visíveis injustiças sociais e graves problemas de segurança relacionados ao tráfico de drogas, gangues, roubos e mortes.

A Secretaria Executiva Regional III apresentou redução nas ocorrências de furtos, homicídios e mortes violentas no triênio 2007/2008/2009. Em contrapartida, os roubos, casos de lesão corporal e relações conflituosas aumentaram.

No que se refere a mortes violentas, a diminuição deste tipo de ocorrência em bairros como Antonio Bezerra, Henrique Jorge, João XXIII e Quintino Cunha, certamente contribuiu para que a Regional III obtivesse melhores resultados nos números de ocorrências criminais em 2009.

Pesquisa mais direcionada e aprofundada nestes bairros pode resultar na identificação dos fatores que estejam determinando estes resultados. O que percebemos, de imediato, é que os homicídios não tiveram papel decisivo na redução das mortes violentas como se constata nos dados apresentados na pesquisa. Prova disto é que estas registraram redução de 70 casos, em números absolutos, entre 2007 e 2009, frente à diminuição de 12 casos de homicídio, em números absolutos, no mesmo período nos mesmos bairros.

Com analisamos antes, não podemos desconsiderar, com esteio na formulação de políticas de segurança pública em Fortaleza, o impacto das vidas perdidas no trânsito como fatores importantes no debate sobre a redução da violência e da criminalidade na Cidade.

No período de 2007 a 2009, a Secretaria Executiva Regional IV apresentou redução nas seguintes ocorrências criminais: roubos, furtos e mortes violentas. O resultado merece ser analisado com maior profundidade, tanto por parte dos pesquisadores do tema quanto do poder público, considerando que essas reduções representam mais estabilização do fenômeno do que propriamente redução na totalidade bruta desses números como pode ser constatado nos dados apresentados pela Regional.

Percebemos, numa primeira análise, que bairros com grande número de ocorrências - como Parangaba e Montese - registraram movimento de queda nestes índices, o que, certamente, afeta o resultado da Regional IV. É importante compreendermos, a partir de então, que fatores têm contribuído para determinadas reduções ou estabilização dessas ocorrências, se este movimento ocorre de forma espontânea ou é consequência de algum tipo de intervenção e ações de natureza pública. Para tanto, os dados de 2010 são cruciais para sabermos se esse fenômeno nas

ocorrências registradas pela Regional se deu de forma sustentada ou se trata, na verdade, de uma mera oscilação estatística.

A realidade que se apresenta na Regional V, mais especificamente, nos bairros do Grande Bom Jardim é um desafio à atuação das redes sociais e associações e das políticas públicas de modo geral, frente à problemática da criminalidade e da violência na Regional. Aqui, consideramos, ainda, sob um primeiro olhar, que todo o trabalho realizado junto à população vulnerável, por meio de um grande número de projetos sociais governamentais e não governamentais não impactou, em curto prazo, na redução da violência fatal, como nos revelam os elevados índices de homicídios na Regional como um todo e como esperava a população local e a sociedade de modo geral. Por outro lado, os índices de ocorrências conflituosas decresceram, mas essa queda não chega a representar alterações significativas na redução dos índices absolutos e aproxima-se mais de certa estabilidade das ocorrências. No Bom Jardim, a atuação do Núcleo de Mediação Comunitária do Ministério Público pode estar fazendo diferença na redução apresentada no Bairro.

Neste cenário, a importância da articulação dos órgãos de segurança pública nos seus níveis local, estaduais e federal é fundamental para elaboração e execução de políticas em interfaces com as demais políticas públicas e a sociedade civil, assim como a continuidade desses projetos para enfrentamento mais estratégico da criminalidade e da violência nos espaços da Cidade a curto, médio e longo prazo.

Há, ainda, que dizermos da importância do êxito dos projetos sociais executados e em execução no “Território de Paz”, mais especificamente na região do Grande Bom Jardim, voltados para populações vulneráveis à violência e à criminalidade. Este Projeto parte da execução da política de segurança cidadã proposta pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional de Segurança Pública, em parceria com estados e municípios, com objetivos de construir políticas de segurança mais preventivas que repressivas no enfrentamento da criminalidade e da violência nas cidades brasileiras.

Nesse mesmo cenário, não podemos ignorar iniciativas como a criação e implantação, pela Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, do Gabinete de Gestão Integrada Municipal-GGIM para integração sistêmica e multidisciplinar do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI (envolve atores municipais, estaduais, federais e representantes da sociedade civil em torno do tema segurança pública, articulando ações de prevenção da criminalidade e visando atuar

sobre as razões sócio-educativas, otimizando ações de segurança pública e políticas sociais). Essa iniciativa é uma ação de caráter estratégico que pode impactar tanto a médio como em longo prazo, nos resultados da gestão integrada da política de segurança do município de Fortaleza e na sua Região Metropolitana. Assim, como o fato de a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza também compor o **Grupo de Gestão Integrada Estadual-GGIE**, juntamente com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social e outros órgãos estaduais e federais na gestão compartilhada das ações na área da segurança pública. Essas articulações possibilitaram a implantação de uma base fixa de policiamento do Programa Ronda do Quarteirão na área do Bom Jardim e a promessa da instalação de mais duas bases na área de execução do “Território de Paz”, assim como a designação de uma força tarefa, composta por delegados da Polícia Civil, pelo então secretário de segurança pública do Estado, delegado federal Roberto Monteiro, para desarquivar os 299 inquéritos policiais instaurados nos últimos 12 anos, na 32ª delegacia distrital do Bom Jardim, para investigar crimes de mortes e que estavam parados sem identificação dos autores. Um dos grandes problemas dos homicídios na área do Grande Bom Jardim são os homicídios de autoria desconhecida e, como consequência da impunidade, surgem práticas do “fazer justiça com as próprias mãos”, vinganças cometidas por familiares ou amigos das vítimas, assim como os assassinados para ajuste de contas ou ainda as práticas de execuções e chacinas envolvendo grupos rivais, assassinos de aluguel ou milicianos.

Por fim, a Regional VI tem se caracterizado, nas últimas duas décadas, pelo grande fluxo de pessoas que busca moradia de baixo custo em localidades e bairros que se situam no entorno da denominada Grande Messejana. Não podemos ignorar que das 92 áreas de risco em Fortaleza, cerca de trinta e nove se localizam nas Regionais V e VI que, juntas, totalizam 47 bairros da Capital. Um número considerado dessa população, que fixou moradia nos bairros e localidade da Grande Messejana, é composto de pessoas que não apresentam laços mais estreitos de vizinhança e/ou familiares, uma vez que muitos são originários de diferentes localidades da Cidade e de outras regiões do Estado. Essa realidade de fluxo contínuo de novos moradores pode ser um dos motivos para que a ação de grupos organizados na defesa de direitos, nesta Regional, tenha impacto reduzido. A este aspecto, alia-se o fato desta possuir uma das populações mais jovem, com 50% do total de seus habitantes na faixa de 22 anos e ser, ainda, a Regional com maior índice de analfabetismo. Estes são fatores que podem favorecer o crescimento dos índices de violência e criminalidade na Regional VI.

No caso de violência fatal (homicídios), em 2007, oito bairros da Regional (Jangurussu, Messejana, Barroso, Jardim das Oliveiras, Passaré, Edson Queiroz, Novo Alagadiço e Lagoa Redonda) estavam entre os 20 bairros que apresentaram os maiores índices de homicídios em Fortaleza. Em 2008, esta situação alterou-se para 6 bairros (Jangurussu, Messejana, Barroso, Edson Queiroz, Palmeiras, Alagadiço Novo) e, em 2009, permanecendo com 6 bairros (Jangurussu, Messejana, Palmeiras, Barroso, Jardim das Oliveiras e Passaré) na listagem dos mais recorrentes em práticas de homicídios que pode ser caracterizado com estabilização dos dados.

Podemos observar, ainda, que o perfil das vítimas de homicídios na Regional, nos anos de 2007, 2008 e 2009, se concentra na faixa etária de 15 a 39 anos, mais de 90% são do sexo masculino, enquanto as vítimas do sexo feminino não chegam a 10% delas. A maioria absoluta desses homicídios foi resultado do uso de armas de fogo. Em 2007, 82% dos homicídios na SER VI foram praticados à bala, em 2008, 85% e em 2009, 90%. (Esse percentual é em relação aos números absolutos da Regional em cada ano da série histórica).

O grau de instrução das vítimas de homicídios está concentrado entre os alfabetizados ou aquelas pessoas que sabem ler minimamente, e os que têm ensino fundamental e médio incompletos; no que se refere à ocupação, o maior número de vítimas está entre as pessoas classificadas como empregadas. No mesmo período, a Regional também apresentou altos índices de ocorrências criminais tipificadas como furto, roubo, lesão corporal, relações conflituosas e mortes violentas. Podemos, de certa maneira, afirmar que a prática dos homicídios se cruza com as outras ocorrências criminais e muitas vezes são conseqüências diretas ou indiretas destas.

No caso das Relações Conflituosas, a tendência geral da Regional é de crescimento dessas ocorrências nos triênio 2007, 2008 e 2009, o que demanda políticas e ações de enfrentamento de curto prazo do poder público como a expansão de Núcleos de Mediação Comunitária que funciona com a participação direta das organizações da sociedade civil, como é o caso do Núcleo de Justiça Comunitária do bairro Lagoa Redonda, na Grande Messejana. Destacamos, ainda, a instalação do projeto piloto ou sala de Mediação na Delegacia Distrital do Jangurussu, que desenvolve atividades de mediação junto à população que recorre à delegacia em decorrência de situações de conflito e que pode ser um exemplo a ser seguido pelas demais delegacias. No entanto, essas iniciativas ainda são muito pontuais e não atendem às demandas crescentes dos bairros que apresentam elevados números de ocorrências conflituosas.

Desafiador é como explicar o fato de uma Regional que possui grande adensamento populacional e altos índices de ocorrências conflituosas e criminais, só contar com o funcionamento de dois núcleos de mediação (um do Ministério Público Estadual e outro da Defensoria Pública do Estado) e um projeto piloto desenvolvido numa delegacia de polícia como prática de atividade acadêmica da Universidade de Fortaleza, quando a demanda por esses serviços é uma realidade na maioria dos bairros da Regional, como demonstram as estatísticas dos núcleos sobre seus atendimentos na Regional.

No caso das demais Regionais, a presença desses núcleos é, ainda mais rara. A SER I conta com dois núcleos do Ministério Público Estadual, nos bairros do Pirambu e Barra do Ceará, a SER II tem um núcleo da Defensoria Pública do Estado, no Cais do Porto, conhecido como núcleo do Mucuripe. Na SER III, a Defensoria Pública tem um núcleo no Bom Sucesso, embora denominado como núcleo do João XXIII, a SER IV é atendida pelo núcleo do Parangaba e a SER V pelo núcleo do Bom Jardim, ambos do Ministério Público Estadual.

Por fim, o que fazer frente ao dimensionamento que assumem as questões vivenciadas pela população nos bairros das Regionais que compõem a cartografia da criminalidade e da violência na cidade de Fortaleza?

A resposta está na força das organizações da sociedade civil, no poder de articulações e pressões dos seus dispositivos de interlocução com os gestores públicos na busca de horizontalização das políticas públicas nas Regionais, com ênfase na ampliação e integração de políticas e ações setoriais de intervenção de curto, médio e longo prazos, considerando o fato de que a problemática da criminalidade e da violência não se soluciona apenas com ações policiais, são questões que dizem respeito à resolução negociada dos conflitos e tensões da convivência urbana nos espaços públicos da cidade.

Nesse cenário destacamos, sobretudo,

“ a necessidade de mudança na filosofia e na ótica da atuação policial, através de uma formação profissional que transformasse os valores centrados na racionalidade punitiva do Estado-Penitência de que fala Wacquant(1999), em uma racionalidade preventiva, fundada nos valores da cidadania e apta a garantir à sociedade credibilidade e confiança nos mecanismos de segurança pública de que dispõe”.(PORTO,2010,p.248).

Acreditamos como a autora, que essa é condição *sine qua non* para que haja também mudanças nas representações sociais que a sociedade, de modo geral, faz dos dispositivos policiais.

Estas reflexões estão relacionadas às condições de possibilidades da segurança urbana nas sociedades democráticas e nos seus espaços públicos e na convivência com os diferentes e iguais. Estas são questões que desafiam os governos democráticos, suas instituições e suas políticas sociais. “Se a sociedade não privilegia os espaços públicos para negociação de conflitos pode contribuir para abrir portas para a violência como mecanismo para a resolução desses mesmos conflitos” (IBIDEM, p.249). O exemplo factual está nos elevados índices de ocorrências conflituosas, de lesões corporais e mortes violentas cartografadas nas Regionais e revelados na concretude dos homicídios classificados de “ajustes de conta”, no “fazer justiça com as próprias mãos” ou armar outras mãos para fazê-lo, ou nas execuções e chacinas comandadas por grupos rivais ou ainda nas atividades criminosas das milícias que vendem segurança e outros trabalhos nos bairros pobres da periferia de Fortaleza.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.) **Políticas Públicas Juventude em pauta**, São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

AKERMAN, Marco e BOUSQUAT, Aylene. Mapas de risco de violência. IN: **São Paulo em Perspectiva** 13(4), São Paulo: USP, 1999.

ALMEIDA, R. O. ; Barreira, C. ; Abreu, D. S. ; Freitas, G. J. ; Ferreira, D.L. ; Zaranza, J. S. ; Sa, L. D. ; Pimenta, R. D. . **Ligado na galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza**. Brasília: UNESCO-Brasil, 1999. ARAGÃO, E. F.; FREITAS,

ANUÁRIO DO CEARÁ 2010-2011. Fortaleza: Jornal O Povo, 2010.

ARCHELA, Rosely e ARCHELA, Edison. **Síntese cronológica da cartografia no Brasil**. **Portal da Cartografia**, América do Norte, 113 08 20

BARCELLOS, Christovam e BASTOS, Francisco Inácio. Geoprocessamento, ambiente e saúde: uma união possível? IN: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 12(3):389-397, jul-set 1996.

BARREIRA, César et al. À Espera de Justiça: assassinatos de crianças e adolescentes na Grande Fortaleza. CEDECA-CE. Fortaleza: Expressão, 1999.

BARREIRA, César et al. **Questão de Segurança: políticas governamentais e práticas policiais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2, pp. 177-188. ISSN 0104-9313.

BELLUZZO, Lilia; VICTORINO, Rita de Cássia. A Juventude nos Caminhos da Ação Pública. In: **São Paulo em perspectiva**. vol. 18, nº 4, São Paulo, Oct/Dec., 2004.

BOURDIEU. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008 .

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Programa Nacional de Segurança com Cidadania. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/>, Acesso em 26 de outubro de 2010.

BRASIL, G. M. (Org.). **A face feminina da polícia civil: gênero, hierarquia e poder.** Fortaleza-CE: Editora da Universidade Estadual do Ceará-EdUECE, 2008.

BRASIL, Glauécia Mota. 2000, *A segurança pública no “Governo das mudanças”*: moralização, modernização e participação. São Paulo, 325p. (Tese Doutorado em Serviço Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. 2000. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A Fala do crime. IN: **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Edusp, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CEARÁ. Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. Projeto Ronda do Quarteirão, 2008.

D’ALGE, Júlio César Lima. Cartografia para Geoprocessamento [online]. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/cap6-cartografia.pdf>. Acessado em: 23 de janeiro de 2010.

FREITAS, Geovani J. de.; ALMEIDA, R. de O. ; MELLO, Paulo Decio de Arruda . **Organizações Policiais em Revista.** Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2009. v. 1. 138 p.

_____. Et al (organizadores). **Fortaleza e suas tramas: olhares sobre a Cidade.** Fortaleza : EdUECE, 2008.

GPDU/CDVHS. **Diagnóstico Socio-Participativo do Grande Bom Jardim.** Coord. Geovani Jacó de Freitas e João Bosco dos Santos. Fortaleza. 2003. Mimeo.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Noções básicas de cartografia.** [online] Disponível em: http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_geo/ Acessado em: 21 de janeiro de 2010.

_____. **Malha Digital**: referencias metodológicas. Disponível em: http://geoftp.ibge.gov.br/mapas/malhas_digitais/municipio_2005/E500/Documentacao_Tecnica/. Acessado em: 20 de novembro de 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros no Brasil. Governo do Brasil. Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA; Instituto Sangari; Ministério da Saúde; Ministério da Justiça. Brasília, 2008.

MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). IN: Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez 2005, p. 440-470.

MISSE, Michel. **Sobre a construção social do crime no Brasil**: esboço de uma interpretação. In: http://serv01.informacao.andi.org.br/25ddd12e_117460dd374_-7f8e.pdf. Site consultado: www.pebodycount.com.br/post/postUnico.php?post=991 <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI2254317-EI306,00.html>

OLIVEIRA, Paulo Tarso Sanches de e et al. Geoprocessamento como ferramenta no licenciamento ambiental de postos de combustíveis. IN: Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (1): 87-99, jun. 2008.

OSCIPE VIVA COMUNIDADE. Seguindo a Rota das Armas: Desvio, Comércio e Tráfico Ilícitos de Armamento Pequeno e Leve no Brasil. Projeto **Mapeamento do Comércio e Tráfico Ilegal de Armas no Brasil**. Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), Ministério da Justiça, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.vivario.org.br/publique/media/Seguindo_a_Rota_das_Armas.pdf. Acesso em: 22/02/2011.

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa cotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: ICS, 2010.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. **Contingências da violência em um território estigmatizado**. Dissertação (Mestrado Acadêmico), Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2007.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da Violência: do Conceito às Representações Sociais**. Brasília: Verbana Editora, 2010.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan/jun. 2004.

SOARES, Luis Eduardo Soares. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina e Vannuchi, Paulo. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2004.

SOUSA, Emanuel Bruno Lopes. 2008, Ronda do Quarteirão: um ‘acontecimento’ na política de segurança pública? Fortaleza, 115p. (Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade/Universidade Estadual do Ceará-UECE.

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. **MANA** 11 (2): 577-591, 2005.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente e RUSSO, Mauricio Bastos. Espacialização das violências em Porto Alegre: cidade complexa e diferenciada. IN: Prefeitura de Porto Alegre e a segurança pública. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2002.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violência e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. (Série Sociologia das Conflitualidades, 3).

WAISELFISZ J. J. **Mapa da Violência 2010** – Anatomia dos Homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, Brasília: Ministério da Justiça, 2010.

_____. **Mapa da Violência 2011** – os Jovens do Brasil. São Paulo:
Instituto Sangari, Brasília: Ministério da Justiça, 2011.